

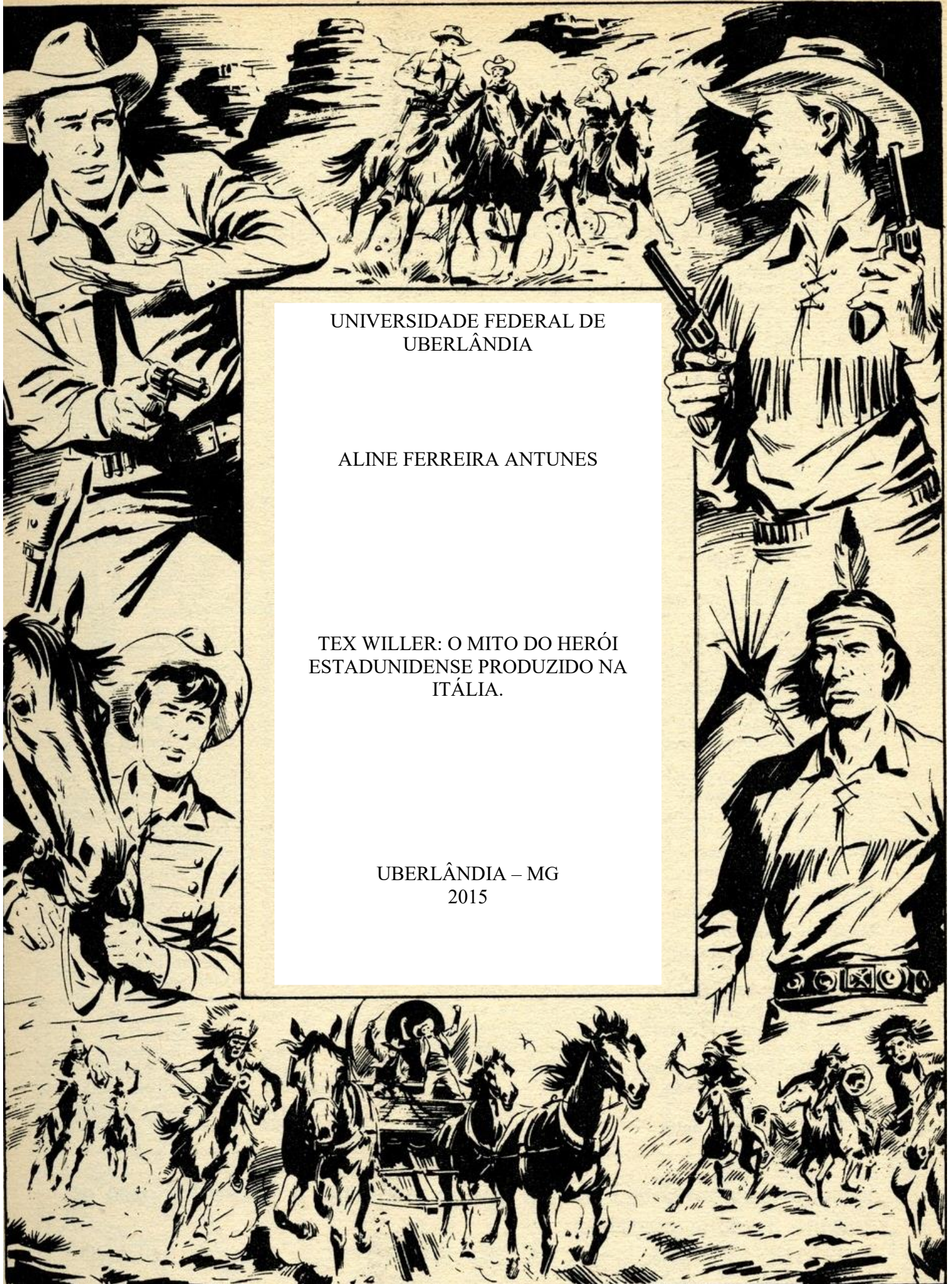
## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).





UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
UBERLÂNDIA

ALINE FERREIRA ANTUNES

TEX WILLER: O MITO DO HERÓI  
ESTADUNIDENSE PRODUZIDO NA  
ITÁLIA.

UBERLÂNDIA – MG  
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ALINE FERREIRA ANTUNES

TEX WILLER: O MITO DO HERÓI ESTADUNIDENSE PRODUZIDO NA ITÁLIA.

UBERLÂNDIA – MG

2015

ALINE FERREIRA ANTUNES

TEX WILLER: O MITO DO HERÓI ESTADUNIDENSE PRODUZIDO NA ITÁLIA.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de Uberlândia como exigência parcial para obtenção do título de graduada em Licenciatura e Bacharelado em História.

Área de Concentração: História.

Orientadora: Professora Dra. Mônica Brincalepe Campo.

UBERLÂNDIA

2015



Dedico este trabalho monográfico à Deus, aos meus pais Marina Ferreira de Souza Antunes e Robson Carlos Antunes, aos meus irmãos Leopoldo Ferreira Antunes e Mateus Ferreira Antunes, aos meus familiares que estiveram diretamente envolvidos neste processo: Noh Souza, Leopoldina Araújo, Maria Zilá Araújo e Edith Barca Antunes, ao meu companheiro Guilherme de Aguiar Costa. Por fim, dedico à minha orientadora Mônica Brincalepe Campo. Dedico à vida!

## **Agradecimentos:**

Agradeço primeiramente à Deus. Em seguida, agradeço à vida que Ele escolheu me dar: os pais maravilhosos que tenho: agradeço à minha mãe Marina Ferreira de Souza Antunes e ao meu pai Robson Carlos Antunes por me criarem como sou, por me oferecerem oportunidades sempre, por se desdobrarem em mil para me fazerem voar, alcançar mundos que eles mesmo não conheceram, sejam mundos esses físicos, reais, ou imaginários. Meus pais são o fio mais forte da colcha de retalhos que é minha vida! Eles são a base do tecido, são a liga entre todos os retalhos que fui recebendo ao longo da minha caminhada e cortando, adaptando, criando, encaixando.

Agradeço à meus dois irmãos Leopoldo Ferreira Antunes e Mateus Ferreira Antunes pelos desafios sempre, pelos apoios, pelos acordos e desacordos. Vocês sempre estiveram presentes em minha caminhada.

Quero expressar meus sinceros agradecimentos à minha família (materna e paterna) que sempre esteve ao meu lado em diversos momentos e que me desafiaram, nem sempre me apoiando em minhas escolhas, mas sempre sendo sinceros e presentes: minhas tias, meus tios, avós, avôs (*in memoriam*) madrinhas, primas e primos. Vocês fizeram parte desta caminhada importante que foi minha vida acadêmica, seja de forma positiva e apoiadora, ou seja me desafiando pela minha escolha profissional.

À minha avó materna e madrinha que me ensinou a ciência da colcha de retalhos, do tapete de retalhos, mas não a prática. Usei a ciência da senhora para tecer a minha prática, a ciência que escolhi para minha profissão: a da escrita, a da pesquisa historiográfica. À minha querida tia Maria Zilá Araújo Souza que me ensinou a arte de contar histórias. À minha avó paterna e madrinha que me ensinou a ouvir histórias.

Tenho que expressar meus agradecimentos à todas minhas professores e todos meus professores, que contribuíram para minha caminhada escolar. Pessoas que me marcaram e que fizeram história (sem trocadilhos) na minha vida: desde o pré com pessoas maravilhosas como a Ivete e a Tia Sandra que estão presentes até hoje na minha vida e na minha memória. No ensino fundamental, do qual tenho ótimas lembranças: a ESEBA que foi meu berço por muito tempo: professores como o Alex Carvalho, a Lúcia Helena, a Leide Alvarenga, a Deise, o Hélio Carlos, a Clemilda, o Leonardo, a Cláudia de português, a Claudinha de biologia, pessoas cujo laço foi além da relação professor-aluna, mas também se tornou amizade.

Aos meus professores do Ensino Médio no Colégio Marista Champagnat: Osvaldo, Tia Jacqueline, Márcio Carvalho, Tia Cissa, Tia Silvânia.

Aos meus professores da Universidade que fizeram o papel não menos importante de conseguirem agrupar todos os retalhos que eu tinha nas mãos até 2010 e me guiarem na construção de uma linda colcha de retalhos que se encerra na elaboração deste texto, uma das colchas que compõem minha vida: Ana Paula Spini, Carla Miucci, Mara Regina do Nascimento, Maria Andréa Angelotti, Dilma Andrade, Regina Ilka, Marta Emísia Barbosa, Maria Clara Machado, Newton Dângelo, Paulo Almeida, Maria Elizabeth Carneiro, Florisvaldo Ribeiro, Jorgetânia Ferreira, Antônio Almeida, Guilherme Amaral, Jacy Seixas, Mônica Brincalepe, Maria Clara Machado, Vera Lúcia Puga, Olenir Maria Mendes, Jean Neves, Luciene Lehmkuhl, Katia Paranhos.

Também quero agradecer ao meu noivo, companheiro de “copo e de luta” como dizia Chico Buarque, meu companheiro para as horas boas e para os momentos ruins, e também à sua família. Obrigada Guilherme de Aguiar Costa por estar aqui comigo me apoiando, me dando suporte e me suportando. Seu apoio na minha pesquisa, nas ideias, nas indicações, nos livros presenteados, nos gibis, nos filmes, no meu estudo, na leitura do meu trabalho, foram fundamentais também para minha caminhada. Nossos momentos-retalhos estão presentes nesta colcha.

Aos amigos e às amigas sejam da faculdade, da ESEBA, do Conservatório estadual, do Marista, da *Université d'Orléans*: pessoas que me marcaram e que passaram pela minha vida, que também estão presentes no meu hoje, na pessoa que me tornei: Maria Carolina Paiva, Gabriela Rodrigues, Soryane Menezes, Rodrigo Assis, Thales Tavares, Flávia Cristina, Luana Leandra, Beatriz Maia, Nágila Rodrigues, Marli Porto, Maria de Fátima, Murilo Souza, Lucas Reis, Lucas Camargos, Cayo, Maria Luzia, Arielle, Nilzilene, Douglas Castro, Pedro Benedetti, Marília, Sérgio, Nihan, Lisa, Katia, Moni, o meu muito obrigada pela amizade, pelo carinho, pelo apoio, pelas risadas, pelos ombros, pelo companheirismo. Também aos amigos e às amigas de PIBID que me fizeram crescer muito durante dois anos de convivência e que me guiaram pelos caminhos tortuosos da História: Giselda Paiva, Natália Félix, Hugo, Diego, Ester, Fabrícia, Marcelo, Mislele, Manuel Batista, Mariana Samora, Aryadni e Vitor, com quem convivi mais.

Aos amigos e às amigas do CEBI (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos) que fazem parte da minha vida desde quando eu nasci e que me acolheram sempre, me inspiraram na luta por uma vida mais justa, um mundo melhor. Vocês que sempre foram



meus companheiros da longa caminhada que é a vida, “indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz”. Mas que também me ensinaram a beleza e a pureza desta vida que é caminhada. Obrigada a vocês também: Thiago Adão Lara e Maria Helena, Olenir, Guilherme José, Antônio Augusto, Ana Beatriz, Marta Maria, José Horácio, Martha Assis, Eunice Casaroti, Nilton, Eunice, Pastor Pedro, Ana Maria, Sindeval, Cristina, Vanessa, Daniela, Gustavo, Gleydes, Sérgio, Eleuza, Ana Paula, Jucyene, Deise, pessoas que me marcaram e que sei que estarão sempre comigo.

Ao pessoal da editora Bonelli por terem me recebido de braços abertos e com braços amigos. Por terem me acolhido em sua rotina de trabalho, por terem me incluído no café da manhã, terem parado seus trabalhos para me explicarem sobre o Tex, terem dedicado tempo a uma simples pesquisadora do “meio do Brasil” para falarem sobre minha própria pesquisa, me indicarem sites, locais e me doarem diversos livros e gibis de Tex. Por terem me mandado seus endereços eletrônicos e até mesmo postais. Por terem sido tão abertos e acolhedores. A diferença de ter sido bem acolhida apesar da barreira linguística fez muita diferença no resultado final deste trabalho.

Aos fãs de Tex que por meio de suas postagens, de suas mensagens também contribuíram para minha pesquisa e para enriquecerem meu banco de informações sobre o personagem de quadrinhos italiano mais famoso, e que deram seu apoio mesmo sem entenderem profundamente o objetivo desta pesquisa.

Por fim, à minha orientadora, coordenadora de dois projetos PIBIC/PIVIC (2013-2015) e amiga: Mônica Brincalpe Campo pela paciência, pelas leituras, pelos e-mails, pelos chás com pães de queijo, pelos livros, pela orientação, pelos acréscimos e cortes, pelos comentários, pelas reuniões, pelo apoio, pelas indicações e pelos “puxões de orelhas” sempre que necessário. Obrigada por ter embarcado comigo nesta aventura que foi pesquisar o Tex! Sem você este trabalho não teria o impacto na minha vida acadêmica que ele tem. Sem você esta colcha de retalhos não chegaria ao fim.

Agradeço à vida:

**Gracias A La Vida**

(Mercedes Sosa)

“Gracias a la vida que me ha dado tanto  
Me dio dos luceros que cuando los abro  
Perfecto distingo lo negro del blanco  
Y en el alto cielo su fondo estrellado

Y en las multitudes el hombre que yo amo

Gracias a la vida que me ha dado tanto  
Me ha dado el oído que en todo su ancho  
Graba noche y día grillos y canarios  
Martillos, turbinas, ladridos, chubascos  
Y la voz tan tierna de mi bien amado

Gracias a la vida que me ha dado tanto  
Me ha dado el sonido y el abecedario  
Con él, las palabras que pienso y declaro  
Madre, amigo, hermano  
Y luz alumbrando la ruta del alma del que estoy amando

Gracias a la vida que me ha dado tanto  
Me ha dado la marcha de mis pies cansados  
Con ellos anduve ciudades y charcos  
Playas y desiertos, montañas y llanos  
Y la casa tuya, tu calle y tu patio

Gracias a la vida que me ha dado tanto  
Me dio el corazón que agita su marco  
Cuando miro el fruto del cerebro humano  
Cuando miro el bueno tan lejos del malo  
Cuando miro el fondo de tus ojos claros

Gracias a la vida que me ha dado tanto  
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto  
Así yo distingo dicha de quebranto  
Los dos materiales que forman mi canto  
Y el canto de ustedes que es el mismo canto  
Y el canto de todos que es mi propio canto  
Gracias a la vida, gracias a la vida”

Agradeço à tod@s vocês,

Com imenso carinho e reconhecimento pela participação de cada um/a na minha identidade, na minha trajetória, na minha colcha de retalhos, na minha Vida.

Aline Ferreira Antunes.



“Caminheiro, você sabe

Não existe caminho.

Passo a passo, pouco a pouco, o caminho se faz.”

(António Machado, Cantares).

## Resumo

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) versa sobre a utilização do personagem de história em quadrinhos (HQ) italianos Tex Willer, produzido por Giovanni Luigi Bonelli e Aurelio Galeppinni a partir de 1948 em Milão, procurando estabelecer pontos de contatos entre a Itália enquanto local de produção do *fumetti* (quadrinho) e os Estados Unidos da América (EUA) enquanto local no qual habita o personagem de *western*, situado nas décadas finais do século XIX (1860 a 1890).

Para a elaboração deste, diversas leituras foram realizadas, no que diz respeito à utilização de quadrinhos como fonte histórica, como objeto de investigação histórica, à história dos EUA no século XIX e da Itália no século XX (sobretudo pós 2ª Guerra Mundial) e também sobre o próprio personagem Tex Willer.

O recorte estabelecido no presente texto foi, além de temporal, também temático na medida em que optei pela abordagem das aventuras que narram a participação de Tex na Guerra de Secessão estadunidense (1861-1865).

Foi possível concluir a partir deste trabalho que por meio das aventuras de Tex publicadas em diversos momentos históricos e passando pela mão de diferentes roteiristas e desenhistas, diálogos são estabelecidos entre a Itália e os Estados Unidos na medida em que o personagem habita no Texas, mas é produzido em Milão. A escolha temática feita aqui restringe-se à Guerra de Secessão, porém as diversas leituras de Tex para além destas, em específico, revelam o desenvolvimento, amadurecimento do personagem tanto na grafia, como no roteiro e nas características psicológicas do mesmo. O que percebemos ao final das análises tecidas aqui foi que os criadores de Tex “compram” as ideias difundidas pela própria indústria cultural estadunidense (sobretudo no âmbito dos westerns).

Neste sentido Tex é criado, imaginado, desenhado em um momento simbólico da construção do ideário de nação estadunidense (entre a Guerra de Secessão e a expansão e modernização do Oeste).

Palavras-chave: Tex Willer. Itália. Estados Unidos da América.

### Abstract

This text deals with the use of the Italian comic's character Tex Willer, produced by Giovanni Luigi Bonelli and Aurelio Galeppinni since 1948 in Milan, seeking to establish points of contact between Italy while a local of production of *fumettis* (comics) in the United States of America (USA) as a place in which inhabits the western character, situated in the final decades of the nineteenth century (1860-1890).

To prepare this text, a number of lectures were held, with regard to the use of comics as a historical source, as the object of historical research, the US history in the nineteenth century and Italy in the twentieth century (especially after the 2nd World war) and also on own character Tex Willer.

The clipping was established in this text, as well as temporal, also thematic in that opted for the approach of the adventures that narrate the participation of Texas in the American Civil War (1861-1865).

It was possible to conclude from this work that through Tex adventure's, published in different historical moments, and passing by the hand of different writers and artists, established dialogues between Italy and the United States to the extent that the character lives in Texas, but is produced in Milan. The thematic choice made here is restricted to the Civil War, but the various Tex readings in addition to these, in particular, reveal the development character of maturing both in spelling, as in the script and the psychological characteristics of the same. What we have perceived from the analyzes woven here was that the creators of Tex "had bought" ideas spread by the American cultural industry (particularly in relation to westerns).

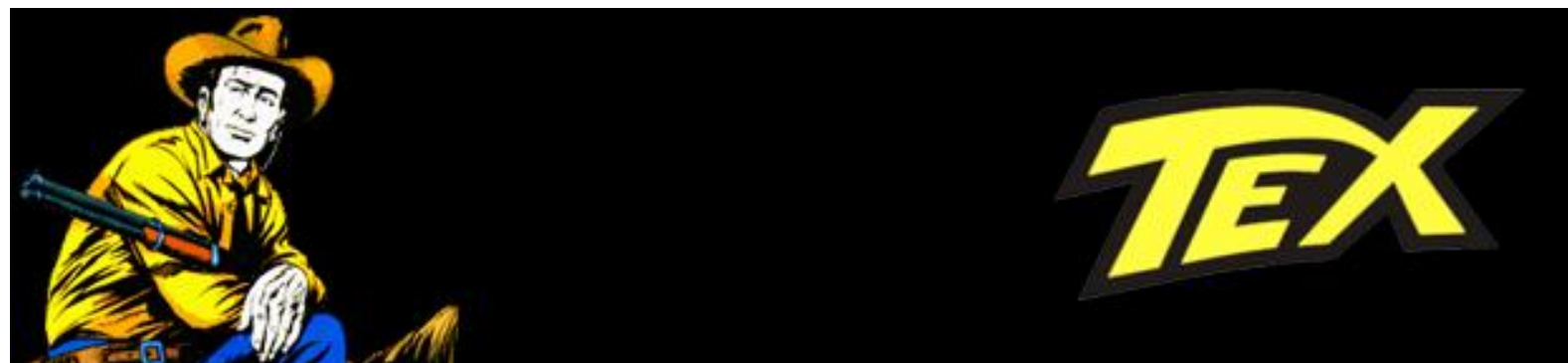
In this sense Tex is created, imagined, designed in a symbolic moment of the construction of the American nation ideology (between the Civil War and the expansion and modernization of the West).

Keywords: Tex Willer. Italy. USA.



## Sumário

<b>Introdução:</b> caminhando pelos andaimes da construção historiográfica de Tex Willer	1
<b>Capítulo 1:</b> caminhando pelas histórias em quadrinhos...	5
“É um homem? É um avião?”	9
Uma breve história das HQ’s	10
O personagem.	13
Tex Willer: contexto de produção	23
Tex Willer: os autores	27
<b>Capítulo 2:</b> Tex Willer: os Estados Unidos do século XIX e a Itália do século XX	33
Tex, um personagem dos Estados Unidos da América: o mito do cowboy	39
O Oeste de Tex	43
<b>Capítulo 3:</b> a Guerra de secessão retratada em Tex Willer	61
A guerra aos olhos de Bonelli	62
A guerra aos olhos de Claudio Nizzi	76
As interlocuções entre Itália e Estados Unidos por meio de Tex	87
<b>Considerações finais</b>	100
<b>Referências bibliográficas</b>	105



### **Introdução: caminhando pelos andaimes da construção historiográfica de Tex Willer.**

O título escolhido para introduzir este trabalho monográfico foi baseado nas aulas de estágio III ministradas pela professora Luciene Lehmuhkul no ano de 2014 no curso de Licenciatura e Bacharelado em História, quando esta dizia que o historiador tem que estruturar seu texto como um pedreiro faz um prédio: colocar os andaimes por fora para, tijolo por tijolo, acrescentar o cimento e deixar o prédio bem estruturado, bem montado, com sustentação. Também é preciso saber o máximo que esta estrutura irá aguentar e por fim dar uma pintura: dar a estética, uma personalidade. Por isso esta introdução é chamada de “caminhando pelos andaimes da construção historiográfica de Tex”, uma vez que esta é a parte que irá sustentar todo o texto, ao longo dos outros capítulos aqui elaborados.

Os andaimes são a primeira estrutura do texto: a escolha teórico-metodológica, temática, temporal, a partir das pesquisas e por fim a própria escrita. O verbo caminhar aqui não é mera escolha aleatória, mas sim intencional: desde a epígrafe o mesmo aparece para mostrar que um trabalho não se faz sem caminhada, sem pôr-se em movimento: é necessário a práxis, a ação e estar aberto à dialética da mudança sempre que necessário para reestruturar, retomar o que for necessário no texto.

O ofício da historiadora e do historiador se assemelha ao trabalho de feitura, de costura de uma colcha de retalhos: é preciso olhar para os pedaços de pano, cada um de um tamanho, com uma estampa, e conseguir enxergar um todo, uma colcha, pensar uma obra de arte final. Depois é preciso “imprimir” no pano os quadros de retalhos, juntá-los aos poucos para formarem diversos “capítulos” e por fim costurar todos estes, antes desconexos, e fazer um forro, um acabamento para, então, usar e/ou expor, mostrar a

beleza árdua produzida aos poucos com ajuda da técnica: a máquina, a tesoura, as linhas, a agulha, os panos retalhados, que com a ajuda da racionalidade humana para pensar coisas belas, deu forma à uma colcha de retalhos a partir de panos sem sentido espalhados por um cômodo.

Assim foi feito este trabalho de historiadora: recorte de panos, pesquisas, anotações de informações diversas. Durante a pesquisa e também minha formação profissional de historiadora, um questionamento se tornou latente. Um incômodo a partir do texto “pesquisa para quê?” do teólogo/professor/poeta Rubem Alves (1975). No texto, o autor coloca que antes de perguntas de ordem do conhecimento sobre o tema a ser estudado, devemos levantar questões sobre a *ética* do mesmo: para que conhecer? Para que pesquisar? E por fim, o mais importante: para quem? Pois “na medida em que ignoramos o para quê real do conhecimento que produzimos, continuamos a produzi-lo de forma imperturbável e sem problemas éticos de consciência” (p. 37).

Neste sentido foram levantadas questões sobre a importância da ética neste trabalho, nesta pesquisa, bem como da possibilidade de uma escrita isenta, apolítica. Isto é, sabemos que é difícil enquanto historiadoras e historiadores, encontrar um ponto de equilíbrio entre a sensibilidade, a subjetividade e o controle da emoção, o cientificismo. Mas é preciso em nossas análises, nossa escrita encontrar este ponto de equilíbrio e saber utilizar adequadamente os conceitos, o próprio objeto de pesquisa, sem perder de vista que também somos sujeitos históricos, portanto temos um chão no qual pisamos, nossa leitura e escrita não será nunca isenta e apolítica – daí o reforço de Rubem Alves (1975) da importância da ética nas produções científicas, acadêmicas.

A trajetória para o desenvolvimento deste trabalho foi árdua tanto profissional como pessoalmente, envolveu dois trabalhos de conclusão de disciplina (América I e II sob orientação da professora Ana Paula Spini), dois projetos de pesquisa (PIBIC<sup>1</sup> e PIVIC<sup>2</sup> – nos anos de 2013 a 2015 com financiamento do Cnpq<sup>3</sup> e da Fapemig<sup>4</sup>), sob orientação da professora Mônica Brincalpe Campo, diversas leituras, inúmeros filmes assistidos e comentados/analísados, incontáveis gibis adquiridos e lidos e várias versões escritas e *re*-escritas.

Este trabalho de conclusão de curso partiu de uma proposta inicial da disciplina de História da América I, sob orientação da professora Ana Paula Spini, como trabalho

---

<sup>1</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

<sup>2</sup> Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica.

<sup>3</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>4</sup> Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.



de conclusão de disciplina, cujo tema era estudar a formação da América: do Norte e Central, a construção dos estados nacionais no século XIX. Neste sentido propus um trabalho que abordasse a trajetória do personagem Tex Willer uma vez que os quadrinhos narravam o ranger que vivia no Texas justamente no período abordado na disciplina: o século XIX. A pesquisa para este primeiro trabalho mostrou que o tema “Tex” seria muito mais complexo do que a aparência: o recorte temporal se fez necessário uma vez que as revistas são produzidas de 1948 até os dias atuais, passando por diversas mãos de roteiristas e desenhistas, por diversas editoras no Brasil e no país de origem, como se verá nos próximos capítulos. Além disso, um recorte temático poderia auxiliar na pesquisa. O primeiro resultado foi um trabalho amplo e sem um fechamento: muitos assuntos foram abordados, muitas informações sem chegar a uma conclusão precisa sobre a pesquisa.

Desta maneira, o primeiro trabalho foi inconcluso, na medida em que foi feita somente uma grande introdução ao tema, foi abordada a revista sob diversos aspectos, mas sem ter um fio condutor, sem ter uma problemática central. O segundo trabalho, por sua vez, foi mais centrado e mesmo assim o resultado não foi satisfatório. Apesar disto, ambos foram importantes para o desenvolvimento de um Plano do estudante como proposta de pesquisa dentro do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) sob orientação da professora Mônica Brincalpe Campo, aprovado em 2013 com vigência de um ano e bolsa do Cnpq.

A partir de dois PIBIC’s foi possível caminharmos e aprofundarmos a pesquisa: definir um recorte temático, temporal, espacial, definir um fio condutor da pesquisa, o tema e a problemática central, a estrutura e começarmos os estudos: leituras, fichamentos, anotações diversas, pesquisas, viagens técnicas, produções de textos para congressos, análises de imagens inseridas ou não nas narrativas texianas, entre outras atividades.

Em 2014 por meio do programa de intercâmbios da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) com o governo francês, foi possível desenvolver seis meses de graduação na universidade francesa *Université d’Orléans*. Inserida nas atividades do intercâmbio, foi feita uma viagem técnica à Milão, na Itália, com o objetivo de conhecer a editora responsável pela produção de Tex: a *Sergio Bonelli Editore* (SBE), o que contribuiu enormemente para o desenvolvimento, a ampliação e novos olhares para esta pesquisa.

Retornando ao Brasil, em 2015, retomei a graduação e também a escrita do texto acadêmico para conclusão de curso (TCC). Neste sentido, a trajetória pessoal e profissional traçada para chegar a esta produção aqui exposta foi árdua, mas em nenhum momento desmotivadora, apesar das diversas dificuldades que se apresentaram ao longo da caminhada. É neste sentido que a escolha da epígrafe deste trabalho se dá: uma caminhada difícil que se dá paulatinamente, passo a passo, pouco a pouco.

Neste sentido, a partir de tudo isto, foi definido um objeto de pesquisa para este texto monográfico: a trajetória do personagem Tex Willer, criado em 1948 na Itália, por Giovanni Luigi Bonelli e Aurelio Galeppini ambientando-o nos Estados Unidos do século XIX. Ao longo deste texto está exposto o resultado de mais de dois anos de pesquisas e produções textuais, estruturados em três capítulos: as fontes, a metodologia, os objetivos da pesquisa.

A partir da temática do trabalho, foram feitas pesquisas para o levantamento de fontes de pesquisa possíveis e necessárias para serem aqui utilizadas. Entre elas as Histórias em quadrinhos (HQ's) do personagem Tex Willer de diversos períodos históricos (mesmo que posteriormente tenha sido feito um novo recorte), bem como diversas produções acadêmicas sobre o uso dos quadrinhos como fonte de pesquisa historiográfica.

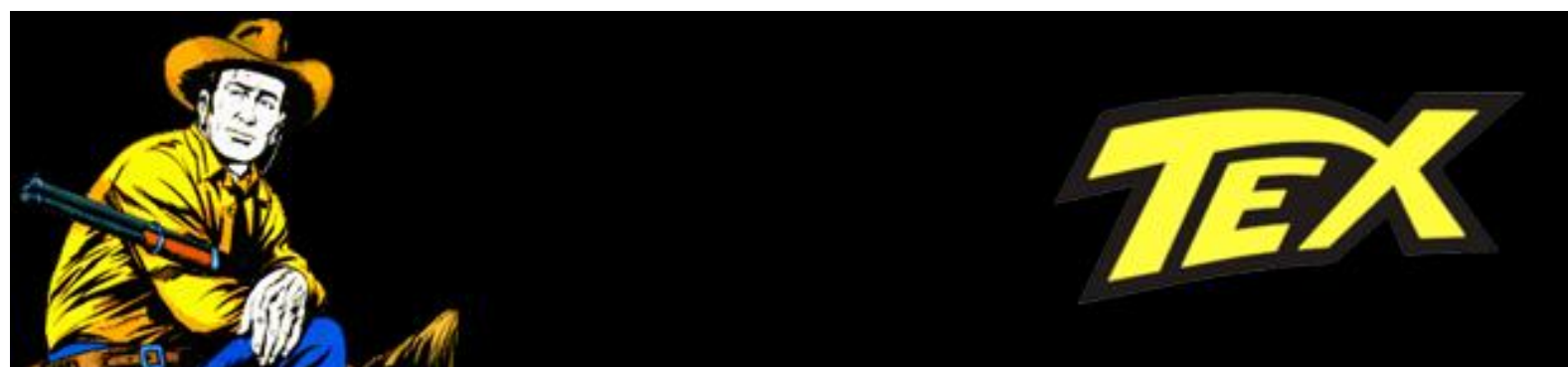
No primeiro capítulo são apresentadas informações necessárias para se compreender o universo Texiano: quem é este personagem, quem são seus autores, suas editoras, como o mesmo foi estruturado ao longo dos anos (a revista e o próprio personagem), como ele foi sendo tecido/construído e modificado. Bem como a justificativa de se pesquisar História em Quadrinhos, a metodologia aqui escolhida para trabalho, o objetivo do trabalho articulado à problemática central.

No capítulo dois, são abordados o tema do velho oeste, este território que este ranger habita, bem como o mito do oeste, as problematizações acerca da adaptação do personagem cowboy adaptado pelo criador do personagem para os quadrinhos. Também é feito um estudo a respeito da história da Itália, pensando sua a construção nacional, a fim de perceber como Bonelli e Galep são influenciados pela história do país que vivem para poderem então ambientar Tex e suas diversas aventuras narradas em histórias em quadrinhos, nos Estados Unidos, além mar, em outro século. Isto é, os criadores estão colocando Tex na América porém, muito do que é representado na HQ é uma (*re*)leitura da própria Itália. Além disto, há também a influência da indústria cinematográfica hollywoodiana que é divulgada no mundo todo retratando e criando uma imagem

própria do velho oeste, do próprio Estados Unidos da América, de seus personagens (índios, brancos) que estão representados em filmes de Western.

A partir disto um duplo movimento é traçado ao longo do trabalho: 1) a influência dos Estados Unidos e de sua indústria cultural produzindo sobre si mesma e divulgando na Itália e as leituras que Bonelli fará a partir disto. E 2) o próprio contexto italiano, a própria história da Itália que está repleta de conflitos por uma unidade, uma unificação, que também apresenta a dicotomia norte x sul, e que, quando do início da produção de Tex Willer, está passando por um momento de recuperação do regime fascista pós Segunda Guerra Mundial.

No último capítulo, são apresentados e analisados o corpus documental eleito como objeto de pesquisa para este trabalho, articulando a projeção do mito da fronteira do EUA e do homem solitário que se purifica e moralmente é superior ao seguir para o Oeste, e a sociedade patriarcal, católica italiana, marcada por um discurso masculino muito forte, mas também pela moral católica de solidariedade, caridade e família e como isto se apresenta nas histórias específicas aqui escolhidas para análises (as que se referem à guerra de Secessão). Além disto, foi destacada como são estas histórias da guerra de secessão aos olhos do criador de Tex Willer, sem perder de vista o capítulo anterior no qual foi traçada esta articulação entre Itália e EUA, isto é: iluminamos a fonte escolhida destacando as apropriações de Bonelli e Galep e posteriormente de Nizzi e Ticci da história estadunidense por meio do retrato da participação de Tex Willer na Guerra de Secessão em duas versões diferentes.



### **Capítulo 1: caminhando pelas histórias em quadrinhos...**

Neste capítulo iniciaremos a análise de Tex, entretanto, antes iremos discutir sucintamente uma historiografia em torno do trabalho com as Histórias em

Quadrinhos, buscando compreender a sua inserção como objeto de pesquisa para os historiadores. Assim, em um primeiro momento faremos uma investigação sobre o Estado da Arte no campo das análises realizadas por historiadores que trabalham com HQ's. Observamos que na área das Ciências Humanas Aplicadas, principalmente, nas Comunicações, os estudos com HQs têm obtido grande interesse e conseguiram consolidar um campo que é frequentemente explorado. Entretanto, observamos que nosso percurso se assemelha ao dos pesquisadores que usaram o cinema como objeto de análise para o historiador, porque estes invariavelmente se sentiram obrigados a iniciar seus trabalhos com justificativas de combate à uma forte resistência ao uso do filme como novo objeto de estudos. Neste sentido, percebemos que com os quadrinhos necessitamos seguir o mesmo percurso de justificativas, assim, afirmamos que as HQs são uma fonte legítima de pesquisa para compreender nossa sociedade contemporânea. Como todas/os as/os autoras/es analisados nesta pesquisa, acreditamos na importância dos quadrinhos para a produção de reflexão do historiador, e desta maneira, procuramos aqui justificar as escolhas teóricas e metodológicas que seguiremos para a produção da pesquisa com este objeto histórico. Nas leituras realizadas a partir dos diversos autores consultados percebemos como estes ampliaram nossas informações a respeito do estudo acadêmico dos quadrinhos.

No gráfico abaixo, por exemplo, podemos observar que foram feitos em torno de 20 trabalhos (incluindo teses e dissertações) envolvendo HQ's entre os anos de 2000 a 2007 na USP (Universidade Estadual de São Paulo). Também podemos observar que este é um campo de pesquisa em expansão, haja vista que as porcentagens de trabalhos desta área foram aumentando; e da década de 1990 para os anos 2000 é possível observar um salto maior.

FIGURA 1 – Tabela de produções de dissertações e teses na USP, por décadas.

ANO	Trabalhos	Porcentagem
1970-1979	03	8,1 %
1980-1989	04	10,9 %
1990-1999	10	27,0 %
2000-2007	20	54,0 %
TOTAL	37	100 %

Fonte: VERGUEIRO, SANTOS, 2010, p. 192.

Para Oliveira (2012), “as hq’s não existem dissociadas do mundo real, descontextualizadas; [...], descoladas da realidade objetiva e dos agentes sociais que a engendram (artistas) e interpretam [...]” (p. 19), tal qual a análise teórica proposta por Certeau, em *A Escrita da História* (1952), percebemos nos quadrinhos uma representação que está enredada em seu momento, e circula por entre as práticas contemporâneas de nossa sociedade atual.

Segundo Vergueiro e Ramos (2010), as HQs são arte seriada e sequenciais, e por conta disso é possível o reconhecimento de que por serem sequenciais elas podem contribuir para elaborar a interpretação de uma dada realidade em suas relações histórico-sociais e culturais de produção, bem como compreender a sua circulação por meio do mapeamento de seu consumo e do alcance que estas obtiveram nas suas práticas de apropriação da cultura social.

Segundo Bibe-Luyten (1985) “O que importa é de onde veem essas histórias [HQs] e quem as escreve, pois elas são excelente veículo de mensagens ideológicas e de crítica social, explícita ou implicitamente.” (p. 7). Apesar disto, elas são pouco utilizadas na pesquisa histórica por serem consideradas também um subproduto da cultura. No entanto, com a crescente ampliação de sua circulação, e a engenharia de subprodutos derivados e multiplicados para consumo que hoje circulam e são apropriados pelas mais diferentes classes sociais e culturais, não podemos mais nos dar ao luxo de menosprezar ou desprezar o alcance e a capacidade de mobilização cultural que engendram.

Tecendo uma crítica a esta autora, podemos observar que sua interpretação ainda é um pouco superficial, na medida em que toma os produtos midiáticos (os meios de comunicação de massa – MDCM) como alienantes e condutores de ideologias e nós, leitores como passivos receptáculos de valores alheios, depósitos ideológicos em resistência a esta recepção. Outra autora aqui adotada, Pereira (2011) tece uma interpretação diferente:

Ainda que a HQ possa ser vista hoje como uma arte consolidada, ela ainda sofre o ranço de ser considerada uma arte menor, [...] sem contar que, ainda hoje, existem inúmeros lugares-comuns que continuam insistindo na obviedade da linguagem da HQ, como se esse meio de comunicação não apresentasse nenhuma complexidade. Ora, tais referências aos quadrinhos como „subcultura“, „sub-arte“, ou uma espécie de ópio literário, que visaria unicamente a estandarização e alienação, é ressonância de certo debate sobre cultura de massa e indústrias culturais, que não obstante seu tom crítico contra a arte

massificada está assentado muitas das vezes em premissas elitistas e numa concepção aristocrática de cultura. (p. 15-16).

Procurando fundamentar esta pesquisa e justificá-la, foram utilizadas leituras como de Eco (2012) e Barros (2011) sobre a pesquisa em história, sobre quais devem ser as preocupações do historiador e quais perguntas (e respostas) devemos ter em mente. Para este último autor, é necessário justificarmos o trabalho de pesquisa em História com base em alguns aspectos: a relevância, a originalidade e viabilidade.

Como este trabalho é fruto de uma continuidade de mais de dois anos de pesquisa: elaboração de dois trabalhos de conclusão de disciplina, dois projetos de pesquisa PIBIC – FAPEMIG/Cnpq e um intercâmbio institucional, ele se mostra ser tanto original como justificável na medida em que traz uma investigação historiográfica que tem como objeto a produção Texiana, um personagem pouco estudado e pouco comentado, além de uma fonte de pesquisa metodológica também pouco investigada em História (os quadrinhos). A HQ a ser analisada, Tex, é uma produção italiana do pós II Guerra Mundial, e por isso, traz como uma de nossas preocupações compreender a ligação entre a Itália de 1948, e a apropriação do mito do Velho Oeste Americano realizada pelos criadores do personagem, representada nos quadrinhos.

Ficou claro, ao longo da pesquisa, o quão pouco há produzido não somente sobre o personagem de *western* Tex Willer, mas também, como pouco conhecemos da Itália, sua história e cultura no pós-guerra. Portanto, esta é uma pesquisa original, no sentido de ser se não solitária, incomum dentre o campo de conforto de pesquisas entre os historiadores brasileiros.

Pensando sobre as questões práticas da viabilidade deste trabalho, foram levantadas algumas problemáticas, tais como: é possível obter os originais da história escolhida? E antes disso, seriam eles de fato necessários? Questionamos também analisar se há diferenças entre o original em italiano e a tradução realizada para o português, seria possível encontrarmos muitas diferenças?

Para Rodrigues (2011), é necessário o acesso aos originais dos HQ's que escolhemos para trabalhar. Na viagem técnica que fizemos à Milão foi possível conseguir, diretamente da *Sergio Bonelli Editore* (SBE), os originais em italiano dos exemplares que diziam respeito à Guerra de Secessão (preto e branco), e também os originais coloridos que relatam a participação do personagem na Guerra. Por meio das leituras destes, foi percebida a seriedade do trabalho das editoras responsáveis pela

tradução de Tex no Brasil: os desenhos foram todos mantidos e as traduções de falas e roteiros foram feitas adequadamente.

Segundo os autores Rodrigues (2011), que estuda as Representações políticas da Guerra Fria: as histórias em quadrinhos de Alan Moore na década de 1980, e Pereira (2011), que estuda os quadrinhos argentinos de Inodoro Pereyra, os quadrinhos não devem ser utilizados como mera ilustração, e nem somente como incentivo à leitura literária, uma porta de entrada para a literatura, por exemplo, mas devem ser percebidos e inseridos no momento de sua produção. Este é o princípio básico da teoria da história ao estimular a utilização de qualquer produção humana como objeto de pesquisa: fazer a crítica interna, assim como a crítica externa do mesmo, buscando contextualizar a utilização de todos e quaisquer documentos como fonte.

### **“É um homem? É um avião?”**

A problemática central deste trabalho é perceber “quem é *esse* Tex Willer?”, ou seja, como o mito do homem solitário do Oeste pode ser apropriado por italianos no pós-guerra, que conseguiram construir a partir desta representação um produto que obteve ampla circulação pelo mundo e, ainda hoje, é a mais popular HQ consumida na Itália. Tex é um personagem de História em Quadrinhos italiana, que representa um ranger americano, qual seja, um cowboy solitário. Como percebê-lo, de justiceiro a que tipo de herói?

O intertítulo escolhido para esta parte é uma ironia à descrição de um dos heróis mais perfeitos das HQs americanas, pois trata-se de um ser com superpoderes, o qual necessita se disfarçar de humano para viver em sociedade. O Super Homem, criado em 1933 por Jerry Siegel e Joe Shuster, está distante da representação realizada por Bonelli. Tex, *à priori*, não é um *super* herói, mas sim um ser humano totalmente íntegro e correto, que possui uma correção moral inflexível, a qual nunca permite que se submeta aos ditames dos poderosos caso sua linha mestra de conduta seja pressionada. Tex segue na linha de seus valores morais de maneira inabalável, e sem crises de consciência ou autoquestionamentos depressivos. Esta é, possivelmente, uma das explicações para sua aceitação tão massiva e sua permanência longínqua no mercado, além de outros fatores que serão explorados nos próximos capítulos.

O fio condutor deste trabalho foi modificado algumas vezes ao longo da pesquisa, e sabemos que diversos temas seriam possíveis de serem explorados a partir

de Tex. A revista é rica em assuntos que poderiam ser abordados, como, por exemplo, sobre as relações de gênero ali presentes (tanto na representação da sociedade indígena como na branca), sobre o tema da escravidão, entre outros. A escolha desta HQ para ser analisada como objeto de minha monografia ocorreu por perceber, primeiramente, a caracterização moralista deste personagem de quadrinho, o que me levou a buscar descobrir a história dos autores que a produziam e da revista que a veiculava. Depois, uma compreensão da representação de Tex como um ranger inserido no oeste americano em pleno momento de crise da unificação da nação americana, sendo o mito do herói solitário da fronteira sua matriz. Entretanto, intrigava-me o fato de que Tex é escrito e desenhado na Itália de 1948. Assim, o mito do homem solitário da fronteira e do Oeste americano na formação da identidade nacional dos EUA, construído e afirmado ao longo dos séculos XIX e XX, foi apropriado a partir das particularidades e questões pertinentes à própria Itália, sendo os seus autores e os primeiros consumidores deste produto de mídia no pós II Guerra Mundial, italianos. Tex permanece ainda hoje um grande sucesso de vendas em seu país de origem, a Itália. A circulação deste produto chegou a nós aqui no Brasil nos anos 1950, mas foi interrompida e retornou em 1971, durante o Regime Civil-Militar, e permanece em circulação, o que nos faz questionar a força do mito fundador americano e a maneira como este é apropriado pelas mais diversas culturas, como também, a estrutura de identidade moral que nos faz reconhecer o herói Tex como sendo parte de nossa própria mitologia cultural.

### **Uma breve história das HQ's.**

É importante que tenhamos em mente como esta arte sequencial se estrutura ao longo dos tempos, como dá corpo e forma ao que hoje conhecemos no Brasil, na linguagem informal por “gibi”.

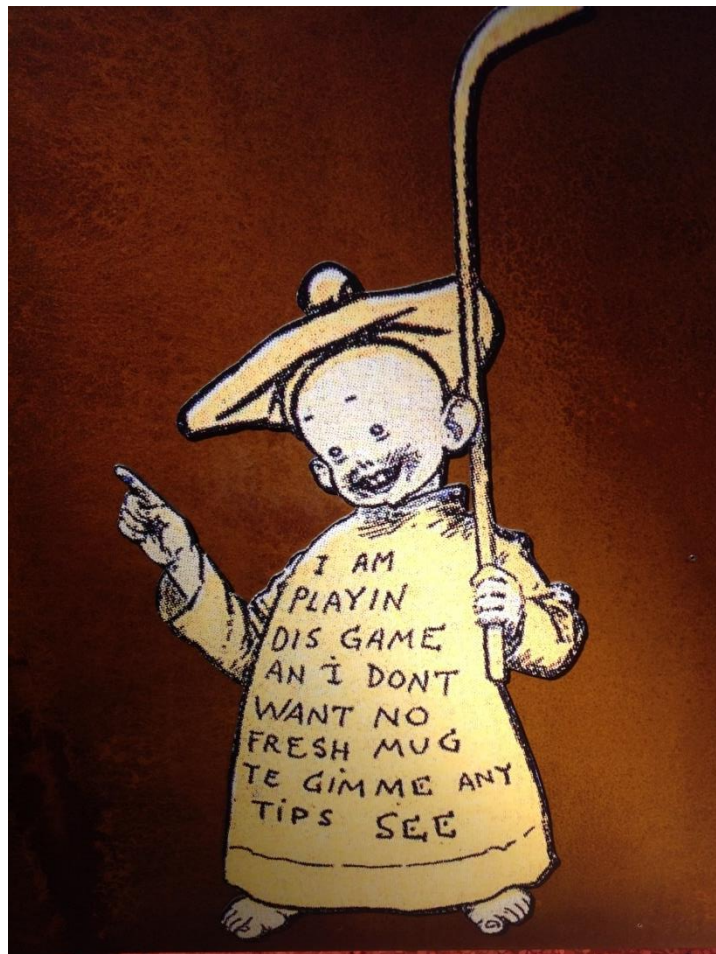
Para o autor Oliveira (2011),

As histórias em quadrinhos, tais como as conhecemos atualmente, surgiram em 1895, nos suplementos de domingo dos jornais estadunidenses, voltados para as populações de migrantes, sendo majoritariamente cômicos, com desenhos satíricos e personagens caricaturais. A partir de 1907, são publicadas na forma de „tiras“, diariamente.” (OLIVEIRA, 2011, p. 24).

A origem das HQ's foi a de *Yellow Kid*, personagem criado por Richar Outcault (1863-1928) publicada no New York World, jornal de maio de 1895.



FIGURA 2: Imagem de Yellow Kid



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Na imagem acima observamos a representação gráfica de *Yellow Kid*, considerado o primeiro personagem de arte sequencial publicado no mundo. O mesmo está disponível no *Musée de Bande Dessinée* na Bélgica (Bruxelas), onde encontramos uma longa exposição dedicada aos quadrinhos e sua história mundial. Os organizadores da exposição indicam que desde a Idade Média, com os monges ilustradores, temos um importante passo para o desenvolvimento da “*graphic novel*” que se desenvolverá somente no século XIX, e que irá contar com o espaço dos jornais impressos e da imprensa para atingir uma veiculação de massa.

Para eles a hq “c’est une suite d’images qui forme un récit et donc le scénario est intégré aux images”<sup>5</sup>, ou seja, é preciso um roteiro, uma narrativa, um cenário e uma ligação entre estes elementos com a imagem.

Para Langer (2004) a imagem visual “é um texto-ocorrência em que a iconocidade tem a natureza de uma conotação veridictória (um juízo) culturalmente determinada: se se quiser, uma espécie de „faz-de-conta“ realista de fundo cultural” (LANGER, 2004, p. 2). Para este mesmo autor, citando Gombrich,

Todo artista visual (pintor, escultor, arquiteto, fotógrafo – podemos incluir nesta lista o cineasta [e também o roteirista de quadrinhos]) é condicionado em seu trabalho por padrões culturais de fundo inconsciente – as *schematta* – que acabam por interferir mesmo em seu estilo artístico. (GOMBRICH, 2007, apud, LANGER, 2004, p. 2).

Em outro momento ele explica que

Alguns tipos específicos de *schematta* são os estereótipos, denominados por Elias Thomé Saliba de imagens canônicas. Constituem em representações de uma realidade social ou histórica, tomadas como verdadeiras, mas que constituem quase sempre fantasias ou produtos da imaginação. (Ibid., p. 3).

Pereira (2011) afirma que

Os quadrinhos aparecem entre o final do século XIX e início do XX em tiras diárias publicadas nas cadeias de jornal norte-americanas, expandindo-se em seguida para outros meios. Sua aparição está atrelada tanto ao advento de modernas técnicas de gravação como ao desapontar de uma consciência da imagem como notícia, uma vez que ela se torna múltipla e repetitiva, exigindo sua reaparição periódica. (p. 13).

Para Gubern (1979) elas foram resultado de uma disputa entre os jornais de Nova York World (*New York World*) e o *Morning Journal* por mercado consumidor.

As Histórias em quadrinhos se desenvolveram com mais força sobretudo por meio das indústrias jornalísticas e da impressora que contribuiu para tiragens em massa dos jornais. Gubern (1979) afirma que “[...] as indústrias jornalísticas e editorial, com uma complexa organização e grandes tiragens, aparecem como o suporte que transformaram os *comics* e as fotonovelas em meios de comunicação de massa com grande interesse sociológico” (p. 20).

---

<sup>5</sup> Em tradução direta: a HQ é uma sequência de imagens que forma uma narrativa donde o cenário é integrado às imagens.

As onomatopeias, elementos gráficos sempre constantes nas HQ's foram integrados ao código internacional dos *comics* a partir das reproduções de sons inglesas. Além disto, outro elemento importante são as próprias imagens que em suas montagens, tentam estabelecer um *continuum* narrativo usando-se de elipses, estratégia esta que serve para “suprimir redundâncias e tempos mortos na articulação de gravuras significativas, ao mesmo tempo que permite ao leitor a reconstituição ideal do *continuum* narrativo, ao suprir mentalmente os „vazios“ entre gravuras consecutivas.” (GUBERN, 1979, p. 67).

Nos anos 1950, nos Estados Unidos, os quadrinhos enfrentaram, junto com toda a indústria cultural as perseguições do Marcathismo que censurou diversas produções. Foi o período em que mais foi defendido que os quadrinhos não deveriam estar disponíveis para as crianças uma vez que eram *deseducativos*. Ainda neste período muitos foram boicotados por fazerem referência ao comunismo ou por mencionarem ideologias de apologias à esta vertente.

O livro *The seduction of the innocent* de Frederic Wertham (1954) reforça esta sedução de jovens e crianças por meio das HQ's para atos criminosos, tendências homossexuais, entre outras ações que não fossem socialmente aceitas. As décadas seguintes, por sua vez, foram importantes para uma discussão mais forte a respeito das produções de quadrinhos: em 1960 com as literaturas underground temos uma diversificação dos temas, tornando os enredos mais políticos e violentos e mais direcionados ao público adulto que às crianças.

Atualmente os quadrinhos são utilizados inclusive como recursos pedagógicos a serem debatidos em sala de aula para o ensino de diversas áreas do conhecimento: Língua portuguesa, História, sociologia, entre outras. Assim, aos poucos o preconceito ligado à este produto de indústria passou a ser menos frequente possibilitando o crescimento das produções de quadrinhos. Além disto, também passaram a ser fontes de pesquisa para a historiografia, documentos que podem ser investigados a partir de seu contexto de produção.

Podemos abordar o personagem Tex Willer partindo do pressuposto que estamos analisando uma HQ, uma narrativa sequencial e, portanto imagens que sozinhas ou deslocadas de seu contexto, de seu enredo, podem não fazer sentido. Assim, primeiramente, é preciso introduzirmos quem de fato é Tex Willer.

### **O personagem.**

FIGURA 3: Tex e seus *pards*.



Fonte: [http://i116.photobucket.com/albums/o27/Candy\\_1977/673128\\_villa\\_g\\_2.jpg](http://i116.photobucket.com/albums/o27/Candy_1977/673128_villa_g_2.jpg).

No pôster acima observamos da esquerda para a direita Tex Willer, com seus *pards* (palavra criada por Bonelli para referir-se aos parceiros de aventuras): Kit Carson, Kit Willer e Jack Tigre. Os três primeiros caracterizados como cowboys e o último é um índio navajo (como pode-se observar pela feição diferente, o cabelo (maior que o dos outros) e a faixa com uma pena na cabeça. Além disso observamos ao fundo um retrato da paisagem árida do oeste americano. Estes são os personagens principais das aventuras Texianas, e este é o território, a representação gráfica do Oeste aos olhos dos criadores, presente na maioria das aventuras do personagem.

Tex Willer é o nome dado à este cowboy de quadrinho italiano (*fumetti*) que habita o território estadunidense inserido no século XIX. Em geral suas aventuras se passam entre os anos de 1860 e 1890, por meio de narrativas retratando sua participação em diversas situações, inclusive em fatos da história estadunidense tais como a Guerra de Secessão e o assassinado do presidente Abraham Lincoln. É o personagem de faroeste que mais persiste no mundo dos *fumetti*: que data de 1948 até os dias atuais.

Antes de se tornar membro da polícia secreta do território do Texas (os *rangers*), Tex era fazendeiro e residia com seu pai (Ken Willer) e seu irmão (Sam Willer), que foram mortos por ladrões de gado – os problemas entre fazendeiros e ladrões de gado

eram comuns no período de expansão para o Oeste, uma vez que o Estado era pouco presente, e a distância territorial muito grande entre os centros urbanos<sup>6</sup>.

Tex resolve fazer “justiça com as próprias mãos”. Nesta aventura (a primeira publicada do ranger, chamada *O totém misterioso*), consegue seu cavalo e companheiro para muitas aventuras: Dinamite. Após vingar a morte do pai, o personagem é tido também como fora da lei, inclusive tendo sua foto em cartazes de recompensa, e o destino inevitável desta condenação seria a forca. No entanto, ajuda a polícia a capturar alguns bandidos envolvidos em tráficos de armas, provando sua competência para combater a violência tão desenfreada no país em expansão para o Oeste. Com isto, é convidado a entrar para o corpo de *rangers*<sup>7</sup>, aventura na qual conhece seu parceiro e já ranger, Kit Carson.

FIGURA 4: Tex recebendo o título de ranger.

---

<sup>6</sup> Cf. Fohlen, 1989.

<sup>7</sup> O corpo de rangers era uma espécie de polícia secreta do governo estadunidense que somente era inferior (na hierarquia) aos xerifes.





Na sequência recortada da coleção Tex Edição Histórica volume 1, que narra boa parte do início da trajetória do personagem, temos sua nomeação enquanto ranger. O cowboy é apresentado ao Sr. Marshall, chefe do corpo de *rangers*, no departamento do Oeste (*West department*) e é a partir de várias indicações por meio de relatórios mencionando os feitos de Tex já realizados, que ele resolve convidar o herói para ser parte do serviço secreto.

Desta forma, nos quadrinhos à direita assistimos à nomeação de Tex: o juramento com a mão esquerda sob a Bíblia, demonstrando a força do cristianismo nas aventuras dele (direta ou indiretamente), bem como o detalhe de sua estrela (a número 3), ícone que simboliza sua obediência e força de lei. A cerimônia foi presenciada também por Kit Carson e Arkansas Joe que são descritos pelo personagem, em tom de surpresa, como os dois nomes mais conhecidos do Oeste.

Antes disso, Tex participa de uma luta política no México, ajudando um amigo, período no qual também conhece um de seus maiores arquinimigo: Mefisto (nome artístico de Steve Dickart), que posteriormente aparece em várias outras aventuras do ranger (de caráter místico, misturando ficção/feitiçaria, e outros elementos).

Tex também participa da Guerra de Secessão (1861-1865), e ao final da mesma, com o corpo de *rangers* recém reconstituído, recebe a proposta de retornar ao corpo da polícia estadunidense aí permanecendo pelas suas próximas narrativas. Esta por sua vez é a principal aventura escolhida para ser trabalhada no terceiro capítulo, uma vez que ela contribui para definir as características principais de Willer em início de carreira, e as projeções de seus criadores a respeito dos EUA.

Em uma de suas aventuras como ranger, ainda em suas primeiras histórias publicadas, Tex é preso pela tribo indígena dos Navajos, e para evitar a morte do herói, *Lírio Branco* (ou Lilyth) opta por se casar com ele (ritual indígena do pacto de sangue<sup>8</sup>). Essa *squaw* (mulher no dialeto indígena) era filha do chefe navajo *Flecha Vermelha* e, portanto, Tex passou a ser membro da tribo e herdeiro do trono de chefe de todas as tribos indígenas navajo, além de ser batizado com o nome indígena de *Águia da noite*. O casal tem um filho, que em homenagem a Kit Carson, padrinho da criança, é chamado de Kit Willer, ou *Pequeno Falcão*, no idioma indígena.

---

<sup>8</sup> Na cultura indígena, quando uma jovem *squaw* dá sua vida a um prisioneiro, durante o ritual de morte, eles devem se casar. Lírio Branco era uma índia com perspectivas diferentes, tida pelos roteiristas como “uma mulher à frente de seu tempo” e por não achar digno a guerra e ser contra a morte, em qualquer circunstância, faz o pacto de sangue com Tex Willer e ambos se apaixonam após o casamento, porém com poucas demonstrações de afeto retratadas graficamente (em desenho).

Em uma armadilha tramada para o *ranger*, Lírio Branco é morta ao contrair varíola de cobertores propositalmente infectados e enviados à aldeia. Na aventura, esta mortandade assolou o território navajo matando muitos índios, entre eles a esposa de Tex<sup>9</sup>. O filho do casal, Kit Willer, escapa da morte e é educado dentro da cultura indígena além da religiosa, pela Missão Jesuítica de Santa Anita. Isso ocorreu conforme o desejo de Lylith, pois ela queria que o filho recebesse as instruções necessárias do “povo branco”. Ela também havia recebido uma educação religiosa católica, pelos Jesuítas, como “privilégio” de ser filha do chefe navajo. Também como o pai, o pequeno Kit (como é chamado o personagem) entrou para o corpo de *rangers*, recebendo um distintivo (estrela dourada). A educação branca que Kit Willer recebe demonstra a própria percepção do roteirista na necessidade da educação formal garantir a “civilização” que precisa ser levada para o Oeste, este território bárbaro, além de também demonstrar a percepção da educação ocidental/europeia como sendo necessária para garantir a jovem civilização nascente.

Com a morte do chefe navajo Flecha Vermelha anos mais tarde, Tex assume o posto de chefe branco dos navajos, como também de agente da reserva indígena, isto é, representante deste povo no departamento indígena, responsável por estabelecer a ponte entre os “peles-vermelha” e os “caras-pálida”, termos, em geral, pejorativos, para designar os índios e brancos respectivamente.

FIGURA 5: Tex recebe o título de chefe navajo.

---

<sup>9</sup> É importante ponderar que muitos índios morreram por doenças disseminadas pelos brancos sobretudo no início da colonização do território estadunidense.





QUE O GRANDE E PODEROSO MANITU RESERVA UMA BOA E LONGA CAÇADA NAS CELESTIAIS PRADARIAS AO VALDROSO FLECHA VERMELHA!

ENTERREM A MACHADINHA!

QUE O ESPÍRITO DE FLECHA VERMELHA PROTEJA OS GUERREIROS NAVAJOS E DE SABEDORIA A ÁGUIA DA NOITE!

NOS DIAS SUCESSIVOS TEX RECEBE A VISITA DE MUITOS CHEFES DE ALDEIAS DAS RESERVAS VIZINHAS QUE VIERAM HOMENAGEAR CHEFE NAVAJO E ESTREITAR COM ELE OS LAÇOS DE AMIZADE.

DUAS SEMANAS DEPOIS... A MANADA PRO RANCHO BARBA E ESTA REUNIDA! QUATRES MIL CABECAS ESTÃO SE PRONTIAS. NAS NASCENTES DE BITTER SPRING!

NOS TRÊS DIAS NA FRENTE PRA DAR A BOA NOTICIA A SEMORA DELANEY!

BUENO! ESCOLHA VINTE GUERREIROS PRA ACOMPANHAR A MANADA!

CAVEM O BUJACO PARA O TOTEM!

QUE O GRANDE E PODEROSO MANITU RESERVA UMA BOA E LONGA CAÇADA NAS CELESTIAIS PRADARIAS AO VALDROSO FLECHA VERMELHA!

E ENTERRE-A COM A LAMINA PRO ALTO SE PRETENDE GUIAR OS NAVAJOS NO VERMELHO CAMINHO DA GUERRA!

ÁGUIA DA NOITE! AGORA VOCE E O CHEFE DOS NAVAJOS! TOME A MACHADINHA! ENTERRE-A COM SE QUISER GUIAR A TRIBO NO CAMINHO DA PAZ...

ÁGUIA DA NOITE QUER A PAZ ENTRE OS NAVAJOS E AS OUTRAS TRIBOS E QUER RESPEITAR A PAZ ENTRE NAVAJOS A E CAUS-PAIDAS!

MAS NAO QUER QUE OS NAVAJOS SUPORTEN OFENSA AULGUMA DE OUTRAS TRIBOS E ENTERRE A MACHADINHA COM A LAMINA DE PE!

ÁGUIA DA NOITE QUER A PAZ ENTRE OS NAVAJOS E AS OUTRAS TRIBOS E QUER RESPEITAR A PAZ ENTRE NAVAJOS A E CAUS-PAIDAS!

Fonte: TEX CHEFE DOS NAVAJOS, n.29, jul. 1989, pp. 18-19.

Nos quadrinhos, observamos a nomeação de Tex como chefe dos navajos: ergue-se um novo totem e lhe é entregue uma machadinha simbolizando a escolha que o novo chefe fará para guiar seu povo: se com a lâmina para baixo significa trilhar o caminho da paz, com a lâmina para o alto, o da guerra. Em uma pose central direcionando-se à toda a tribo, Tex ergue a “machadinha” e profere seu discurso a favor da paz, mas que não se submeterá à nenhuma outra tribo ou à imposições governamentais, dos homens brancos, ou de qualquer tentativa de subjugar seu povo, portanto, sua escolha é pela lâmina em pé.

Ainda nesta mesma passagem vemos Jack Tigre (penúltimo quadro) e Kit Willer, já em sua fase jovial, na qual compreende os problemas políticos que envolvem as tribos indígenas relatadas nesta aventura. Outro detalhe importante dos desenhos diz respeito ao cenário: por estar na aldeia indígena, os elementos místicos, as roupas carregadas, e as barracas estão sempre presente no plano (ou mesmo no fundo) das representações gráficas aqui ilustradas.

A partir daí temos a constituição do quarteto de rangers e amigos inseparáveis que lutarão pelo senso de justiça próprio deles, “olho por olho e dente por dente” combatendo a violência do país com mais violência, levando a *LEI* em uma “*terra sem lei*” (o oeste): Tex Willer (*Águia da Noite*), Kit Carson (*Cabelos de Prata*, no dialeto indígena)<sup>10</sup>, Kit Willer (*Pequeno Falcão*) e Jack Tigre (o navajo mestiço, que apesar de não ser ranger, está presente em muitas aventuras ajudando Tex com suas habilidades indígenas). Entre seus amigos influentes, podemos destacar: o Irlandês Pat, o canadense Gross Jean, o feiticeiro árabe El Morisco, Jim Brandon, o cidadão de São Francisco e chefe da polícia Montada, e também Dick Furacão; e entre seus inimigos mais citados estão Mefisto (um índio e mago ilusionista), Yama (filho de Mefisto), a Diablera (Bruxa), Jane (comandante do comércio de ópio em São Francisco juntamente com um grupo de chineses), entre outros.

---

<sup>10</sup> Sobre o personagem Carson, Bonelli afirma que ele não foi criado baseado no personagem histórico Kit Carson que entrou para a história americana como um indivíduo cínico e inescrupuloso, acusado de ser culpado por muitas lutas contra os Navajos a partir de métodos extremamente imorais: “my Carson has nothing to do with the historical character. [...] The true Kit Carson, on the other hand, was an unscrupulous and cynic individual, who was even guilty of fighting against the Navajos with extremely unfair means.” (GIAN LUIGI BONELLI. *Gian Luigi Bonelli replies to your questions*. Il mio nome e Tex. Disponível em: < <http://www-en.sergiobonellieditore.it/tex/servizi/faq.html> >. Acesso em 13 de julho de 2012. Entrevista concedida a Decio Canzio). Em tradução direta: meu Carson não tem nada a ver com o personagem histórico. [...] o verdadeiro Kit Carson, por outro lado, era um indivíduo inescrupuloso e cínico, que era mesmo culpado por ter lutado contra os Navajos com métodos extremamente injustos.

As características principais dos personagens que são construídas ao longo da trajetória podem ser observadas no pessimismo incessante de Carson, na “mudez” de Tigre, nas brincadeiras e o humor sarcástico de Tex, e nas atitudes, às vezes, um pouco imaturas de Kit Willer. É importante ainda ressaltar, a respeito do personagem Kit Carson, que o mesmo foi baseado no personagem de gibi de mesmo nome do roteirista italiano Rino Albertarelli, de 1937 no gibi italiano “Michey”, mas ambos personagens nada tem em comum com o personagem histórico, exceto pelo nome.

O personagem histórico foi um agente indígena (nomeado em 1854) que destruiu as reservas de alimentos, expondo os guerreiros navajos, mulheres e crianças à morte, além de deportar os sobreviventes para um campo de concentração no Novo México, de onde só puderam retornar sob a condição de ficarem reclusos em uma reserva indígena, enquanto que o personagem das revistas Texianas representa justamente o contrário: se coloca como defensor dos indígenas.

Além disso, devemos destacar que não há mulheres na vida de nenhum dos personagens na maioria das histórias. Podemos indicar como uma primeira explicação a crença de que mulheres e crianças poderiam atrapalhar a ação justiceira dos *rangers*, pois seriam vulneráveis e produziriam como efeito um ponto de fraqueza nos heróis. Contudo, esta crença também pode ser percebida e ou/justificada pela permanência de uma leitura patriarcal da sociedade e que tem sustentação não somente na cultura estadunidense, mas, e sobretudo, na própria cultura italiana que elaborou a base desta HQ.

Dentro das histórias de Tex e seus parceiros não há espaço para a presença feminina a não ser no ambiente de casa, ou de *sallons* e cabarés, ou então, em raras exceções, como aliadas de bandidos, ou as próprias assassinas e chefes de casas de ópio, de ligas de mulheres ladras. Isto é, não há espaço para romantismo e nem mesmo para “dependência” de mulheres na vida dos *rangers*. Esta pode ser uma das explicações pelo porque Lírio Branco morre logo no início da trama, pois se a mesma ainda fosse viva poderia ser um empecilho para Tex. O casal nunca poderia ser como uma exemplar família do *american way of life*, uma vez que ele tem a vida voltada para a justiça da sociedade: viaja no comando de *rangers* e resolve problemas de maneira independente em diversas partes do território americano. A existência de uma vida privada, com a mulher e o filho não possibilitaria as suas aventuras, ou elas poderiam ser vistas como arriscadas para um pai de família, o que pode ser observado durante o curto período de vida de Lírio Branco como esposa de Águia da noite.

Neste sentido, acredito que a morte da mesma corresponde a uma necessidade dos autores, existente a partir dos valores culturais que carregam, pois veem a mulher como um o ponto fraco de Tex. A morte da personagem de Lylith ocorreu para atingir o *ranger*, pois ela foi propositalmente provocada, e com este fato o personagem perdeu sua única vulnerabilidade na trama. Poderia se pensar no filho como outro ponto de fraqueza, entretanto, ele se torna um jovem homem capaz de se defender, portanto, diferentemente de uma mulher. Assim, predomina nesta trama uma visão masculinista da sociedade na qual as mulheres ou são jovens e/ou mães apaixonadas e frágeis, ou traiçoeiras vilãs.

Apesar de realizada por roteirista e desenhista italianos, as histórias de Tex se passam nas pradarias e desertos dos Estados Unidos, e todas em território americano (sobretudo nos EUA, apesar de terem aventuras no México e Canadá também), mostrando muitas características geográficas, sociais, econômicas, políticas e culturais deste país em diversos momentos da história. Eles passam por temas que forjaram a história americana, desde a “marcha para o oeste” até o assassinato de Lincoln, entre outros momentos, e ainda, reforçam projeções culturais anacrônicas ao período da trama, como por exemplo, a “mania” de Tex e Kit Carson pedirem em *sallons* “bifes de três dedos de altura, sepultados sob uma montanha de batatinhas fritas acompanhados de um canecão de cerveja” – esta é a frase predileta dos personagens em todos os momentos de refeições<sup>11</sup>.

Tex foi adaptado para o cinema em um filme estrelado por Giuliano Gemma. Na história, *Tex e o senhor do Abismo*<sup>12</sup>, distribuído em 1985 no território brasileiro, teve péssima audiência e encerrou as tentativas da Bonelli Editore em lançar o personagem no cinema. Segundo o autor Gonçalo Junior (2009),

Embora fosse bastante fiel aos quadrinhos, a baixa qualidade de Tex e o senhor do abismo, produzido pela RAI Radiotelevisione Italiana e pela produtora Cinecittà – com roteiro rasteiro, caricato demais, excessivamente carregado de clichês e interpretações ruins -, justifica o fato de os distribuidores brasileiros não terem arriscado sua exibição nos cinemas. (p. 78)<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Em um artigo encontrado na desciclopédia, há uma brincadeira a respeito deste hábito dos personagens. Recomendo a leitura deste pequeno texto, pois o mesmo possibilita em certa medida, conhecer mais os personagens e seus hábitos de maneira divertida e crítica, apesar de conter alguns elementos falsos (o que faz parte da característica do site). O texto pode ser encontrado no seguinte link: [http://desciclopedia.org/wiki/Tex\\_Willer](http://desciclopedia.org/wiki/Tex_Willer).

<sup>12</sup> TEX e o senhor do abismo. Direção: Duccio Tessari. Itália: Titanus, 1985. 1 dvd (94 min.), son., color.

<sup>13</sup> Apesar de importante, o filme não faz parte da análise deste trabalho, cujo foco são os quadrinhos.



No pôster abaixo, observamos um retrato de Tex e Lírio Branco abraçados em um gesto protetor dele para com ela. Um desenho bem trabalhado mostrando ao fundo a paisagem típica do velho oeste que encontramos normalmente na cinematografia de John Ford, por exemplo (pradaria e rochas sedimentares ao fundo), com o casal ao centro, ele em trajes de cowboy, empunhando uma arma em um gesto de defesa (além de insinuação fálica), ela, em trajes indígenas, aninhada em seu abraço, mostrando a fragilidade do sexo feminino.

FIGURA 6: Tex e Lírio Branco



Fonte: <http://www.espoarte.net/wordpress/wp-content/uploads/2012/05/Tex-e-Lilyth-Cartolina-cm30x40-2011-copia.jpg>.

### **Tex Willer: contexto de produção**

Tex, a revista, é uma criação de Giovanni Luigi Bonelli (Gianluigi Bonelli) e Aurelio Gallepini (Galep) na Itália em 1948, conforme dito anteriormente. Suas histórias eram publicadas em jornal, posteriormente compilados para o formato de gibi preto e branco. Este é uma das personagens mais antigas de westerns sendo publicada em diversos países do mundo, sobretudo Itália, Portugal, Espanha e Brasil. A editora Bonelli procura fazer uma pesquisa anterior para construir os enredos das histórias de Tex o mais próximo possível da cultura na qual o *ranger* está inserido (tanto no

desenho, como no enredo). As histórias de Tex são divididas em dois momentos, no primeiro ele é jovem, e se passam em sua maioria na década de 1860 nas quais ele participava de rodeios e da guerra civil americana (em seus 20 anos mais ou menos). E Tex mais velho (aos quarenta anos) aparece em outros contextos históricos, no período de 1880 a 1890 da história dos EUA. É preciso o envelhecimento do personagem para que possamos ver Kit Willer, seu filho, em ação ao lado do pai, e prometendo seguir seu legado de comportamento moral.

Até 2011 a editora responsável pelas publicações de Tex, na Itália, estava sob a direção de Sérgio Bonelli, responsável pelas publicações de outras personagens tais como Zagor, Ken Parker, Júlia - a criminóloga, Martin Mystere e Mister No (todos disponíveis no Brasil em bancas de jornais e revistas, pela Mythos). Hoje quem administra é o filho de Sergio, David Bonelli.

As produções texianas atuais estão todas pela Mythos, e são diversificadas em produtos com a marca de Tex, como: o Almanaque Tex (R\$ 7,90 a 15,90), Tex Coleção (R\$ 7,47 a 8,30), Tex em cores (R\$ 29,90 a 34,90), Tex ouro (R\$ 16, 40 a 24,90), Tex Especial de Férias (R\$ 16, 90 a 19,00), Tex Gigante (R\$ 19,90 a 21,90), Tex anual (R\$ 18,90 a 23,40) e Tex edição histórica (R\$ 13,90 a 22,90), Tex edição especial colorida<sup>14</sup> (R\$ 18,90 a 19,90), Tex especial Sergio Bonelli (R\$ 39,90), Tex Edição gigante em cores (R\$ 69,90) e por último Os grandes clássicos de Tex (R\$ 16,90). A partir do levantamento de preços podemos perceber a acessibilidade do gibi, que é um pouco restrita, uma vez que estes não são populares. Além disso, podem variar. Os aqui selecionados referem-se ao último gibi lançado de cada coleção<sup>15</sup>.

A produção italiana, neste período do início de Tex teve influência do gênero literário em voga na época: o folhetim, porém, Bonelli e Galep formularam um novo gênero, publicando revistas em forma de tiras de 32 páginas por semana, inicialmente com preço acessível. Bonelli, em entrevista a Decio Canzio<sup>16</sup>, diz que “at the begining, Tex didn’t actually get off to such a fabulous start”<sup>17</sup>, neste sentido cabe questionarmos: qual foi o percurso realizado para se obter o sucesso do gibi?

<sup>14</sup> É importante explicar que as revistas Tex em cores é uma coleção à parte totalmente colorida, enquanto a coleção Tex especial colorida é uma revista em específico, dentro da coleção Almanaque (as revistas mensais) que por alguma razão comemorativa é publicada em edição colorida.

<sup>15</sup> Tais referências foram retiradas do site da Mythos: a última consulta realizada foi em 06 jul. 2015, portanto atual.

<sup>16</sup> GIAN LUIGI BONELLI. **Gian Luigi Bonelli replies to your questions.** Il mio nome e Tex. Disponível em: <<http://www-en.sergiobonellieditore.it/tex/servizi/faq.html>>. Acesso em 13 de julho de 2012. Entrevista concedida a Decio Canzio.

<sup>17</sup> Em tradução direta: no começo, Tex não teve um fabuloso lançamento.

Para o autor Bonelli, Tex é uma produção de um tempo de inúmeras representações negativas a respeito dos indígenas, e, no entanto o personagem é descrito por seu criador como dono de uma forte reação anti-injustiça, contra o abuso de poder e o mau trato<sup>18</sup>, e que isto provavelmente pode justificar a ampla aceitação do personagem em diversos países. Bonelli continua, referindo-se ao contexto de produção de Tex:

If you consider the atmosphere of the period in which Tex was Born, then my choice has to be seen as a reaction against the prevailing conformism of that time. But why was I that way whereas other people weren't? Well, even at that time, **I used to read a lot of books about the Native Americans and I'd learned to respect those indomitable populations.** [...] The recipe created in 1948 by Gianluigi Bonelli and Aurelio Galleppini, with a highly innovative western (Tex Willer, a ranger and man of the law, sides with the Indians in a period when the world of movies almost always portrayed „redskins“ as wild men) [...] withstands the impact of time without the slightest difficulty [destaque meu].<sup>19</sup>

Neste sentido, para Bonelli, sua escolha por um personagem que fosse a favor da população indígena nos EUA era meramente pessoal, devido a influências de livros sobre esse povo que resistia em território americano, e não corroborava a cultura divulgada pelos EUA, sobretudo a retratada por Hollywood, nos quais os índios permaneciam em papéis de vilania e negativos, ora infantilizados, outras tantas, desqualificados.

Segundo a proposta de Bonelli, o personagem Tex vai contra um modelo predominante em 1948, no qual a sociedade de brancos, representantes da civilização ocidental, se oporiam aos nativos das Américas, os índios. Esta predominância da representação negativa dos nativos das Américas é evidente nos diversos filmes que circulavam nas matinês dos cinemas. Elas eram feitas, principalmente, voltadas para as crianças e os adolescentes, e mesmo em produções para as sessões principais, como os

---

<sup>18</sup> “I don't think words like „racism“ and „antiracism“ could be used for my tales. [...] in my Tex there's a strong reaction against injustice, ill-treatment, abuse of power” (Ibid). Em tradução livre: eu não penso que palavras como „racismo“ e „antirracismo“ poderiam ser usadas para meus contos. [...] no meu Tex tem uma forte reação contra injustiça, mau trato, abuso de poder.

<sup>19</sup> PAPINI, R. D. **But behind the two big shots comics are struggling.** 2002, Disponível em: <<http://www-en.sergiobonellieditore.it/tx/servizi/faq.html>>. Acesso em 13 de julho de 2012. Em tradução direta: se você considerar a atmosfera do período no qual Tex nasceu, então minha escolha tem que ser vista como uma reação contra o conformismo deste tempo. Mas porque eu era desta maneira enquanto outras pessoas não? Bom, mesmo naquele momento, eu era acostumado a ler muitos livros sobre os Nativos Americanos e eu aprendi a respeitar essas populações indômitas. [...]. A receita criada em 1948 por Gianluigi Bonelli e Aurelio Galleppini, com uma grande invenção no western (Tex Willer, um ranger e homem da lei, lado a lado com os indígenas em um período no qual o mundo de filmes praticamente sempre os pintava como os homens selvagens „peles vermelhas“) [...] resiste ao impacto de tempo sem a menor dificuldade.

filmes de John Ford, apesar do tom negativo ter sofrido ligeira modificação e estranhamento, o personagem central, o herói branco, se coloca a favor dos menos favorecidos, mas em cuja representação dos indígenas permanece o problema de sua aceitação e afirmação. Lembremos que o ator que faz o papel principal do indígena em *Rastros de Ódio*, de 1956, é branco.

No Brasil, Tex começou com a Rio Gráfica Editora, passando pela Vecchi (1971-1983), fase em que o herói do oeste chegou a ter 100 mil leitores aproximadamente, sendo a segunda revista mais vendida no país (ficando atrás somente das produções de Maurício de Souza), porém, após uma crise financeira em 1983 a empresa encerrou suas atividades e a Rio Gráfica Editora (posteriormente, em 1987, adquirida por Roberto Marinho, passou a ser chamada de Globo) assumiu novamente os direitos de reproduzir Tex no país. Em seguida, passou a ser publicado pela editora Mythos devido ao corte de verbas durante uma crise financeira que envolveu a demissão de 250 funcionários e a não produção de outras revistas tais como *Speak Up*, *Moda Moldes*, *Faça Fácil* na Globo. Assim, em janeiro de 1999 Tex passou a ser responsabilidade da Mythos, que possui os direitos autorais do personagem até hoje<sup>20</sup>. Atualmente, as produções relacionadas ao personagem estão presentes na Alemanha, Argentina, Suécia, Turquia, França, Índia, Israel, Holanda, Noruega, Finlândia, Portugal, Inglaterra, Espanha, além do Brasil e da própria Itália<sup>21</sup>.

Apesar da Mythos editora não divulgar a quantidade vendida da revista, foi possível conseguir diretamente com a editora Bonelli, em Milão, um gráfico com a quantidade de gibis vendidos anualmente por personagem:

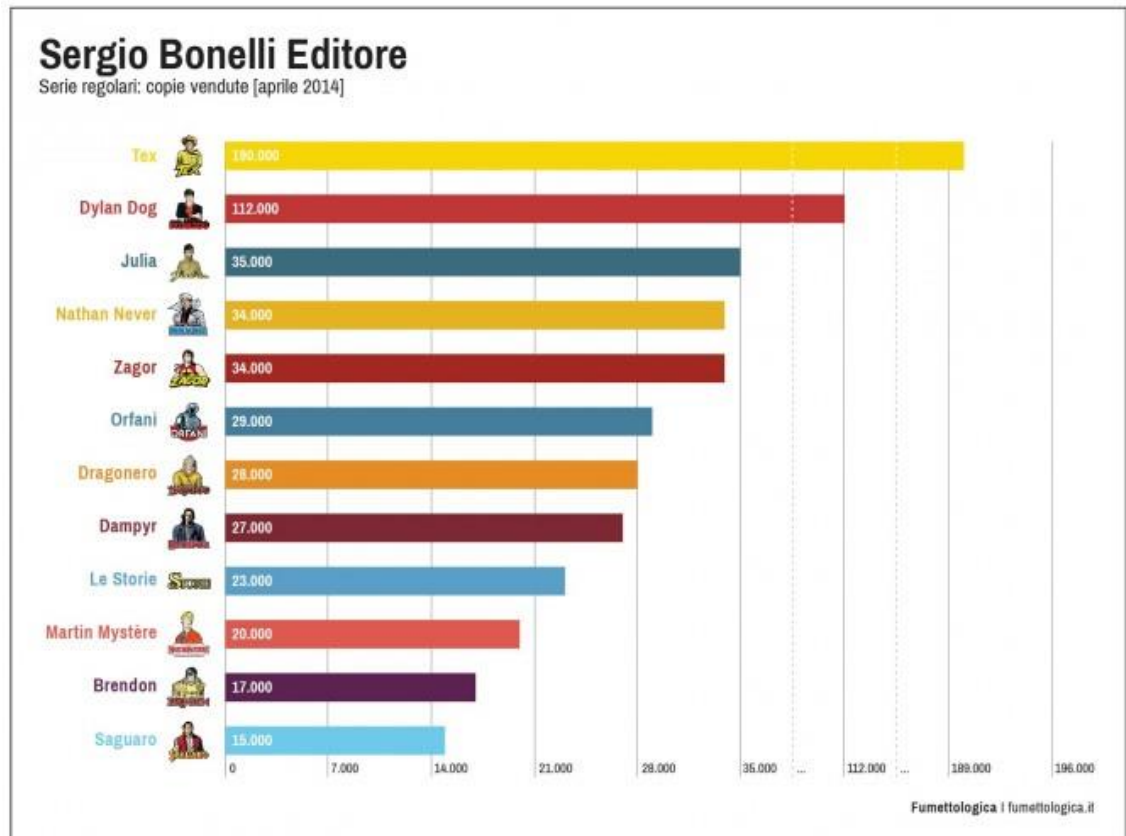
FIGURA 7: Quantidade de gibis vendidos pela SBE.

---

<sup>20</sup> A maior parte destas informações foram retiradas desconexadamente do site [www.texbr.com](http://www.texbr.com).

<sup>21</sup> A quantidade publicada em cada país e quais os nomes dos títulos e das coleções podem ser verificados no site: <http://www.texbr.com/texinternacional.htm>.





Fonte: <http://www.fumettologica.it/2014/06/quanto-vendono-i-fumetti-bonelli-i-dati-2014/>

Por meio do mesmo podemos perceber que Tex é o principal responsável pelas vendas da editora, com cem mil exemplares/ano de acordo com a pesquisa de Abril de 2014, seguido por Dylan Dog e Julia, uma criminóloga.

### **Tex Willer: os autores**

FIGURA 8: autorretrato de Gian Luigi Bonelli, o criador de Tex



Fonte:

[http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQg3GzW6rWUsyn5wXTIPRZvobUWU\\_iqdk\\_hq0wlfhkCMVErUm9S](http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQg3GzW6rWUsyn5wXTIPRZvobUWU_iqdk_hq0wlfhkCMVErUm9S).

Gianluigi Bonelli, o “pai” de Tex, nasceu em Milão a 22 de dezembro de 1908, iniciou carreira literária no início dos anos 1930 para o *Corrieri dei Piccoli* (tradicional publicação italiana), e passou por diversas outras empresas, criando outros personagens, até conseguir abrir a própria editora, em 1948, e criar, em conjunto com Aurelio Galleppini, o personagem Tex. Durante um tempo a editora da família ficou sob a responsabilidade de sua esposa Tea Bonelli, até que Sérgio Bonelli (filho) pudesse assumir os enredos, desenhos e administração da empresa a qual passou a se chamar Sergio Bonelli Editore. Luigi Bonelli faleceu em Alexandria em 2001, e sua última história escrita foi publicada em 1991 na Itália. Tex ainda é “o livro italiano de quadrinhos com o maior número de vendas, tem resistido à crise do gênero western a partir da qual se inspirou”<sup>22</sup>.

Para sua criação Bonelli tomou como modelo de referência (e não poderia ser de outra forma) E.U. cinema ocidental e do período clássico, especialmente os filmes de John Ford. [...] e cria um imaginário que é agora considerado a marca registrada do Texas.<sup>23</sup>

FIGURA 9: autorretrato de Aurelio Galleppini, desenhista que deu forma à Tex.

<sup>22</sup>Disponível em: [HTTP://WWW.guiadosquadrinhos.com/artistabio.aspx?cod\\_art=2621](HTTP://WWW.guiadosquadrinhos.com/artistabio.aspx?cod_art=2621). Acesso em 13 de julho de 2012.

<sup>23</sup> Ibid.



Fonte: <http://texwillerblog.com/wordpress/?p=6378>.

Aurelio Galleppini, ou simplesmente Galep, foi o pai de Tex no desenho. Nascido em 20 de agosto de 1917, na província de Grosseto, Casale di Pare, na Itália, teve formação profissional como desenhista. Antes de Tex, iniciou carreira com outros personagens e em outras editoras, mas teve seu trabalho interrompido pela Segunda Guerra Mundial, na qual serviu no forte militar em Caligari. Ao final da guerra, tornou-se professor na mesma cidade e ao mudar-se para Milão, passou a dedicar-se, a partir de 1948, em parceria com Luigi Bonelli, aos trabalhos da então editora Audace.

No início de Tex, as 32 tiras eram desenhadas inteira e exclusivamente por Galep, mas com a ampliação das tiragens ele teve que recorrer à ajuda de outros desenhistas para o trabalho de finalização do personagem. Galep seguiu produzindo até 1994, quando faleceu em 20 de março.

FIGURA 10: Sérgio Bonelli.



Fonte: <http://www.sergiobonelli.it/sezioni/2505/creator>.

Sérgio Bonelli, cujo pseudônimo era Guido Nolitta, nasceu em Milão (Itália) em dezembro de 1932 e aos 25 anos assumiu a diretoria da editora da família. Guido é o criador de personagens, tais como Zagor (1961) e Mister No (1975). Em 1976, passou a ajudar o pai na elaboração de roteiros de Tex. Sérgio foi o sucessor de Luigi Bonelli como roteirista da editora Bonelli. E atualmente a mesma é administrada pelo filho de Sérgio, David Bonelli.

No Brasil a produção de Tex começou a ser publicada a partir da edição 28 da revistinha Junior, do jornal O Globo, em fevereiro de 1951, com o nome de Texas Kid (antes de ser chamado de Tex Willer) e as publicações duraram até julho de 1957, portanto, por 6 anos. Essas revistas correspondem às originalmente publicadas na Itália de 1948 até 1954<sup>24</sup>. Tex só voltou a ser publicado no Brasil a partir de 1971, permanecendo até os dias atuais em bancas de jornais e revistas, porém, em poucas livrarias<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> No livro de Gonçalo Junior (2009) podemos observar ao final a reprodução de todas as capas originais da revista Junior, primeiras publicações de Tex no Brasil.

<sup>25</sup> O período em que Tex ficou sem publicações no Brasil, após o fechamento da editora Vecchi, foi retomado posteriormente em segunda edição pelas editoras subsequentes (RGE, Globo, Mythos) ou as aventuras foram republicadas em outras edições que não o Tex normal, tais como a Histórica, ou a Em

Sobre as produções texianas atuais, é importante destacarmos outras informações de autores diversos, presentes em artigos esparsos de revistas<sup>26</sup>, referentes ao personagem: “Tex has been an enormous popular success for over thirty years: this character, his world have almost become part of the Italian way of life.”<sup>27</sup> Para o italiano Brunoro (2004), “Tex Willer is now a cult hero embedded in our imagination [...] a monument to our culture, our social set-up, not to mention our everyday way of life”<sup>28</sup>. E podemos perceber isto ao observarmos a quantidade de materiais produzidos sobre o personagem que movimenta um grande mercado não só de quadrinhos, mas também de estátuas, camisetas, bótons, além e até congressos internacionais.

Atualmente Tex Willer é escrito por diversos roteiristas e também desenhado por diversos desenhistas a serviço da Bonelli Editore, localizada em Milão. Entre eles podemos destacar C. Nizzi e G. Ticci, autores que desenharam e escreveram outra narrativa de Tex que se passa durante a Guerra de Secessão<sup>29</sup>. Outros roteiristas responsáveis por Tex, além dos criadores, são Antonio Segura, Decio Canzio, Fabio Civitelli, Giancarlo Berardi, Mauro Boselli e Michele Medda. E os desenhistas, que por ser um trabalho mais detalhado e difícil, envolve mais pessoas: Alarico Gattia, Maurizio Dotti, Alberto Giolitti, Aldo Capitanio, Andrea Venturi, Cláudio Villa, Erio Nicolò, Jesus Blasco, José Ortiz Moya, entre outros.

A sede da editora possui três andares na Via *Buonarrotti* à disposição dos roteiristas, desenhistas, diretores, enfim, todos os trabalhadores envolvidos no processo de editoração dos diversos personagens ali criados (já citados aqui anteriormente, além do próprio Tex). Também na editora encontramos um arquivo completo com as histórias de Tex, roteiro e desenhos. Na fotografia abaixo o arquivo de nanquins em tamanho maior do personagem, de diversas aventuras, mostrando uma preocupação com o arquivo físico de cada personagem da editora.

---

cores. Estas informações podem ser encontradas desconexamente no site <http://www.texbr.com/tex/index.htm>.

<sup>26</sup> Citadas nas referências finais.

<sup>27</sup> Em tradução direta: Tex teve um grande sucesso popular por trinta anos: este personagem, seu mundo se tornou praticamente parte do modo de vida italiano.

<sup>28</sup> BRUNONO, G. **Tex Willer evergreen hero of comics**. 2004. Disponível em: <[HTTP://www-en.sergiobonellieditore.it/auto/componi\\_recensioni?id\\_personaggio=1](http://www-en.sergiobonellieditore.it/auto/componi_recensioni?id_personaggio=1)>. Acesso em 13 de julho de 2012. Em tradução direta: Tex Willer é agora um herói *cult* incorporado em nossa imaginação [...] um monumento para nossa cultura, nossa estrutura social, isto sem mencionar nosso modo de vida cotidiano.

<sup>29</sup> Estas histórias datam de 2012 na Bonelli e de 2014 no Brasil (edição Tex Coleção nº 351 - 352), também publicada em Edição Ouro (vol. 4) em 2003 sob o título Chamas de Guerra.



FIGURA 11: fotografia do arquivo da Sergio Bonelli Editore em Milão – nanquins originais, organizados por desenhistas, publicações e ano.

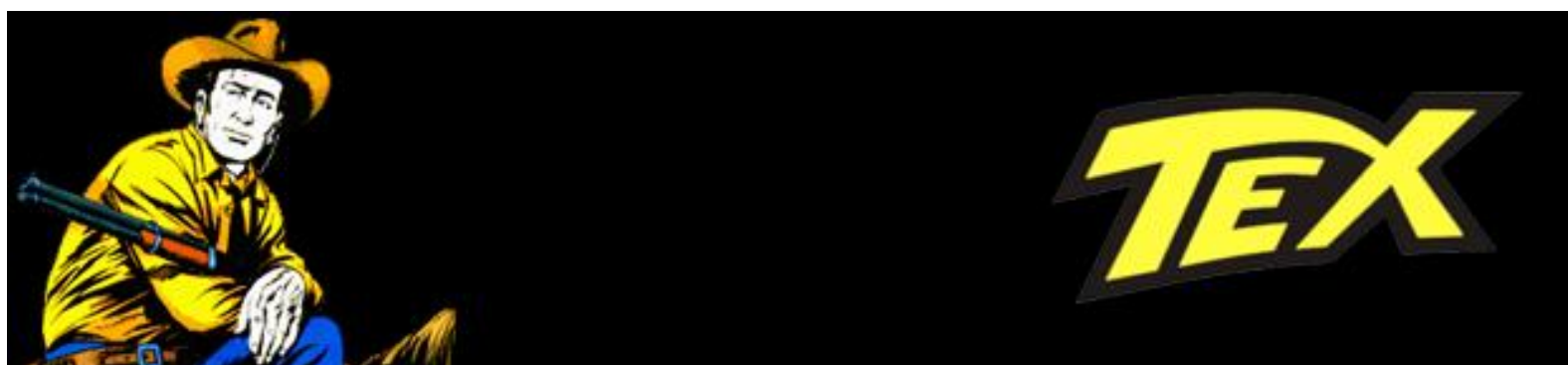


Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Em outubro de 2014, durante um intercâmbio estudantil na França (cidade de Orléans) tive a oportunidade de visitar a Sergio Bonelli Editore em Milão e ser guiada ao longo das diversas salas divididas em três andares na *Via Buonarrotti* pelo roteirista de Dylan Dog. Na mesma visita pude conhecer nomes importantes da editora, o serviço

desempenhado por cada um, os arquivos completos de Tex Coleção, Tex em Cores tudo em italiano e alguns nanquins originais arquivados e conservados. Também foi possível conhecer e conversar com nomes importantes para o personagem Tex, tais como Mauro Boselli (o editor geral) e David Bonelli (o neto do criador de Tex).

Durante a visita presenciei o processo de elaboração, criação, correção, desenhos, roteiros de Tex e de outros personagens da editora, como Dylan Dog, Julia Kendall, Mágico Vento, além de ser possível trocar impressões, fazer contatos importantes e coletar informações que muito contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.



## **Capítulo 2: Tex Willer: os Estados Unidos do século XIX e a Itália do século XX<sup>30</sup>.**

Após a descrição do personagem Tex, com o destaque de suas principais características, feitas no capítulo anterior, pretendemos analisar neste capítulo o lugar em que foi inserido o personagem Tex: os Estados Unidos do século XIX, o país em nascimento após a Guerra de Secessão. Neste capítulo é abordado o tema da consolidação desta nação, no qual o mito de fundação está intimamente relacionado à expansão para o Oeste. Pretendemos compreender como este mito aparece em Tex e são apropriados nas tramas da revista, seja de maneira ampla - na eleição dos fatos históricos, na construção de uma trajetória de vida do personagem, portanto ao longo de diversos episódios narrados ao longo das revistas -, ou de maneira específica - como é o

---

<sup>30</sup> Por motivos de restrições e recortes à pesquisa, não foi possível até a versão final do presente trabalho, analisarmos os Estados Unidos do século XX, período no qual o personagem é produzido na Itália e as relações estabelecidas, sobretudo culturalmente, entre tais países. Consideramos tal análise de suma importância, no entanto ela não constitui parte do arsenal deste texto.

caso da narrativa da Guerra de Secessão – aqui escolhida para análise, que será trabalhada no capítulo seguinte.

A construção do personagem Tex ocorre em paralelo ao que foi eleito como o processo de formação dos EUA. Por meio do personagem, somos introduzidos a um imaginário de formação dos EUA, e nos envolvemos em uma trama que se apropria dos mitos fundadores da nação americana, e de sua constituição. Cabe desvendar, que escolhas os autores italianos fizeram, e a maneira como eles relatam e organizam a história do outro. Assistimos ao retrato da construção do próprio EUA sob a percepção de Bonelli e Galep, por meio da complexa construção da personalidade do personagem. Lembremos que isso começou em 1948, mas que continua em produção, ou seja, muito do momento de sua produção se modificou e transformou ao longo de tantas décadas.

Das caracterizações básicas do personagem, destacamos o fato de ser rancheiro no Texas no início do século XIX, sua participação na guerra civil mexicana<sup>31</sup>, o casamento com uma índia Navajo, ter se tornado um ranger, e participar da Guerra de Secessão, entre outros acontecimentos que formam este personagem. A trajetória de Tex está, portanto, entrelaçada com a leitura que seus criadores italianos fizeram sobre os mitos de construção da “América”, daí a necessidade em se estudar aqui, o contexto histórico de produção de Tex, isto é, a Itália pós Segunda Guerra Mundial.

Podemos especular o quanto da própria experiência de unificação italiana, de sua moral e costumes, estão entrelaçados nos enredos e nas personalidades de Tex. Pensemos sobre o próprio retrato da formação italiana travestida no relato da construção dos EUA pela Guerra de Secessão. Ou seja, é a partir dos conflitos na Itália de 1948 que Bonelli recriou os EUA do século XIX, partindo de problemas “atuais” que são retratados no gibi. Lembremos que a Itália se unificou somente na década de 1870, de maneira incompleta, conflitiva e resistente, e somente sob o governo de Benito Mussolini é que foi firmado um acordo com o papado para a formação do Estado do Vaticano. As diferenças entre a região Norte e o Sul, os regionalismos, que costumamos perceber por meio das referências aos diversos dialetos específicos de cada localidade estão, desta forma, também presentes em Tex.

Para a construção deste capítulo, diversas leituras foram fundamentais e contribuíram para o estudo aprofundado da ideia de nação que foi construída

---

<sup>31</sup> Aqui a referência não é histórica, não diz respeito a um fato histórico, à guerra civil mexicana de fato, mas sim uma liberdade literária dos autores ao criarem uma aventura na qual o cowboy adentra o México à procura dos assassinos de sua família e se envolve no conflito entre rebeldes liberais e soldados conservadores liderados por um ditador. Na aventura ele ajuda à libertar o país das “garras” do autocrata.



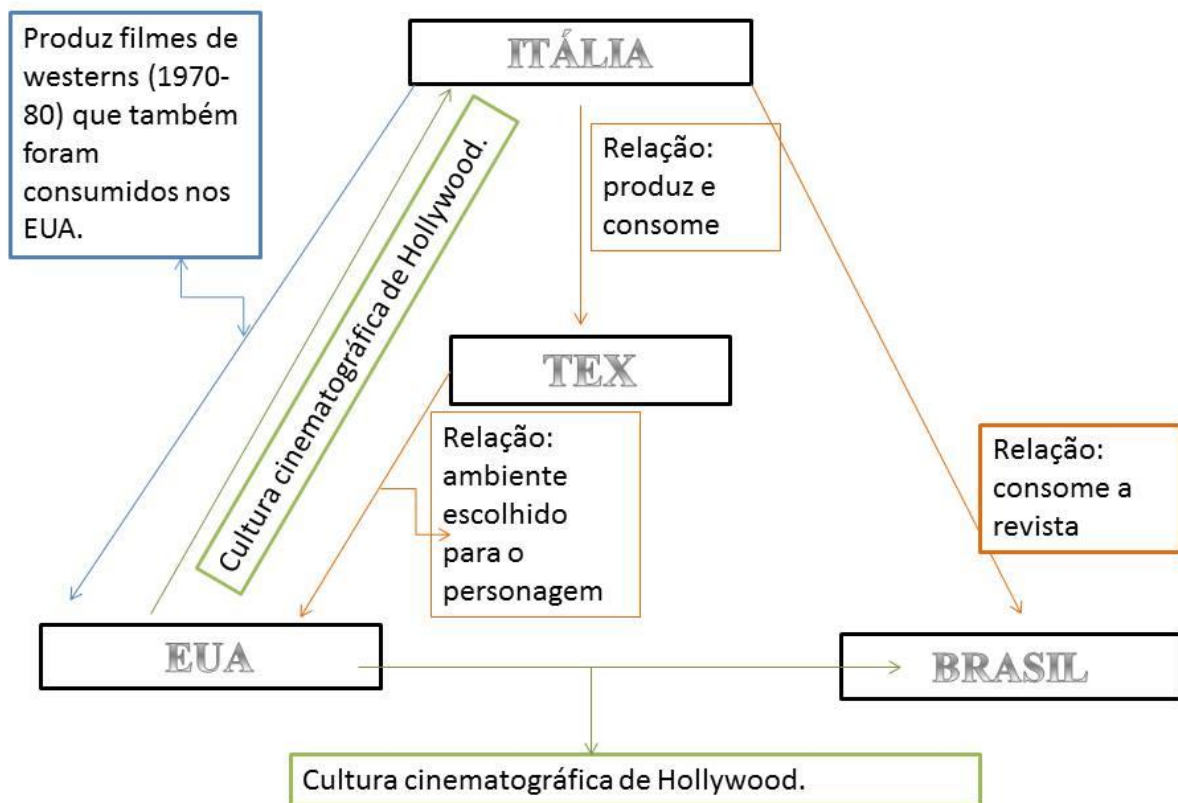
paulatinamente no próprio território estadunidense e italiano, sobretudo as leituras de Elise Marienstras (1988; 1992) a respeito da construção da nação estadunidense e o nacionalismo presente neste contexto histórico; João Bertonho (2010), sobre a história da Itália procurando entrelaçar as teses destes com as de Carlo Sforza (1945), Jacques Georgel (1996), George Holmes (1997), e Emilio Gentile (2003), também sobre o contexto de formação da Itália e sobre o momento histórico no qual Tex foi pensado e desenvolvido.

Neste sentido, é preciso esclarecer que a HQ está influenciada por territórios diferentes e pelas culturas difundidas por estes: pelo mito estadunidense de western, veiculado principalmente por meio da produção massiva de filmes de faroeste, os quais divulgaram uma dada imagem do oeste “americano”, da conquista deste território “livre” a ser desbravado, desta terra sem lei, pois ainda não havia a presença do Estado e a civilização deveria se impor sobre os não civilizados; e isto aparece nitidamente em Tex, sejam nos roteiros, sejam nos desenhos representando as planícies, os desertos, o Grand Canyon, ou mesmo nas cidades nascentes e em expansão, como San Francisco e Washington. A apropriação deste imaginário mítico da construção dos EUA recebeu as especificidade de interpretação que a própria cultura italiana destes autores, nascidos no norte da Itália, possuíam. A Itália é um país com grandes diversidades, com muitas diferenças culturais, linguísticas (no que se referem aos dialetos regionais) e de hábitos, além de ainda ter em seu território a sede máxima do catolicismo, o Vaticano.

Esta revista não está dissociada de todos estes diálogos estabelecidos, e é fruto da imaginação Bonelliana e Galepiana, onde encontramos a mistura da produção cultural estadunidense, a hollywoodiana, mas pensada e elaborada na reconstrução italiana do pós Segunda guerra mundial, pós fascismo, pós Mussolini. Apropriar-se do mito do conflito e da formação dos EUA na Itália do pós-guerra é também uma estratégia de falar sobre a própria realidade, de lidar com os limites de sua reconstrução, e perceber a estrutura de base sobre a qual poderia se edificar o novo país. Quais seriam os valores a serem destacados? Quais seriam os limites morais ou os questionamentos éticos a serem tematizados? Em Tex, estes temas e estas balizas são afirmadas, apropriadas do mito fundador americano, mas deslocadas para as próprias crenças e os problemas da Itália dos anos 1950 em diante.

Em um organograma, teríamos:

FIGURA 12: organograma explicativo dos diálogos estabelecidos em Tex.



Fonte: Elaborado pela autora.

As setas simbolizam as circulações de valores culturais, as (re)apropriações e diálogos estabelecidos entre as produções culturais de cada país/sociedade (Itália, Estados Unidos e Brasil). Neste caso, para a produção da revista houve a apropriação dos mitos de construção da nação dos Estados Unidos, à medida que consumiu os produtos culturais da indústria hollywoodiana, reelaborando a cultura estadunidense, tendo esta sido projetada no personagem, mas, com ponto de vista da própria cultura italiana. No caso do Brasil, estas revistas passaram a ser comercializadas e um grande público consumidor entrou em contato com este produto, o que não é diferente da experiência da Itália, mas agora, marcada por esta passagem pela perspectiva dos valores italianos.

A hipótese aqui levantada é de que, por meio de releituras de filmes e contos de Velho Oeste, sobretudo das décadas de 1940-1960, Bonelli e Galep buscaram inspiração para escreverem os roteiros e construírem Tex. A partir de uma perspectiva *kicht* eles criaram o seu desenho gráfico o Oeste americano. Foi a força da indústria cinematográfica hollywoodiana que estimulou a criação de Tex Willer. Entretanto, o

próprio Hobsbawm (2013) aponta que outros mitos de *cowboys* também existiram em diversos povos e culturas. Os mitos dos bandidos sociais, como Robin Woody, e podemos pensar em Lampião aqui no Brasil, são comuns, e por isso a identificação que tanto italianos quanto brasileiros temos com o *cowboy*. Entretanto, é a divulgação realizada pela forte indústria cultural norte-americana, que o *cowboy* e o Velho Oeste acabaram por predominar em nosso imaginário atual. Hoje podemos notá-los de maneira *ressignificada* e *reapropriada*, deslocadas desta imagem típica, como por exemplo: nos filmes de Guerra, ou mesmo, nos super-heróis que povoam as nossas telas e circulam nas HQs. Observe-se a caracterização de *Volverine*, dos X-Men, e todo o universo Marvel. No entanto, o que nos chama a atenção em Tex é a maneira como há uma fidelidade nas paisagens, no cenário, na cenografia e figurinos como um todo, e como o personagem permanece de maneira, podemos dizer, “pura” ao se manter ligado à representação clássica do início do século XX, quando nem mesmo os próprios norte-americanos o fazem e não somente a questão do herói.

O que observamos em Tex está também retratado nos diversos filmes de westerns, como por exemplo, os de John Ford (1894-1973), marcados por estereótipos, que divulgaram uma interpretação da sociedade americana em que os nativos das américas, os índios, seriam selvagens, pois não eram civilizados, e praticariam o mal. Nesta leitura, justifica-se o extermínio dos nativos, e destacam ressaltando os ideais patriarcais, em que os colonos brancos indefesos, desprotegidos em uma terra onde a civilização - o Estado, e a afirmação da Lei-, não chegou.

A família nuclear, formada por colonos brancos, mulheres brancas indefesas e sua prole, tenta se estabelecer no Oeste. A paisagem desértica afirma a ideia deste território como uma terra sem lei, na qual é preciso levar o progresso e a civilização (*branca*) independente dos métodos que forem *necessários*, o que justifica, por exemplo, os métodos de interrogatórios de Tex Willer.

No entanto, Bonelli em seus roteiros não se restringe à influência da indústria cinematográfica “americana” reproduzindo desmedidamente estes estereótipos, mas os desloca, diversificando as possibilidades, mostrando índios bons e maus, negros injustiçados e bandidos, militares eficientes e ignorantes, mulheres passivas e ativas, bem como elementos místicos (como sempre aparecem nas histórias de Mefisto<sup>32</sup>). Isto é, Bonelli, por escolhas pessoais, escapa às representações estereotipadas em seus

---

<sup>32</sup> Mefisto é o nome dado à um dos inimigos de Tex, ele é um ilusionista, daí a presença de elementos místicos em suas histórias.

roteiros e nos mostra, sob seu ponto de vista, as contradições que existem neste território, criando um universo próximo, porém diferente, dos westerns de Ford e outros, isto já desde o período em que o personagem começou a ser elaborado e a circular. Se nos filmes de John Ford tal maniqueísmo somente deixa de predominar em meados dos anos 1950, nas HQs de Bonelli, esta leitura crítica em que apresentam-se personalidades mais complexas dos personagens, já ganham seus contornos.

Mergulhar no universo de Tex Willer é algo complexo e tem dois caminhos: o do universo do western, do velho oeste, onde vive o personagem, mas também o universo da Editora Bonelli, de Milão, da Itália onde vivem e/ou viveram os criadores e atuais desenhistas e roteiristas.

Márcio Rodrigues (2011) afirma que as HQ's

[...] podem ser uma fonte para a história, mas desde que não sejam interpretadas, em virtude do seu caráter de matéria ficcional, como um registro que passa à margem do social. [...] são produzidos em um determinado tempo e espaço, [...] participação no mundo social, até mesmo de natureza política e ideológica. Como produtos da cultura da mídia não são entretenimento inocente, mas tem cunho perfeitamente ideológico e vinculam-se à retórica, a lutas, a programas e ações políticas. (KELLNER, 2004 apud RODRIGUES, 2014, p. 35).

Neste sentido, partindo da necessidade do contexto e retomando o que foi dito anteriormente, alguns pontos devem ser considerados:

A análise de uma HQ requer ainda que se perceba quem a produziu, quem a editou, se ela fazia parte de uma linha editorial mais conservadora ou liberal e as estratégias discursivas que utilizam [...]. (RODRIGUES, 2011, p. 45, destaque meu).

Temos um caminho muito mais complicado que é preciso traçar para compreender a produção de Tex, uma vez que se faz necessário o estudo dos Estados Unidos em que o personagem foi alocado, ou seja, o EUA do Mito de Consolidação da Identidade Nacional, entretanto, é na Itália que ele foi apropriado e reproduzido em história de gibi no pós-II Guerra Mundial, em pleno processo de reconstrução da Itália recém unificada e destruída.

Estes três momentos históricos com suas especificidades e relações estão intimamente ligados nas revistas de Tex Willer [...] porém temos que ter o senso crítico de perceber que esta não é uma escolha dos autores e nem foi racional e necessariamente pensado assim, é algo da própria história, é um movimento que não podemos negar, enquanto historiadoras. O nosso objeto de investigação tem “um pé” nos EUA e

outro na Itália e é isto que procuramos perceber durante todo nosso trajeto de pesquisa: esta influência de tempos e espaços em um gibi que tem por tema o mito do faroeste. (em fase de elaboração)<sup>33</sup>.

### **Tex, um personagem dos Estados Unidos da América: o mito do cowboy.**

O personagem Tex representa um *cowboy* do velho oeste americano, um homem da fronteira. Uma pergunta que Eric Hobsbawn (2013) coloca, e que cabe bem aqui é como este *cowboy* especificamente, o americano, se torna modelo predominante em diferentes culturas? Em um capítulo breve o autor questiona como este mito de homens montados à cavalo, tangendo rebanhos (não necessariamente de vacas), se tornam assunto de mitos poderosos e tipicamente heroicos que se espalham por todo o mundo, incluindo o Brasil e a Itália, enquanto que outros *cowboys* (como os gaúchos das planícies do Cone Sul da América Latina, os *llaneros* da Colômbia e Venezuela e provavelmente os vaqueiros nordestinos do Brasil)<sup>34</sup> não são modelos para a indústria cultural.

Para ele, o mito do cowboy americano prevalecerá: retratando personagens com tenacidade, bravura, sempre armados, indisciplinados, bárbaros, e que adquirem status de nobres selvagens. São estes homens que estão em uma terra sem lei, que servem de base para todas as produções culturais posteriores que digam respeito ao velho oeste. É neste Oeste retratado de maneira bárbara, que faz parte de um país em construção, que Bonelli contextualizará seu personagem mais bem sucedido de *fumetti*.

Hobsbawn (2013) coloca que “o próprio Oeste está condenado à destruição: é isso que o mito europeu tem em comum com as versões posteriores do western americano” (p. 318). Em Tex já percebemos isto: a expansão das cidades, o crescimento demográfico coincidindo com uma terra onde ainda reina a “lei do *colt 45*”, mostram uma contradição exemplar na relação entre a contraposição do mito da fronteira americana e o processo civilizatório. Nos EUA, a fronteira é o lugar do *wilderness*, qual seja, onde os homens em solidão se purificam dos vícios do velho mundo. Entretanto, também é o espaço para vir a ser civilizado com o avanço do progresso. Assim, ao mesmo tempo em que o Velho Oeste é o lugar onde não há a Lei organizada com a presença do Estado civilizado e civilizatório e a consolidação da ordem, é simultaneamente o lugar da purificação. Percebe-se que há uma certa frustração com a

---

<sup>33</sup> Esta informação será publicada. Artigo de autoria de ANTUNES, A. F.

<sup>34</sup> Cf. HOBSBAWN, 2013, p. 312.

perda deste “paraíso” ainda não corrompido pela ganância e os vícios do mundo civilizado. Neste sentido, podemos inferir que o autor está nos atentando é para esta internacionalização do mito do western pela influência global americana e, no caso aqui estudado, a esta adaptação do que o próprio Estados Unidos divulga de seu Oeste, feita por Bonelli. Podemos acrescentar que, se há a internacionalização do mito americano divulgado por *hollywood*, ao atermos nossa atenção para a circulação do gibi Tex, e em seguida, observarmos a produção de filmes italianos dos anos 1950 a 1970, principalmente, em cuja temática se assiste essa reafirmação do mito do homem solitário e grosseiro que é o cowboy, isto ocorreu porque este mito foi apropriado e repassado, sendo devolvido para circulação de novos consumidores, incluindo o próprio EUA, conforme já explicitado anteriormente em um organograma sobre as circulações culturais presentes em Tex.

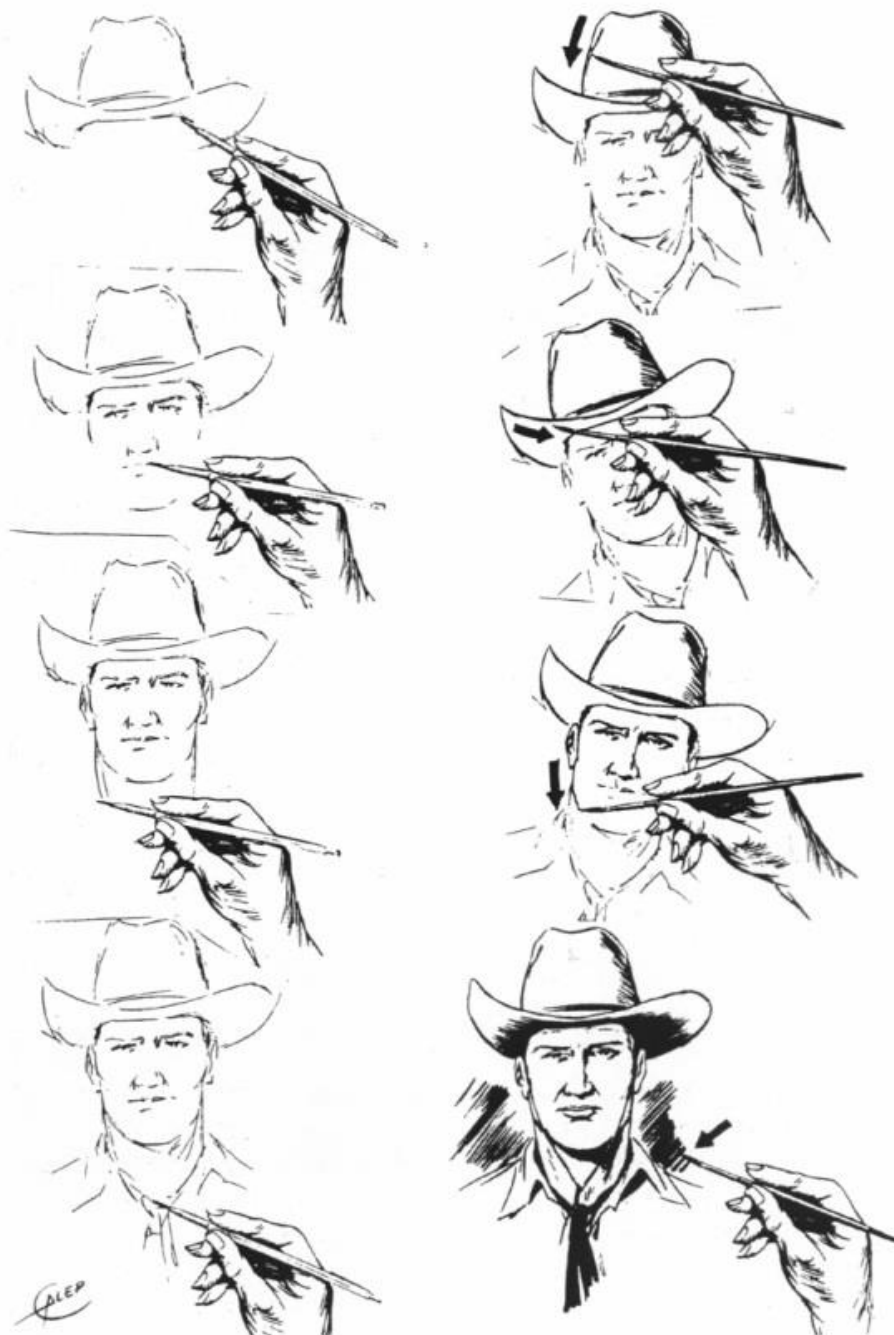
Fohlen (1989), ao referir-se ao cowboy, afirma que:

Eis aí uma nova espécie do gênero humano. Devo observá-lo com cuidado e anotar todos os seus hábitos, costumes e particularidades. Há qualquer coisa de romântico nele. Vive montado em seu cavalo, como os beduínos; combate sobre o cavalo como os cavaleiros da Idade Média; anda armado, uma arma estranha e nova que maneja com precisão e com ambas as mãos; jura como um soldado, bebe como um peixe, veste-se como um ator e luta como o diabo. É amável com as mulheres, reservado com os estranhos, generoso com os amigos e brutal com os inimigos. Eis o cowboy, o homem típico do oeste. (WEBB, apud FOHLEN, 1989, p. 123).

Para este autor, portanto, o cowboy é o personagem central que simboliza o oeste e está presente em diversas representações literárias ou cinematográficas que, por sua vez, também influenciaram na imagem de um herói mítico dos tempos modernos.

“Durante os anos 50, a quarta parte dos filmes produzidos em Hollywood era westerns, retomando, renovando e diversificando uma tradição que remonta aos primeiros anos deste século” (FOHLEN, 1989, p. 105). E é neste período que Tex está surgindo e se consolidando: ele mesmo começou como peão de rodeios, ou seja, esta é a primeira “cara” do personagem, antes de ser justiceiro, ranger, agente indígena ou chefe dos navajos. E é influenciado por esta imagem “padrão” de cowboy representada pelo cinema que Tex é tecido: um homem com chapéu de abas largas, um lenço no pescoço e olhar distante, no horizonte.

FIGURA 13: croqui de Tex desenhado por Galep passo a passo, datada de junho de 2009<sup>35</sup>.



Fonte: <https://comicsandoimage.files.wordpress.com/2009/06/tex-willer-gallery.jpg?w=600>.

FIGURA 14: Tex original por Galep.

<sup>35</sup> É importante ressaltar que esta data refere-se ao momento em que a imagem ficou disponível e não de quando foi feita. Isto não foi possível aferir até a edição final deste texto.



Fonte: Tex em cores, v. 5 – o casamento de Tex, 2010.

A revista Tex é uma grande epopeia de um herói que conquista a América, a qual é expandida na luta dos brancos em busca do desbravamento civilizatório do Oeste selvagem e virgem. Tex não é representado como um homem sem escrúpulos, e sim



como alguém que é visto como um justiceiro em auxílio à expansão da civilização pelo território estadunidense, entretanto, diferentemente da matriz original do mito americano, ele respeita os nativos indígenas, a cultura católica, e até mesmo, os mexicanos.

### **O Oeste de Tex:**

Falar em construção de uma identidade nacional, de um território também unido, em termos de Estados Unidos da América, é falar do Oeste. A lenda do Oeste “é uma versão da História profundamente enraizada na cultura norte-americana e presente até os dias de hoje.” (JUNQUEIRA, 2012, p. 1). Tex é também uma representação desta lenda, mesmo sendo produto da indústria italiana. Digamos que Tex é a versão *spaghetti* da lenda americana, como os próprios italianos costumam falar de seus filmes de western.

Explicando essa lenda, esse mito do Oeste, Mary Ann Junqueira indica que

Podem ser entendidos como representações de uma determinada realidade. São construções culturais que evocam a memória e a nostalgia e reavivam crenças, além de oferecer modelos de conduta aos homens do presente. Os mitos são também importantes para o funcionamento da sociedade que os criou, pois transmitem códigos culturais e a visão de mundo de determinada sociedade. (Slotkin, 1994 apud JUNQUEIRA, 2012, p. 1).

Pensando sobre o Oeste e toda sua significância para o universo de Tex Willer, recorri ao livro de Fohlen (1989) sobre *O faroeste*, pois o mesmo possibilitou um aprofundamento do conhecimento sobre o universo das narrativas desta HQ, um estreitamento de relações com o velho oeste, com o faroeste, o próprio oeste, a fronteira, e com o próprio personagem e suas narrativas.

Diversos conceitos aqui foram utilizados para se referir ao mesmo território: oeste, velho oeste, faroeste, fronteira. É preciso explicar que em alguns momentos estes se entrelaçam e se confundem, em outros, dizem respeito a temporalidades diferentes.

Para Fohlen (1989),

Os americanos sempre tiveram seu oeste, mas este se deslocou no tempo e no espaço. No século XVII, os colonos estabelecidos nas planícies consideravam parte do oeste tudo o que se encontrava além dos cumes dos apalaches. A partir do século XVIII [...] o oeste se situa aproximadamente nos atuais estados do Kentucky e Tennessee. No começo do século XIX, o vale do Mississippi aparece como a linha

extrema do povoamento, a *Fronteira* demarcando o *no man's land* (terra de ninguém). (p. 11, grifos do autor).

Para ele, após a incorporação do Texas, a partilha do Oregon com a Grã-Bretanha e o tratado de Guadalupe Hidalgo (Espanha), foi introduzido um novo oeste no imaginário estadunidense e que foi consagrado como velho oeste. “este é o último oeste, aquele a que milhares de filmes, romances populares, canções e tradições habituaram o homem do século XX.” (FOHLEN, 1989, p. 11). Neste sentido, os termos estão referindo-se ao mesmo território, porém em períodos históricos diferentes, que vão se modificando, mas que estão sempre presente no imaginário estadunidense e que compõem este mito do cowboy que habita nas planícies distantes e faz justiça com as próprias mãos na ausência da lei imposta pelo Estado.

Pretendemos passar a partir daqui à análise da expansão para o Oeste e à caracterização deste, buscando compreender também a representação realizada em Tex. Claude Fohlen (1989) esmiúça os detalhes sobre o território do far-west: as ferrovias que chegam ao oeste e abrem o país, os cercamentos e a restrição do espaço com o uso do arame farpado, os hábitos alimentares e culturais, a caracterização dos hábitos e costumes dos habitantes ali presentes, bem como diversos elementos da vida cotidiana que deram o caráter de modernização à esta conquista territorial, como os correios, o telégrafos, as farmácias, e os espaços de sociabilidade que se abriram nos povoados e que eram necessários à vida no local, como, as estrebarias, os ferreiros, os *sallons*, os teatros, os restaurantes, os bancos, as igrejas, as escolas, etc.

Um grande número de americanos foi durante muito tempo atraído pelas possibilidades e promessas oferecidas no oeste, considerando-o uma espécie de Eldorado, pois prometia o acesso a propriedades e lugares de posse que não obtinham mais no Leste ocupado, por isso a figura do pioneiro, imbuído da experiência civilizatória, firmou o imaginário desta expansão. (FOHLEN, 1989, p. 16).

No primeiro capítulo do presente texto apresentamos Tex e o enredo principal de suas histórias. Ele é um ranger que habita nos Estados Unidos no século XIX, no entanto, o mesmo foi criado por italianos no pós-guerra. Partindo disto, temos o ponto emblemático desta pesquisa: como um personagem de quadrinhos italianos, *fumetti*, pôde ser criado sendo ambientado em outro país além-mar em outro século que não o do presente de sua criação, e [re]construindo um mundo representativo da mitologia nacional de outro país que não o de seus autores, o do faroeste “americano”. O que

permite que Bonelli e Galep possam (*re*)criar um ambiente de velho oeste a partir do país que vivem?

A hipótese mais provável é que Bonelli (sobretudo ele, uma vez que é o responsável pelos roteiros) tenha sido influenciado por filmes de western americanos, produzidos pela indústria Hollywoodiana nas décadas de 1930 a 1950 que é o período que precede e/ou coincide com a criação de Tex - em 1948. Produções essas como as de John Ford com seus inúmeros filmes de western<sup>36</sup>, tais como: *No tempo das diligências* (1939), *Rastros de ódio* (1956), *O homem que matou o facínora*, o que já foi afirmado anteriormente.

Segundo Reis (2014), estudioso do cineasta John Ford, o filme *Crepúsculo de uma raça* (1964), por exemplo, é uma quebra de paradigmas no gênero cinematográfico western, na medida que o mesmo não traz mais os índios como o mal social, como vilões, mas traz uma redefinição de identidades, sobretudo a indígena.

A partir das leituras deste autor, percebemos também uma interlocução de diálogos possíveis entre John Ford e Bonelli. Esta afirmação reforça a hipótese da apropriações de Bonelli a partir de uma leitura das produções Fordianas em Bonelli, e posteriormente um retorno disto também para o cinema estadunidense: as representações de Bonelli retornam aos EUA por meio das versões *spaghetti* do western que passavam nos anos 1950-60 pelas lutas sociais e a revolução comportamental. Foi neste momento também que Ford modificou e redefiniu seu discurso fílmico fazendo uma nova leitura do papel do índio, por exemplo, na narrativa: trazendo este personagem para mais perto, mais próximo do homem branco, em uma relação mais explícita nos filmes.

O próprio Bonelli coloca, em entrevista concedida à Decio Canzio (2012), que seu personagem Tex, conforme já indicado anteriormente, não reforça preconceitos latentes do tempo de criação deste, mas vai na contramão do que estava posto: Tex é amigo dos índios e defensor da justiça para com estes.

[...] when the so-called „bullies“ are whites moving further and further towards the west, then you do also find a reaction against genocide and against racist intolerance. However, I have always considered the struggle against discrimination within the wider context of rebellion against any form of oppression. On the other hand if you consider the

---

<sup>36</sup> O western é tido por um “gênero cinematográfico que sempre primou por dualidades bem claras, procurando distinguir a civilização e a selvageria através de arquétipos que cumprem funções bem estabelecidas no projeto civilizatório norte-americano.” (MARCONDES, 2009, apud REIS, 2014, p. 3).

atmosphere of the period in which Tex was born, then my choice has to be seen as a reaction against the prevailing conformism of that time. But why was I that way whereas other people weren't? Well, even at that time I used to read a lot of books about the Native Americans and I'd learned to respect those indomitable populations. [...] My way of story-telling is completely different from the American approach. The technique of those great scriptwriters (so concise, so terse) was bound by the medium their tales were intended for: a strip of three panels in daily newspapers. Whereas I have always preferred a manner of story-telling which is suited for long episodes rich in dialogue. (p. 3)<sup>37</sup>.

Nesta mesma entrevista, Bonelli é convidado a citar dez filmes que levaria para o deserto e entre estes estão algumas produções Fordianas, tais como *Fort Apache* (1948), *Stagecoach* (1939) e *The searchers* (1956) e outros diretores como Nicholas Ray (*Jhonny Guitar* (1954)), John Sturges (*Gunfight at the ok Corral* (1957)), George Stevens (*Shane* (1953)), Delmer Daves (*3:10 to Yuma* (1957)), Mann (*Winchester "73* (1950), Zinnemann (*High Noon* (1952) e Aldrich com *Vera Cruz* (1954). A partir da lista podemos perceber que grande parte dos filmes considerados "os 10 melhores" por Bonelli, 30% são produções exclusivamente de John Ford, enquanto os outros são uma mescla de diversos diretores.

Não podemos tomar a indústria de cinema hollywoodiana como um corpo homogêneo, e é justamente isto que permite levantar a hipótese de que o fato de Bonelli colocar seus personagens indígenas como seres complexos e não somente de maneira dualística, como vilões que se contrapõem aos heróis brancos colonos, foi possível a partir de suas (*re*)leituras de obras publicadas sobre este território que ele escolheu para ambientar *Tex Willer*.

Além disto, está a própria influência italiana, isto é, o contexto histórico que a Itália vivia permite-nos perceber também como Bonelli terá materiais (informações) e recriará o oeste estadunidense a partir do chão no qual vive, que está posto em um tempo e espaço próprios: Itália no século XX, em 1948, no pós Segunda Guerra

---

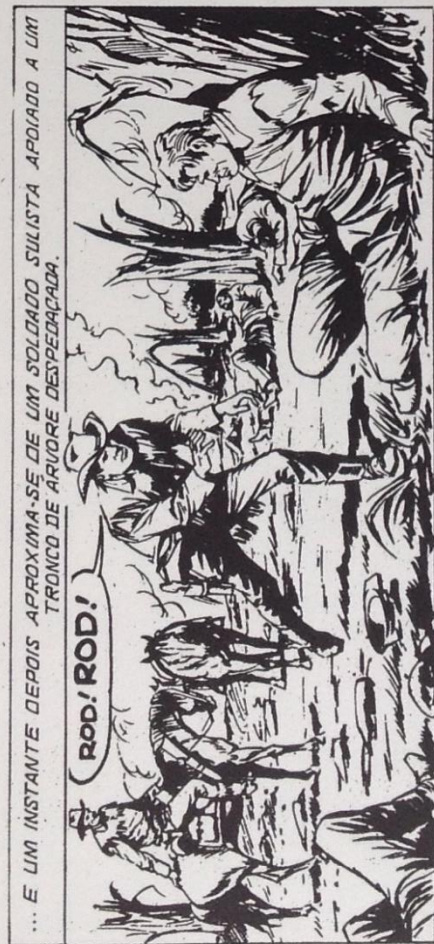
<sup>37</sup> Em tradução direta: [...] Quando os chamados "valentões" são brancos que se deslocam mais e mais para o oeste, em seguida, você também encontrará uma reação contra o genocídio e contra a intolerância racial. No entanto, eu sempre considerei a luta contra a discriminação no contexto mais amplo de rebelião contra qualquer forma de opressão. Por outro lado, se você considerar a atmosfera do período em que Tex nasceu, então minha escolha tem de ser vista como uma reação contra o conformismo vigente da época. Mas por que eu pensava dessa maneira enquanto outras pessoas não? Bem, mesmo naquela época eu costumava ler um monte de livros sobre os nativos americanos e eu aprendi a respeitar essas populações indomáveis. [...] A minha maneira de contar histórias é completamente diferente da abordagem americana. A técnica desses grandes roteiristas (de modo conciso), vinculada por meio de seus contos, foram destinados para: uma faixa de três painéis em jornais diários. Enquanto que eu sempre preferi uma forma de contar histórias que é adequado para episódios longos ricos em diálogo. (p. 3). Entrevista disponível no livro BONELLI, G. L. **Il mio nome é Tex**. Milão: Arnoldo Mondadori, 1975.

Mundial, vivendo uma reestruturação, uma reaproximação depois da unificação autoritária realizada pelo fascismo de Benito Mussolini, e que foi enfrentada pela própria sociedade italiana, ou parte dela, ao se recusar a articulação ao lado do nazismo alemão de Adolf Hitler.

Percebemos que a Itália, assim como os EUA, enfrenta sérios problemas de construção de uma identidade nacional e de um Estado-nação unificado, que tem sua base na sociedade patriarcal e muito influenciada pela cultura cristã, mas no caso específico da Itália, a presença predominante do catolicismo - em que a solidariedade, a ideia de justiça divina, de salvação da alma, de arrependimento e de confissão, mas também de destino e livre-arbítrio são muito arraigadas-, e que estes temas estão presentes em Tex (o gibi) em diversos momentos da narrativa do personagem.

FIGURA 15: sequência retirada de A batalha sangrenta.







Fonte: TEX A BATALHA SANGRENTA, 1975, pp. 108 e 109.

Na imagem acima representada, temos uma cena de Tex enterrando seu amigo Rod durante a Guerra de Secessão, este ato é muito recorrente em Tex em diversas aventuras do ranger. Seja um forasteiro, um bandido, ou um amigo, todos merecem um funeral, um enterro digno, pois todos são almas a serem salvas no rito digno. Neste sentido, observamos em Tex de maneira muito arraigada, este espírito cristão de respeito aos mortos, de uma “celebração” de funeral.

O que percebemos é que a dicotomia entre Norte e Sul presente na Itália, da mesma maneira está presente nos Estados Unidos da Guerra de Secessão (1861-1865). As questões em torno desta luta dizem respeito ao momento histórico dos fatos do conflito americano, mas observemos que no que tange às produções de Tex Willer elas trabalham uma percepção da vivência de Bonelli sobre o contexto italiano de formação, desde as lutas em torno da unificação tardia e problemática, além de incompleta, do final do século XIX, até o pós Segunda Guerra Mundial, com a devolução de territórios africanos, por exemplo. Dizem respeito à tentativa de se fortalecer o nacionalismo tendo em vista o fantasma ainda presente do fascismo, existente dentro do país. O objetivo de que se construa uma nação após a luta tanto externa quanto também interna e fraterna, pois ocorreu entre irmãos de cultura, e o cuidado para que não houvesse uma fragmentação pós nazi-fascismo no estado que precisava se reerguer.

Em se tratando de Itália, o autor Conde Carlo Sforza (1945) nos coloca o problema de disputa entre norte e sul que está intimamente relacionado com as narrativas aqui escolhidas para análise, do personagem Tex Willer: as que dizem respeito à Guerra de Secessão nos Estados Unidos. Explico: a questão norte x sul posta no gibi pelos autores (roteiristas e desenhistas) texianos são uma leitura da própria unificação da Itália, de uma luta histórica entre norte e sul. Ela foi retomada com a Segunda Guerra Mundial, uma vez que o país foi fraturado pelo conflito, a parte sulista da Itália apoiou a entrada dos aliados e lutou contra os nazistas e fascistas, os comunistas se aliaram às forças lideradas pela URSS, e portanto, os EUA. A Alemanha, de parceira, tornou-se invasora e saqueadora da arte e das obras italianas, dos tesouros artísticos. Ao fim da guerra um novo tempo se iniciou, e era preciso que a Itália se reconstruísse. A ideia de que a União deveria vencer e a unidade não só territorial, mas em todos os aspectos, cimentada com o nacionalismo italiano, vingasse. É preciso fortalecer o país por meio da União do povo.



Segundo Sforza (1945) “a diferença entre o Norte e o Sul não é mais acentuada na Itália do que na França, na Alemanha ou nos Estados Unidos da América – apesar de na Itália a separação ser ainda maior. [...] E a razão é exclusivamente histórica e ocasional. [...] Durante séculos viveram [norte e sul] como se estivessem separados por uma distância invencível.” (SFORZA, 1945, p. 104). Ou seja, o nacionalismo é o elemento chave que precisa unir este território diverso em um único povo. É a liga para unir a Itália que havia passado por uma unificação tardia, que esteve sob o controle de variadas dinastias, e mesmo sob o jugo de Napoleão, e que sempre esteve subjugada à potencialidade das decisões da Igreja Católica. Este território, esta Itália precisa unir-se apesar das divergências nortistas x sulistas. Esta necessidade está presente no gibi de maneira explícita e que traz o ponto de vista de autores do Norte, de Milão. Eles se apropriaram do Mito americano para falar sobre suas próprias questões e valores. Não haveria como no país que acabara de passar pelo fascismo de Mussolini, em que o passado de Roma havia sido o mito de unificação a fortalecer o incipiente nacionalismo italiano, ser *reapropriado* o próprio passado. Daí uma hipótese para a escolha de um personagem *cowboy* em um Oeste mítico ser a alternativa para um novo herói de unificação para os italianos.

Sobre isto, Sforza (1945) também comenta que “a verdade é que os moradores do Norte continuam a retratar os sulinos de acordo com o velho tipo, taxando-os de divertidos, conversadores e preguiçosos, falando uma linguagem fora da moda.” (p. 106) e Bonelli, ou mesmo seus sucessores (roteiristas), ao retratar a Guerra de Secessão, usa dos mesmos artifícios de representação do sul.

FIGURA 16: sequência retirada de Chamas de Guerra.



IMAGINO QUE ESTÁ COM O NORTE PRA APOIAR A CAUSA ANTIESCRAVISTA!

NÃO PRECISAMENTE, OI NÃO TOTALMENTE! PELO QUE ME DIZ RESPEITO, ESTOU DE ACORDO COM LINCOLN, AO DAR A LIBERDADE AOS NEGROS...



CLARO! PELA SIMPLES RAZÃO DE QUE O NORTE É O FUTURO... O SUL REPRESENTA O PASSADO!



...MAS O QUE ME INDUZIU A ME ALISTAR NO NORTE FOI A CERTEZA DE QUE SERÁ O NORTE A VENCER A GUERRA!

TEM MESMO CERTEZA?



RIQUEZAS E PRIVILÉGIOS PRA POUCOS, MISÉRIA PRA TODOS OS OUTROS!



OLHE EM VOLTA... O QUE VÊ NO SUL? INTERMINÁVEIS PLANTAÇÕES DE FUMO E ALGODÃO, EM MÃOS DE POUCÍSSIMAS FAMÍLIAS IMENSAMENTE RICAS, QUE DESFRUTAM DE UM EXÉRCITO DE ESCRAVOS!



DO TEXAS, HEIN?

ACERTOU EM CHEIO!



SAUVE O MELI É TEX WILLER!

RAZÃO EM CONHECÊ-LO! MEU NOME É JOHN WALCOTT!



CONTAMOS RAPIDAMENTE O QUE ACONTECEU E O RAPAZ NOS CONVIDOU A SEGUIR-LO A UM LOCAL ONDE NINGUÉM JAMAIS PENSARIA EM IR NOS PROCURAR!

JOHN WALCOTT... ENTÃO ENTRA EM CENA O PRIMEIRO DOS DOIS FAMOSOS SOBRIINHOS DESSE TAL QUE LHE ESCREVEU A CARTA!



NO CAMINHO, O RAPAZ CONTOU QUE, APESAR DA SUA ORIGEM SULLISTA, MILITAVA COMO TENENTE NO EXÉRCITO DA UNIÃO!

DIABO!



EXATO! E O LOCAL ONDE TINHA INTENÇÃO DE NOS LEVAR ERA A NÃO DISTANTE PROPRIEDADE DE SEU TIO HOWARD!

HMM, INTERESSANTE!





No trecho destacado acima é bem colocada a postura dual do personagem John, caracterizando o sul como retrógado e escravagista e o norte como “à frente de seu tempo”. Isto reforça a ideia teleológica desta aventura em específico: o norte será vitorioso, portanto as representações, as caracterizações do Sul só podem ser negativas haja vista que Tex é um herói que sempre deverá estar do lado “certo”. Mesmo que no período da Guerra propriamente dita, nos EUA do século XIX, o “certo” não estivesse bem delimitado, no período de escrita destas aventuras de Tex, de 1948 em diante, a postura mais correta do personagem herói seria se posicionar a favor do fim da escravidão, defendendo a liberdade e a igualdade de raças, *mesmo que*, estes debates não estivessem presentes no século XIX no momento do conflito.

Além disto, Conde Carlo (1945) também coloca outro ponto interessante sobre esta disputa entre norte e sul na Itália, uma questão delicada, que está intimamente ligada à trajetória de Bonelli: o fascismo de Benito Mussolini. Para ele, “apesar de o fascismo possuir seus mais sinceros partidários no norte, a maioria dos agentes, funcionários, e espiões da polícia fascista, são compostos de elementos da pequena burguesia sulina, que se sente grandemente satisfeita em vestir o uniforme fascista, desde que ele signifique salário certo.” (SFORZA, 1945, p. 106). Ainda sobre este tema, do significado do fascismo na unificação da Itália, o mesmo autor coloca que “the very integrality of the nation state, which was less than eighty years old, was called into question.” (SFORZA, 1945, p. 1)<sup>38</sup>. Para além destas informações ele também retrata outros elementos presentes nesta Itália em constante construção e transformação (quase nunca de maneira “calma”): a ineficiência do estado e a forte presença do catolicismo pela instituição da Igreja<sup>39</sup>.

Se nos atentarmos para este dado, podemos perceber o quão significativo ele é em Tex, por exemplo, por meio de seu forte moralismo, reforçado pela escatologia cristã de seus criadores: a presença imagética da cruz, a defesa de um funeral justo por todos cristãos, independente de terem sido ladrões, bandidos, ou mocinhos: como apresentado, por exemplo, no enterro do amigo (Rod) em *A batalha sangrenta*.

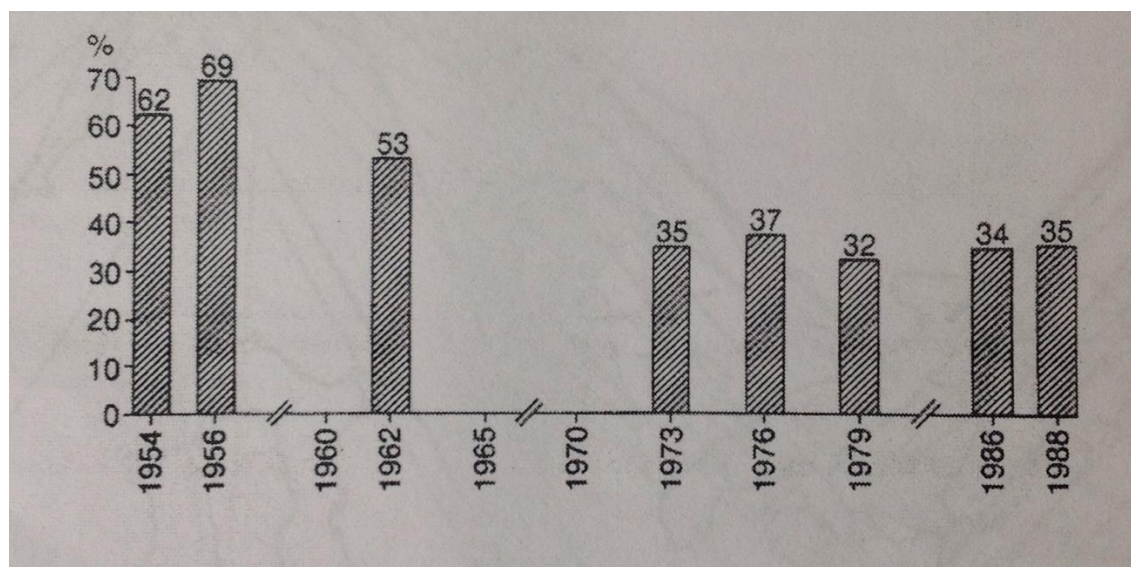
---

<sup>38</sup> Em tradução direta: “A própria integralidade do Estado-nação, que foi a menos de 80 anos de idade, foi posta em questão/dúvida”.

<sup>39</sup> Entretanto, a máfia sulista será de suma importância para a resistência ao fascismo. Por isso, finda a guerra, as famílias mafiosas não deixaram o mando local, mas sim, conseguiram manter-se no poder pois, ainda mais, combatiam os militantes do partido comunista italiano que havia se tornado forte ao lutar contra os fascistas, e no pós 2ª Guerra Mundial poderiam mesmo vencer as eleições se estas tivessem sido democráticas e livres (coisa que não ocorreu devido a intervenção da CIA – primeira -, para impedir essa vitória).

Ginsborg (1990) coloca no gráfico abaixo que a população até a década de 1956, por exemplo, ainda está intimamente influenciada pela Igreja Católica apostólica romana (em um estudo entre os anos de 1954 a 88).

FIGURA 17: gráfico da porcentagem da população que assiste à Igreja na Itália, 1954-88.



Fonte: GINSBORG, Paul, 1990, p. 434.

Voltando à história dos Estados Unidos, que é importante se discutir aqui para percebermos estes pontos em comum, nestas aproximações presentes nos roteiros de Bonelli, assistimos à uma discussão acerca da formação deste território que está intimamente relacionada com o mito do Oeste. De acordo com Oliveira (2000), a formação da nação norte-americana envolveu a “construção de uma ideologia nacional capaz de fornecer sentimentos comuns de pertencimento a uma população que falava diferentes línguas e pertencia a distintos grupos religiosos.” (p. 127, grifo meu.) – para isto, o papel dos mitos foi fundamental.

*Pertencimento* é uma palavra chave, pois estará muito presente nas discussões historiográficas sobre a formação dos Estados Unidos, ligada diretamente ao mito de formação. Mito(s) esse(s) que, segundo Marienstras (apud, OLIVEIRA, 2000, p. 127) foram numerosos: “o da ruptura e da criação; o dos grandes espaços e da fronteira; o da civilização e da selvageria; o do destino dos americanos e o da chegada do Milênio; dos ancestrais e dos heróis fundadores e o grande mito político de uma nação como resultado do contrato.” (p. 127).



Neste sentido, a “tese da fronteira é a invenção de uma América una. É a invenção de um mito reificado na palavra Oeste.” (p. 140). Daí a importância de tratarmos aqui não somente da construção da identidade nacional estadunidense, mas também desta pautada no mito do Oeste, na ideologia de conquista do território além da fronteira que representa o avanço, o progresso do Homem Branco e da civilização, conquistando e firmando raízes baseado na providência divina, na ideia de um só povo unido, de desbravamento e de povo eleito.

Segundo Doris Sommer (2004), “entre a Guerra de 1812 e a Guerra civil, os americanos escreveram setenta e três romances que abordavam as relações entre índios e brancos. [...] com poucas exceções, o herói e a heroína, ambos brancos, casam-se no final, os índios maus [...] são mortos e o índio bom morre, ou é extinto.” E a autora continua: “esses romances voltados para a purgação do sangue lamentam o sacrifício.” (SOMMER, 2004, p. 90). São estas obras, por sua vez, que deram origem aos pequenos romances distribuídos em folhetins baratos, e depois foram a base das adaptações para os filmes de faroeste. Estes filmes circularam o mundo com a força da indústria e o investimento do Estado americano em expandir suas produções, eles chegaram à Itália alimentando um imaginário do que é o Oeste, os *cowboys* e o próprio Estados Unidos. Eles encontraram na Itália o terreno fértil devido a suas próprias questões referentes às diferenças regionais, problemas e resistências com a unificação do Estado, com as dificuldades de estabelecer o centralismo político e a Identidade Nacional. Daí a apropriação que Bonelli, e mesmo roteiristas subsequentes, fazem com o retrato do Oeste e a formulação de Tex Willer e das narrativas deste ranger.

Diferente dos autores estadunidenses, que conforme Sommer (2004) afirma, elegem como heróis o casal branco, Bonelli, cria o herói para os EUA com base na mestiçagem: Tex casa-se com a filha do chefe Navajo Flecha Vermelha, Lilyth, e desta união nasce Kit Willer, um mestiço portanto.

Para esta mesma autora, o *progresso* no território “americano” depende de se manter claros os *signos*, de se distinguir os índios dos brancos, bem como os homens das mulheres (SOMMER, 2004, p. 91) e neste aspecto Bonelli também revela uma diferente perspectiva: ele não mantém os signos distintos, não separa índios de brancos, mas cria o seu herói baseado na mestiçagem. Tex é um personagem, um herói que não faz distinção (e por isso não faz abuso de seu poder também) entre brancos, índios, negros, chineses ou mulheres (entre todos os grupos sociais representados em diversas narrativas), mas julga conforme a lei maior (do território, da União) para, a partir disto,

fazer justiça. Isto é, ele age em nome da justiça, por um PAÍS, em prol da formação de uma UNIÃO e não em seu nome. O casamento inter-racial como representação cinematográfica é posterior à personagem de Tex e aos enredos de suas histórias. Nos anos 1960, Sidney Poitier foi o primeiro negro a receber um Oscar, e somente nos anos 1990, Denzel Washington foi indicado e o recebeu, mas como co-adjuvante, em um filme que fala do primeiro batalhão negro massacrado durante a Guerra de Secessão, mas que era liderado por brancos, e os mesmos brancos eram considerados os personagens principais nesse filme. Ressalta-se que Denzel Washington teve como parceira amorosa um mulher branca neste século XIX. Ou seja, a representação de Bonelli e Galep é subversiva ao gosto da representação padrão hollywoodiana ainda em nossos dias. Este pode ser um fator que favorece a manutenção do personagem no mercado por tanto tempo.

Isto nos permite inferir, por exemplo, que em uma Itália fragmentada pela extrema direita, pelo fascismo, pela força do partido comunista italiano e pela II Guerra Mundial, os dualismos não estão mais tão bem definidos: bom x mau; progresso x atraso; homem branco x outros. Ou seja, os conceitos não estão mais restritos à dualidade do bem versus o mal, e sim que estão sendo questionados por cidadãos de um país em reconstrução e experientes com as nuances entre o certo e o errado na prática da sociedade em crise. Esta percepção se reflete nas narrativas Bonellianas de Tex: os conceitos são variáveis, as situações passam a ser questionadas e relativas, nem tudo é o que parece ser.

Foi possível perceber, ao longo do estudo, a forte presença de uma dada imagem difundida nacional e internacionalmente sobre os EUA, divulgada, sobretudo pela cultura de mídia desde o século XIX. Ela incide sobre outras produções em outros lugares do mundo, que se apropria dela tendo em vista as próprias questões históricas e culturais de quem as consome. Para isto, um estudo do nacionalismo da Itália, a percepção de como se entrelaçam o presente dos autores com o passado retratado por eles, pôde contribuir para elucidar ainda mais este processo de construção do produto Tex.

O território italiano enfrentou em sua história diversos conflitos para sua formação e unificação. Enquanto os Estados Unidos do século XIX, segundo a historiografia, precisou se constituir enquanto uma unidade e enfrentou a estrutura cindida sobre a qual foi possível fazer a independência da Inglaterra. Para esta união ser aceita pelos cidadãos americanos, e para que uma nação forte fosse consolidada, criou-



se o imaginário de que estavam na terra prometida por Deus a seus filhos, portanto, eram um povo eleito, e encontraram na leitura bíblica do Antigo Testamento as bases que organizaram esta leitura mítica de seu passado, desde o pacto no Mayflower, passando pelos pais fundadores (homens brilhantes e à frente de sua época), como o calvário mas a recompensa de enfrentar o Oeste bravio, como se o deserto tivesse sido atravessado. Também na Itália se constrói este imaginário do povo eleito, entretanto, a base do catolicismo está nos ensinamentos bíblicos do Novo Testamento, e não se identifica com esta ideologia puritana tão arraigada na construção dos EUA, por isso, perdoar, dar a outra face, ser tolerante, amar o próximo são máximas que, *de certa maneira*<sup>40</sup>, encontramos em Tex e seus pares.

Dois aspectos aproximam o mundo de Tex (o personagem) com o de seus criadores Bonelli e Galep, na Itália de 1948: primeiro o da construção dos Estados nacional – a ideia de como foi formado o país, a Itália, e segundo, as ideias e memórias da Guerra, e como isto influencia nas representações dos autores por meio das narrativas e dos desenhos das aventuras de Willer.

Segundo Milza (2005),

Les années 1950-1970 sont celles de l'apogée du cinéma italien. On assiste à une véritable explosion de talents, chacun des grands réalisateurs de l'époque s'attachant à exprimer à sa manière son rapport à la société italienne et à son passé. [...]. Et ne pas oublier qu'avec Sergio Leone et ses Western-spaghetti le genre a retrouvé – l'humour, la dérision et la musique d'Ennio Morricone en plus – un certain lustre d'une part et d'autre de l'Atlantique. (MILZA, 2005, p. 955)<sup>41</sup>.

Bertonha em “Os Italianos” (2010) faz uma análise do que significa ser um italiano, sobretudo com foco nos séculos XIX e XX, neste aspecto este livro contribuiu para uma melhor compreensão do chão de onde escrevem e desenham Bonelli e Galep.

<sup>40</sup> É imprescindível perceber que é de certa maneira que aparece isto em Tex: ele tenta muitas vezes estabelecer o diálogo, no entanto suas discussões sempre acabam em um duelo de punhos ou de revólveres no qual ele é vitorioso na maioria das vezes. Primeiramente ele evita o conflito, mas este quase sempre é inevitável: é preciso ter ação na revista, daí a necessidade da “briga”. Além disto, em diversas passagens Tex é cético quanto às questões cristãs ou bíblicas, tecendo críticas às posturas de pastores, por exemplo, e ou citando passagens da Bíblia à sua maneira.

<sup>41</sup> Em tradução direta: os anos 1950-1970 são os do auge do cinema italiano. Assistimos à uma verdadeira explosão de talentos, cada um dos principais cineastas de seu tempo com foco em expressar, à sua maneira, seu relato para a sociedade italiana e seu passado. [...]. E não devemos nos esquecer que com Sergio Leone e seus Western-spaghetti, o gênero encontrou - humor, escárnio e a música de Ennio Morricone e muito mais – um certo brilho de ambos os lados do Atlântico. (Milza, 2005, p. 955).

A Itália, com certeza, encaixa-se nesse padrão e acontecimentos de milhares de anos atrás ainda influem na cultura e no próprio modo de vida dos italianos de forma quase incompreensível para pessoas desacostumadas a isto. [...] Se queremos compreender o que é a Itália de hoje e quem são seus habitantes, teremos de penetrar em milhares de anos de ação humana, retrocedendo para períodos muito anteriores à própria ideia de “Itália”. (BERTONHA, 2010, p. 15).

A Itália vai se formando ao longo dos anos de maneira híbrida (no que tange às influências que recebe). É um Estado-nação que se forma aos poucos, paulatinamente e, assim como os EUA, apresenta problemas de conflitos bélicos em sua formação, pois os enfrentamentos entre as diversas regiões e suas rivalidades permanecem. No que tange à discussão sobre o nacionalismo italiano, Bertonha (2010) afirma que

Teria sido a resposta (ou, ao menos, uma das respostas) encontrada para o problema, mas não qualquer nacionalismo, e sim aquele que proclama lealdade absoluta da população de uma nação a seu Estado, que a personifica. [...] O nacionalismo surgiu, assim, em boa medida, “do alto” de Estados desejosos de conseguir a lealdade de suas populações, e usando dos instrumentos adequados – escola, cultura, serviço militar – para homogeneizar a população em torno de uma língua, uma cultura e uma história. Mas ele também acabou, inclusive por se constituir um excelente instrumento de lutas sociais e de canalização de reivindicações políticas, por inflamar a parte “debaixo” da sociedade criando movimentos nacionalistas que alimentavam a luta em oposição à nacionalidade dominante e na busca de seu próprio Estado (p. 46).

Neste sentido, percebemos que a Itália ainda é um país em formação, no que tange sua identidade nacional e sua definição do que é ser italiano. Como afirma Bertonha (2010), “[...] a construção da nacionalidade italiana, como aliás, todas as outras, continua em aberto.” (BERTONHA, 2010, p. 74), uma vez que, mesmo após a unificação tardia italiana, o Estado nacional ainda enfrenta problemas de formação, de construção; nem todos os conflitos internos foram sanados e cimentados pelo nacionalismo que deveria dar uma unidade nacional, ainda há rivalidades entre as regiões. Isto posto, ele afirma que “hoje o „ser italiano“, em termos de definição de uma nacionalidade, é algo consolidado, ainda que conviva com forças de identificação outras, menores ou mais amplas. Não obstante, é difícil prever os caminhos dessa identificação nos próximos anos” (p. 74).

Bonelli, apesar de escrever no século XX também está demonstrando como a unidade de uma nação não se fecha em um conflito somente, não se define a partir da

Independência, por exemplo, mas que o nacionalismo permanece sendo alimentado e se constituindo por muito tempo, e portanto, ele se estende até os conflitos do século XX.

Assim sendo, o próximo passo é percebermos a articulação entre a história dos EUA e a da Itália por meio das representações encontradas em Tex quando de sua participação na Guerra de Secessão. Isto é, perceber, por meio das sequências de quadrinhos selecionados, como se da esta interlocução de elementos que dizem respeito aos mitos de formação dos Estados Unidos divulgados, e também ao país de origem da produção do personagem: a Itália.

É importante destacar que, Tex é um ponto de vista, uma representação destes autores italianos a partir de sua imaginação, de sua trajetória de vida, de suas leituras sobre a Guerra de Secessão e a história dos EUA, mas não o fato em si. Isto inclusive se mostrou uma preocupação dos próprios editores atuais da Bonelli ao advertirem que o gibi não é a “verdade” sobre o que de fato ocorreu, que não é possível tomá-lo como um relato fiel e verídico da Guerra de Secessão, mas que é uma representação, uma leitura, uma criação livre sobre o conflito. Daí a importância do trabalho do historiador, da pesquisa e da problematização, da crítica interna e externa do objeto aqui tomado como documento.

Até aqui, foram abordados diversos aspectos partindo de algumas hipóteses, primeiramente a de que os mitos de formação dos Estados Unidos não se restringem ao processo de Independência, mas eles se prolongam para além da Guerra de Secessão, e que os mesmos permanecem em circulação nos dias atuais, reciclados e repaginados, contribuindo para a construção da nação. Estão pautados na ideia de povo escolhido, de América virgem a ser desbravada pelo homem branco, que solitário se purifica dos vícios do velho continente, da ideia do progresso necessário o qual é conduzido pelas mãos dos civilizados brancos, em disputa com o “outro” que se opõe e resiste a este mito de fundação. Pois não são acolhidos por eles: o índio, o negro, os imigrantes necessitaram entrar em conflitos permanentemente para obterem direitos civis e conquistarem a cidadania que os próprios mitos fundadores prometiam. Em segundo lugar, a própria formação da Itália também perpassou diversos conflitos, que alimentaram o diálogo com os mitos fundadores americanos, e que estão retratados em Tex Willer.

Estas discussões aqui trazidas possibilitam estabelecermos a ligação com o capítulo seguinte. Nele é abordada a confluência entre o ambiente de elaboração de Tex – a revista, na Itália da década de 1940/50 -, e todas suas implicações em relação ao

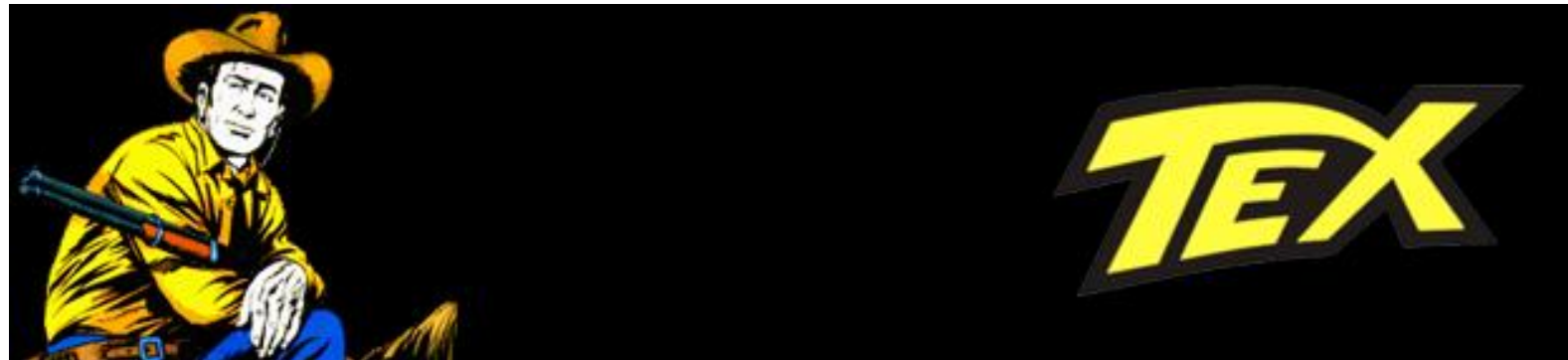
tempo histórico à que as tramas de Tex nos remetem e a que as histórias fazem referência: o período entre os anos de 1860 a 1890 nos EUA. Esta relação nos permite observar o desabrochar dos personagens, que aos poucos se tornam mais elaborados, tanto em traços quanto em roteiros, à medida que se expande o mercado consumidor: um Tex mais detalhado, melhor desenhado, uma narrativa mais instigante porque mais complexa, em que o suspense, outras vezes o terror, e até mesmo o misticismo, são recursos utilizados para prender a atenção dos leitores. Sempre com a preocupação de trazer um pouco de dados históricos factuais, mapas e outros recursos que constroem a sensação de veracidade ao longo de mais páginas de aventuras.

FIGURA 18: Tex Willer, por Claudio Villa.



Fonte: <http://texwillerblog.com/wordpress/wp-content/uploads/2010/09/O-Tex-de-Claudio-Villa-que-serviu-de-inspira%C3%A7%C3%A3o.jpg>.

Na imagem acima podemos comparar o desenvolvimento gráfico do personagem com o desenho de Galep (vide página 10 deste capítulo): sua postura está melhor desenvolvida: mais imponente, com um rosto mais quadrado (mais másculo) e o corpo mais musculoso, no entanto o olhar permanece: focado no horizonte, como nos primeiros desenhos de Tex Willer.



### Capítulo 3: a Guerra de secessão retratada em Tex Willer.

Este capítulo apresenta as discussões feitas acerca do corpus documental aqui escolhido para análise. Ele foi pensado especificamente para a apresentação minuciosa da fonte aqui tratada: as versões das histórias em quadrinhos que relatam a participação de Tex na Guerra de Secessão, narradas em duas aventuras, a primeira escrita nos anos de 1975 e 1981 (esta 2ª edição) por Bonelli e Galep, os criadores do personagem; e a segunda em 1985 (original italiano), feita por Nizzi e Ticci, publicada no Brasil em edição ouro (2003) em volume único.

As aventuras de Tex são infinitas e inúmeras, no entanto a necessidade de se fazer um recorte na pesquisa é fundamental. Desta maneira, optamos pela escolha temática da Guerra de Secessão, o que se deu, sobretudo, por ser onde encontramos fundado a mitologia de formação da nação, o projeto vencedor (do norte) que dará uma solidificação à ideia de um país. Não é na independência que temos a consolidação da nação estadunidense, mas sim no conflito sangrento entre norte e sul onde estão embutidos os mitos nacionais que foram apropriados pelos italianos. É neste momento que um projeto vencedor prevalece dando a “cara da nação”. A escolha pelo tema, portanto é reveladora de nossa metodologia: trabalhar com a fundação desta nação estadunidense **apropriada** pelos italianos. Perceber não a história dos Estados Unidos, mas sim, a maneira como são feitas as representações desta e, mais importante, como Bonelli e Galep, primeiramente, se utilizam de tais encenações para criarem e aperfeiçoarem ao longo dos anos seu personagem, para situarem Tex no tempo e no espaço.

Desta forma, e relacionado ao capítulo anterior no qual abordamos os diálogos possíveis entre a Itália e os Estados Unidos, trazemos aqui esta estreita relação por meio das revistas de Tex, por meio das representações feitas por seus autores, percebendo como Bonelli e Galep, e posteriormente outros roteiristas que continuam o trabalho

original Texiano, se apropriam de imagens cinematográficas, da própria cultura estadunidense, da história dos EUA, e, por meio da “lente” (aqui no sentido metafórico) italiana leem este país, esta história e produzem um cowboy que está profundamente enraizado na trajetória dos Estados Unidos, mas que carrega valores e características próprias da cultura latina também – daí sua forte influência e aceitação no Brasil por exemplo.

Foi observado ao longo das leituras, alguns temas recorrentes das revistas, retratados pelos autores, tais como, o militarismo e a perspectiva do personagem em defender que a guerra não compensa (apesar de não reconhecer na diplomacia um valor, mas sim na força das armas); as tensões existentes entre as relações de Norte e Sul dos EUA, e a maneira como se desenvolve a questão da escravidão; fala-se também sobre novas armas que foram desenvolvidas durante o conflito e por último, a vivência no pós-guerra e a permanência da defesa do personagem Tex em favor dos oprimidos, empregando sua filosofia de *“olho por olho e dente por dente”*. Neste sentido, é abordada aqui a maneira como são representadas as percepções dos autores de Tex (não somente os criadores Bonelli e Galep) a respeito da guerra e das temáticas decorrentes dela, suscitadas ao longo das narrativas das aventuras deste personagem no conflito, sendo esta temática uma das linhas mais desenvolvidas nos EUA.

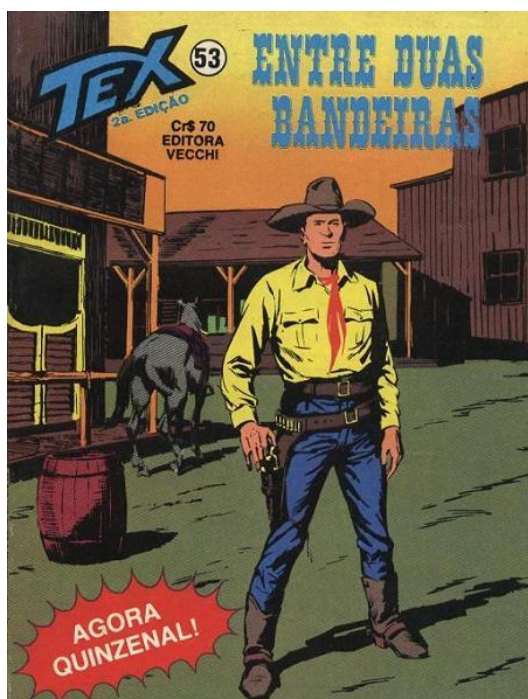
### **A guerra aos olhos de Bonelli.**

Nesta terceira parte do trabalho, focamos especificamente nas revistas de HQ’s de Tex que dizem respeito à Guerra de Secessão nos Estados Unidos da América. Isto é, pensar como foram construídos os roteiros e representações imagéticas por Bonelli e Galep, respectivamente, sobre este período de guerra civil, por meio da participação do ranger juntamente com seu amigo Dick Furacão, para depois analisarmos a produzida por Nizzi e Ticci, roteirista e desenhista, respectivamente, da história Chamas de Guerra que também retrata a participação de Tex na Guerra de Secessão, porém em um diferente momento histórico não muito explícito (delimitado).

Abaixo, estão reproduzidas as capas dos títulos das histórias selecionadas para este trabalho, referentes à primeira versão, de Bonelli e Galep. Todas foram publicadas pela editora Vecchi e datam do final da década de 1970 e início da década de 1980, no

Brasil<sup>42</sup>. Os dois primeiros números (53 e 54) são republicações (2ª edição) e o número 55 (*A batalha sangrenta*) é primeira edição<sup>43</sup>. Outras republicações sobre a Guerra de Secessão serão apresentadas em seguida. Há também outra passagem da história de Tex Willer em que ele relata sua participação na Guerra, isso no gibi intitulado *A planície da Traição* no qual ele fala sobre a batalha do Passo de Glorieta (publicada em *Tex Anual* 002) mas que não é objeto de análise aqui.

FIGURA 19 – capa original de Tex Entre duas bandeiras.



Fonte: <http://texwillerblog.com/wordpress/wp-content/uploads/2010/01/Tex-53.jpg>.

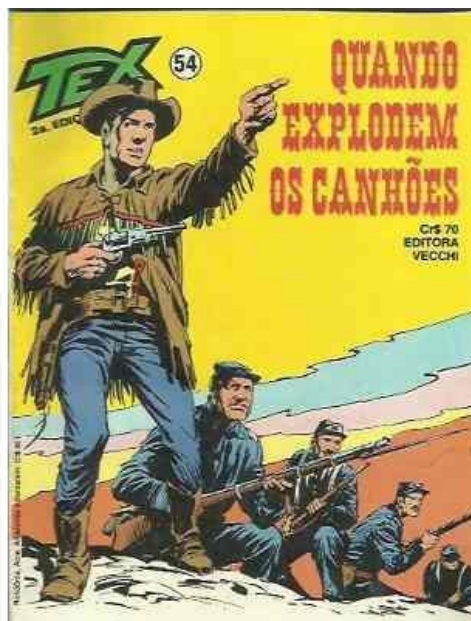
Acesso em 29 jul. 2015.

FIGURA 20 – capa original de Tex Quando explodem os canhões.

<sup>42</sup> Não foi possível conseguir as datas de publicações dos originais destas HQ's em específico na Itália.

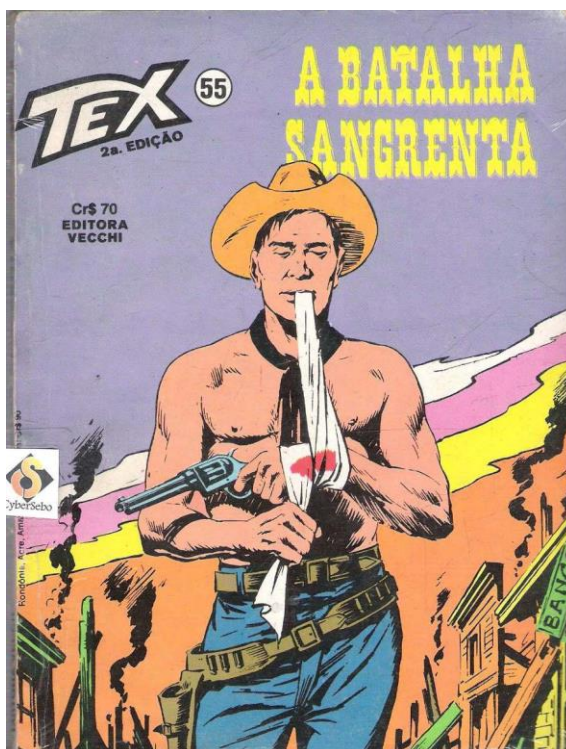
<sup>43</sup> Apenas a capa da publicação *Quando explodem os canhões* foi mantida pela editora Vecchi na publicação brasileira, as outras duas foram alteradas.





Fonte: [https://mlb-s2-p.mlstatic.com/9751-MLB20021186807\\_122013-C.jpg](https://mlb-s2-p.mlstatic.com/9751-MLB20021186807_122013-C.jpg). Acesso em 29 jul. 2015.

FIGURA 21 – capa original de Tex A batalha sangrenta.



Fonte: [http://mlb-s1-p.mlstatic.com/tex-2-edico-n-55-editora-vecchi-a-batalha-sangrenta-16659-MLB20124377320\\_072014-F.jpg](http://mlb-s1-p.mlstatic.com/tex-2-edico-n-55-editora-vecchi-a-batalha-sangrenta-16659-MLB20124377320_072014-F.jpg). Acesso em 29 jul. 2015.

Em todas as capas vemos Tex Willer ao centro da revista: *Entre duas bandeiras*, a primeira da série, relata o início da história, onde começa a narrativa de Tex

misturando suas memórias da Guerra com o seu presente de ranger e não mais somente como cowboy como quando do período da Secessão. O título da aventura é o mesmo em italiano, porém a capa não, a mesma foi alterada. Na versão brasileira Tex está representado em uma cena típica de filmes de velho oeste: um *saloon* à esquerda (observado pelas portas duplas), um cavalo, casas de madeira ao fundo, e o cowboy ao centro da imagem com suas armas prontas para serem usadas. Se analisarmos a versão italiana, a mesma fará mais alusão ao que é narrado na revista: a dicotomia do personagem entre as bandeiras nortista e sulista durante a Guerra e seu envolvimento com o exército da União.

Em *Quando explodem os canhões* Tex está acompanhado de soldados abaixados em posição de ataque enquanto ele os guia para a batalha apontando provavelmente o alvo a ser atingido; é nesta aventura que o personagem se envolve na Guerra Civil e passa a ser parte do exército nortista. Já em *A batalha sangrenta*, a última revista desta série que narra a participação do personagem na Secessão, ele está também ao centro enfaixando sua mão, já sem camisa, demonstrando os conflitos já enfrentados, daí estar machucado, mas também o preparo para as batalhas que ainda estão por vir representado pelo gesto de se enfaixar a mão em uma postura de quem está pronto para continuar os combates.

O primeiro relato de Tex na Guerra de Secessão é original de Bonelli com desenho de Galep (as capas representadas acima) e estas são as três revistas que relatam a participação dele como batedor do exército nortista na Guerra de Secessão dos EUA. Inicialmente ele trabalhava como vendedor de gado bovino no estado do Texas juntamente com dois amigos: Dick Furacão e Rod.

A história começa com Tex, Kit Carson e Kit Willer chegando à cidade de Abilene já no período pós Guerra civil e logo se envolvem em uma discussão no *salloon*, entre nortistas e sulistas; Dick se encontra no meio da confusão. Com a interrupção do xerife, também amigo de Tex (que nesta época já é ranger), todos se apresentam, e o ranger resolve a situação propondo pagar uma rodada de bebidas a todos “contando que não se fale mais em nortistas e sulistas”. Logo em seguida, encorajado por Kit, Tex começa a narrar a história.

FIGURA 22 – início da narrativa de Tex.





A história da Guerra de Secessão é contada a partir das memórias de Tex no *sallon*. No tempo presente ele está acompanhado de seus *pards*, do xerife e de Dick. Quando ele começa a narrar os primeiros quadrinhos se mostram como nuvem para distinguir dos quadrinhos em traço reto que remetem ao presente da narrativa. No início, Tex estava receoso de relatar a Guerra, mas acabou concordando com seu filho. Onde antes reinava a brutalidade, a barbárie do oeste, pela briga entre nortistas e sulistas (no *sallon*), agora reina a “normalidade”. A ainda não resolvida discussão entre norte e sul acabara em uma rodada no balcão e o pagamento dos prejuízos ao *barman*. Juntos na mesa para almoçarem, Tex começa a narrar a sua participação no conflito que ele denominou por Guerra Sangrenta.

Com a ajuda de Dick ele relembra vários episódios da Guerra: como se envolveram, o que fizeram, como terminou. Quando a guerra teve início, os dois trabalhavam com Rod vendendo e transportando gado entre estados. Em uma das viagens, Rod anunciou que se alistaria pelo Sul, afinal os três eram do Texas. Dick e Tex tentaram convencê-lo, mas sem sucesso. Desta maneira, foram separados.

Rod tem um discurso nacionalista no início da trama. O diálogo entre ele e Tex é revelador neste sentido: “talvez seja porque eu não passe de um humilde vaqueiro. **Mas a verdade é que a briga entre o norte e o sul não me convence muito**”<sup>44</sup>. Ao que Rod responde: “O norte quer abolir a escravatura para arruinar os estados do sul”. Diante da posição de Tex tão firme em não entrar na guerra e ao lado do Sul, Rod continua: “com todos os diabos! Pelo modo como você fala, nem parece **ser do Texas!**”<sup>45</sup> (destaque meu).

Este é um trecho bastante tendencioso da história que mais reflete a ideologia dos autores de Tex, baseado nas leituras (textuais e/ou imagéticas) deles sobre o período da Guerra Civil estadunidense, do que propriamente o discurso presente no período da própria Guerra.

Nos quadrinhos que seguem abaixo podemos perceber o moralismo de Tex e um discurso de defesa dos negros, vistos por ele como uma classe oprimida e excluída da sociedade estadunidense em consolidação. Entretanto, não podemos tomar este como sendo um discurso dominante no período da Guerra Civil estadunidense, e muito menos lê-lo como sendo verdadeiro. Ao ter por base documental um gibi produzido por italianos do pós-II Guerra Mundial, este discurso deve ser visto como elaborado e

---

<sup>44</sup> TEX ENTRE DUAS BANDEIRAS. São Paulo: Vecchi, n.53, ago. 1981. p.26.

<sup>45</sup> TEX ENTRE DUAS BANDEIRAS. São Paulo: Vecchi, n.53, ago. 1981. p. 27.

produzido por eles, e não pode servir a este tipo de comprovação histórica. Entretanto, ele contribui para percebermos como seus autores projetaram temas de inclusão cidadã sobre o mito nacionalista de outro país e, assim, angariaram simpatias e apoios, mesmo entre o público consumidor onde circula.

A sua moral, do personagem, acaba revelando também a moral de seus autores italianos Bonelli e Galep, isto é, de pensar os negros como uma classe oprimida e excluída, que nem sempre oferece resistência mas que precisa de alguém para defendê-los, neste caso o ranger.

Na sequência retratada, Tex discute com seu amigo Rod uma vez que este pretende entrar na guerra alistando-se ao lado do sul. Para Tex e Dick isto seria loucura uma vez que eles não precisam entrar na Guerra, enquanto Rod quer ser “patriota”<sup>46</sup> os outros dois são mais questionadores e pretendem deixar de lado o Texas, o estado de onde são e pensarem com mais calma a respeito da problemática colocada: a escravidão nos EUA.

Tex afirma para Rod que mesmo este não sendo negro, todos são iguais, todos são pessoas e tem o direito de viverem livres, tendo sua família, sua casa. Com o fim desta discussão Rod separa-se dos amigos, e como se o seu destino estivesse selado, ele é morto ao final da narrativa na última batalha revelando o destino marcado para cada personagem como sendo resultado de suas escolhas erradas.

FIGURA 23 – sequência de entre duas bandeiras.

---

<sup>46</sup> Coloco patriota entre aspas pois neste momento os estados do sul e os do Norte estão aliados entre si e guerreando, assim, não é possível falar-se em pátria, em uma nação. Os personagens, por sua vez, tem divergência no que entendem por pátria: para Rod é o Texas, e portanto o Sul, para os outros dois é o país inteiro, os EUA e portanto, precisam analisar a situação antes de tomarem partido.





EU E BICK, POR EXEMPLO, NUNCA DISSEMOS ISSO E TAMBÉM ESTOU PRONTO A APOSTAR QUE EM MUITOS ESTADOS DO NORTE, JAMAIS PENSARAM EM SEMELHANTE COISA.

COM TODOS OS DIABOS, PELO MODO COMO VOCE FALA, NEM PARECE SER DO TEXAS!



DEIXE O TEXAS DE LADO E TENENTE PENSAR COM CALMA.

E ANTES DE MAIS NADA, TENENTE, IMAGINAR SE LHE AGRADARIA QUE UM BANDO DE CACADORES DE ESCRAVOS ATACASSE A SUA CIDADE, QUE ARBASSEM TUDO E DEPOIS, VENDESSEM OS SO, BREUVINENTES COMO ESCRAVOS.

QUE HISTORIA E' ESSA?



NÃO É UMA HISTÓRIA, ROD É O QUE ACONTECE NOS ESTADOS ONDE VIVEM OS OPRIMIDOS, QUE SÃO OS NEGROS.

SEI DISSO, MAS NÃO PODE NEGAR QUE OS NEGROS TAMBÉM SÃO PESSOAS IGUAIS A VOCE...



SE NÃO FOSSEMOS AMIGOS CALMA, QUEREM BRIGAR POR UM ASSUNTO QUE NÃO TEM NADA A VER CONOSCO?

E VOCE PARECE NÃO TER NADA NA CABECA?



MAS TEM MUITO A VER CONOSCO, TEXAS SEPAROU-SE DOS ESTADOS DO NORTE. E COMO NOS SOMOS DO TEXAS... ESPERE, NÃO SE EXALTE MUITO.

TALVEZ SEJA PORQUE EU NÃO PASSE DE UM HUMILDE VAQUEIRO, MAS A VERDADE E' QUE A BRIGA ENTRE O NORTE E O SUL NÃO ME CON- VENCE MUITO.

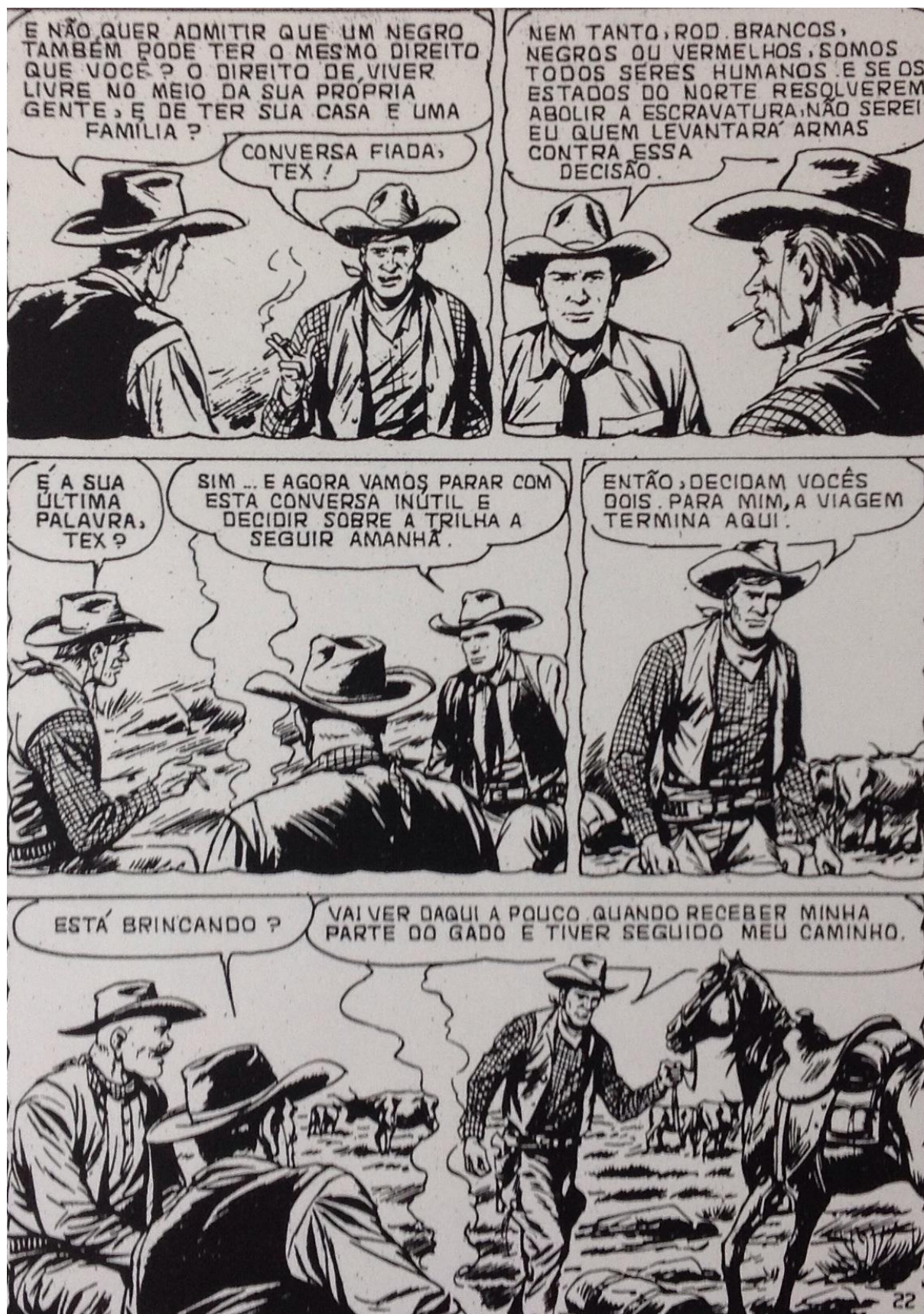


MAS COMO É POSSÍVEL / O NORTE QUER ABOLIR A ESCRAVATURA PARA ARRUI- NAR OS ESTADOS DO SUL. QUEM LHE CONTOU ISSO?

TODOS JÁ SABEM, ORA!

NÃO É POSSÍVEL.







Seguindo com o plano original, Dick e Tex foram vender o gado em Wichita e mesmo enfrentando dificuldades relacionadas à guerra, conseguiram atingir o destino final com a boiada. Após terem entregue a boiada, o caminho dos personagens é cruzado por um batedor do exército nortista perseguido por um pelotão do Sul. Ajudado por Tex, Kindler consegue sair apenas com alguns ferimentos. Momentos mais tarde são atacados novamente e o batedor à beira da morte confia à Dick e a Tex a tarefa de levarem ao seu comandante a informação de que as tropas de Price estavam marchando contra Jackson. Até o momento, os *cowboys*, mesmo sendo do Texas, não estão na guerra e muito menos tomaram partido. Porém, segundo a crença moral de Tex, “não suportam uma injustiça”: um sendo perseguido por um bando, mesmo sendo Guerra, isto é, as leis de justiça e injustiça são relativizadas no conflito, mas não para Tex. Isto os motiva a ajudar Kindler. Com a morte deste, os dois amigos partem imediatamente para informar o comandante nortista do ocorrido, assumindo como uma responsabilidade deles uma vez que o soldado encarregado havia morrido. Mesmo com eles não sendo membros do exército, os personagens se veem na missão de levarem a informação por uma questão de serem justos com o compromisso que assumiram ao tentarem salvar a vida de Kindler. Lá chegando, são convencidos a ficarem como batedores do exército nortista, com algumas liberdades de ações, uma vez que Tex não lida bem com a hierarquia.

A história termina no terceiro gibi: *A batalha sangrenta*<sup>47</sup>. As atrocidades da guerra são o principal tema abordado, tendo sido reforçada por dados históricos, como por exemplo, sobre a batalha de *Shiloh Church*. Os quadrinhos fazem uso de um roteiro mais curto e repleto de onomatopéias, proporcionando mais espaço para os desenhos.

O desfecho da história revela toda a falência do discurso belicista, em detrimento da afirmação de que nenhuma guerra compensa. A morte de Rod presenciada por Tex e Dick no campo de batalha, em uma das batalhas mais sangrentas da História da Guerra Civil Americana, amarra a ideia sempre repetida pelo personagem: “*guerra estúpida, louca e cruel*” e “*Guerra maldita*”. A morte do amigo foi o limite insuportável que provocou o pedido de liberação dos dois personagens do exército nortista.

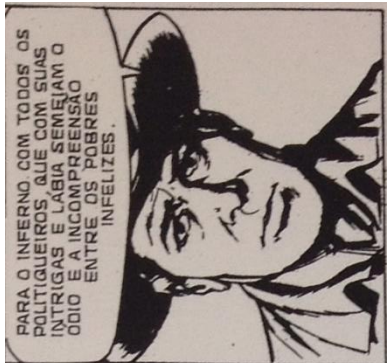
O último quadrinho da história revela um discurso de afirmação da nação, que foi construído ao longo da trama, o qual afirmou a consolidação dos Estados Unidos da América como sendo um país grande e unido, mas que foi forjado na guerra, em um

---

<sup>47</sup> TEX A BATALHA SANGRENTA. São Paulo: Vecchi, n.55, set. 1975. 112 p.

discurso que cria uma dada representação de nação e que muitos morrem para sustentá-lo, um país que precisa ser formado pela Guerra, mesmo que ele não concorde com isto.

FIGURA 24 – sequência retirada de a batalha sangrenta.



PARA O INFERNO COM TODOS OS POLITIQUEIROS QUE COM SUAS INTRIGAS E LABIA SEMEIAM O ODIÓ E A INCOMPREENSÃO ENTRE OS POBRES INFELIZES.



TENHO CORAÇÃO DE GUERREIRO, MAS QUANDO VI O POBRE ROD QUE TODAS AS GUERRAS ESTRAÇALHADO SEJAM CONDE, NADAS.



FOR INSISTÊNCIA DO CAPITÃO DARK, CHEGAMOS A UM COMPROMISSO.

QUAL FOI?



BEM... NÃO COMPLETAMENTE.

E VOCÊS CONSEGUIRAM SE DESLIGAR DO COMANDO?



E DE VEZ EM QUANDO AINDA COMANDÁVAMOS, ESCOLTAS AOS COMBOIOS DE MUNIÇÃO QUE IAM PARA O SUL.



CONCORDAMOS EM NOS ENCARREGAMOS DE ARRANJAR E DE ESCOLTAR O GADO DESTINADO A ALIMENTAÇÃO DAS TROPAS E OS CAVALOS PARA O EXERCITO, ATÉ CADA REMESSA CHEGAR AO PONTO DE DESTINO.



VAMOS PROCURAR O CAPITÃO DARK PARA LHE DIZER QUE DESTA MOMENTO EM DIANTE A GUERRA TERMINOU PARA NÓS DOIS.



DIGA LOGO O QUE É!

VOU DIZER.



O QUE VIMOS HOJE ME ILLUMINOU A CABEÇA PARA COMPREENDER TODO O HORROR DE UMA GUERRA FRATRICIDA...



ELE FICARÁ FURIOSO. MESMO QUE DARK MORRA DE RAIVA, ISSO NÃO ME FARÁ MUDAR DE IDEIA.



...E QUERO MUDAR DE NOME SE DE HOJE EM DIANTE EU DER MAIS UM ÚNICO TIRO CONTRA ALGUÉM QUE NÃO SEJA UM SALTEADOR, UM LADRÃO DE CAVALO OU DE GADO.

CONCORDO PLENAMENTE COM VOCÊ.

Segundo a escatologia cristã, muito influente nos autores italianos de Tex, a narrativa da HQ deveria terminar com um final positivo, mas se considerarmos o ponto final como o quadrinho em que temos o desfecho da Guerra, temos uma cena negativa marcado pela morte do amigo Rod. Porém a história só termina quando se retorna ao presente, onde Tex está narrando a aventura aos seus *pards* na mesa do *salloon* de Abilene. Ali ele conclui com uma “lição de moral” mostrando que a Guerra não compensa em qualquer circunstância, e que aquela em específico foi uma “guerra maldita”. Porém, é dela que nasce a nação estadunidense: é do conflito, do pacto de sangue entre Norte e Sul que nasce *The United States of America*, um país livre, para todos, fundado a partir da luta, da defesa do povo americano, que mesmo se digladiando em uma guerra fratricida, passa a formar um corpo único e homogêneo logo após o conflito mais sangrento de sua história.

Um brinde ao nascimento dos Estados Unidos da América, assim termina esta aventura, aos olhos de Bonelli e Galep: com os personagens brindando não à guerra, mas aos homens que morreram nela, em sinal de respeito, e ao resultado: um país que, mitologicamente, é de todos. Um país que nasce para abrigar a todos, sejam brancos ou negros, mas esta é uma construção mítica pois os EUA não é um país que de fato dá espaço à todos os indivíduos aí presentes, constitutivos da nação: negros, mulheres e indígenas. Aí se encontra a ironia do brinde.

FIGURA 25 – desfecho da aventura.





Fonte: TEX A BATALHA SANGRENTA. São Paulo: Vecchi, n.55, set. 1975. pp. 112.

A estética representada por Galep em Tex pode nos remeter aos enquadramentos do cinema, mas também à própria arte e à construção das imagens de batalhas do século XIX, como por exemplo, as diversas imagens retratadas em *A batalha sangrenta* procurando fidelidade à história (inclusive em notas de rodapé, conforme já abordado aqui), bem como aos contos literários de faroeste, como por exemplo, os de James F. Cooper, aos quais não tive acesso direto, exceto pela autora Junqueira (2003).

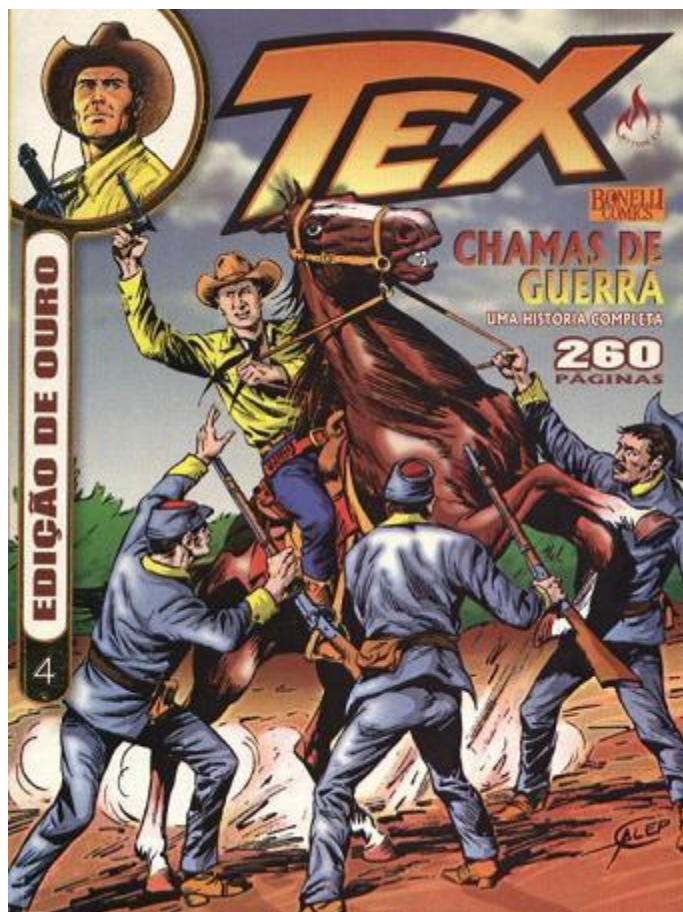
No terceiro volume desta série que narra a Guerra de Secessão, observamos diversas imagens que se assemelham a uma fotografia da cena, e além disso remetem ao fato ocorrido (conforme destacado em rodapé pelo próprio roteirista para o/a leitor/a).

Entendo que Bonelli pode ter tido acesso à diversas imagens do século XIX, para além da influência contemporânea do cinema, assim é difícil mapear as várias possibilidades de acesso dos criadores de Tex, mas nos é possível percebermos as semelhanças entre estas imagens e pinturas de cunho realista.

### A guerra aos olhos de Claudio Nizzi.

Abaixo a capa da versão utilizada aqui para análise: Chamas de guerra, de Nizzi e Ticci, publicada no Brasil em 2003.

FIGURA 26 – capa da edição brasileira ouro Chamas de guerra.



Fonte: <http://texwillerblog.com/wordpress/?p=8070>. Acesso em 10 out. 2015.

Na história de Claudio Nizzi, desenhada por Giovanni Ticci, publicada em 1985 na Itália em dois volumes<sup>48</sup>, na qual temos outra versão do envolvimento de Tex durante a Guerra. Nesta, o personagem também rememora este período tido para ele como obscuro, durante uma viagem de trem para a casa do senador Howard Walcott no estado da Virgínia. Durante o trajeto ele narra à Kit Carson o que se passara durante a guerra civil, em que se envolveu em uma briga entre dois primos: John e Leslie Walcott. Eles

<sup>48</sup>Esta história está publicada em mais de uma revista no Brasil. A adotada aqui data de 2003, da editora Mythos, em edição ouro, volume 4, sem modificações quanto à versão italiana.



lutaram em lados opostos do conflito, sendo o primeiro pelo Norte, com quem Tex se simpatizara, e o segundo pelo Sul.

Claudio Nizzi nasceu em 1938 na Argélia e começou a escrever roteiros para Tex em 1983. Sua narrativa é descrita como próxima à de Bonelli, procurando manter os traços originais do personagem (psicológico) e também o ambiente de atuação de Tex.

Já Giovanni Ticci, o desenhista desta história em específico, nasceu em 1940 na Itália. Começou como colaborador nas histórias de Tex cuja primeira participação foi em Vingança de índia. É atualmente considerado um dos melhores desenhistas do ranger, depois de Galep e famoso por seus traços mais firmes do personagem.

Podemos observar que, apesar de ser uma história não publicada por Bonelli, seus roteiristas atuais procuram sempre manter as características principais de Tex Willer, não fugindo à criação bonelliana. Sendo uma revista de 1985, a arte por outro lado, se mostra mais elaborada que nas revistas mais antigas. Assim como o roteiro, com mais detalhes históricos e com diálogos maiores e mais politizados.

A luta pela justiça, portanto, com base em seus limites morais, nesta narrativa é muito mais forte do que nos primeiros volumes publicados por Bonelli e Galep sobre a Guerra de Secessão. Aqui temos um roteiro amadurecido de Nizzi fortalecendo o que já havia sido escrito em “*A batalha sangrenta*” mas sem modificar as características físicas (desenho gráfico) e psicológicas (que podem ser percebidas pelo roteiro e fala) do personagem Bonelliano.

Nesta história Tex conhece John Walcott e se simpatiza com este devido às crenças morais identificadas entre ambos: a luta pela igualdade de tratamento entre brancos e negros, mesmo em território onde há luta pela abolição. Em contrapartida Tex também conhece Leslie Walcott por quem não se simpatiza pura e simplesmente por este ser comandante do exército sulista.

FIGURA 27 – sequência retirada de Chamas de guerra.



E O TIO?

UM TIPO QUADRADO!  
CALMO, DONO DE SI... PROCURAVA  
CONDUZIR-SE HABILITAMENTE ENTRE  
DOIS SOBRINHOS TÃO DIFE-  
RENTES ENTRE SI!



ERA EVIDENTE QUE TODA SUA SIMPATIA  
ERA PRA JOHN, MAS PROCURAVA  
DISFARÇAR PRA NÃO ENCLIMAR  
O OUTRO!



ENTÃO, WILLER, O SENHOR QUE É DO TEXAS,  
ALISTOU-SE COM Nossos INIMIGOS...  
NÃO QUE A COISA ME ADMIRE, VISTOS OS  
PRECEDENTES EM FAMÍLIA, MAS GOSTARIA  
DE SABER POR QUE?

SIMPLES, SENHOR WALCOTT,  
PORQUE O NORTE PROMETEU  
ABOLIR A ESCRAVIDÃO!  
SÓ 1850!



E ACREDITA QUE O NORTE TENHA  
FEITO ESSA PROMESSA POR  
NOBREZA DE ALMA?



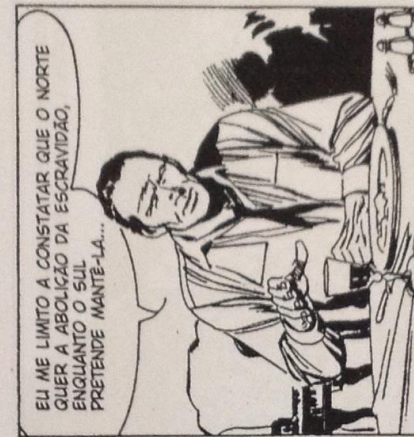
NA VERDADE, OS GRANDES INDUSTRIAIS  
NORTISTAS SÓ QUEREM  
ARRUINAR A NOSSA  
ECONOMIA PRA  
SUBSTITUIR AS  
NOSSAS PLANTA-  
ÇÕES POR SUAS  
FÁBRICAS!



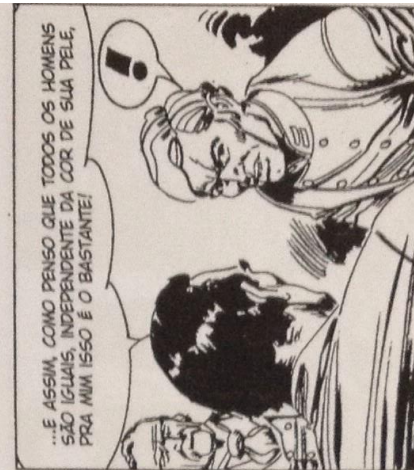
PRONTO, TIO HOWARD! LESLIE JÁ  
COMEÇA A ATRAIR SUAS FARRAS  
CONTRA OS ODIADÍSSIMOS  
IANQUES!

CALADO, JOHN! NÃO  
PROVOQUE!

PODE SER QUE SEJA  
COMO VOCÊ DIZ, MAS ESSE É  
UM RACIOCÍNIO MUITO SUTIL PRA  
UM CAUBÓI COMO EU!



EUI ME LIMITO A CONSTATAR QUE O NORTE  
QUER A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO,  
ENQUANTO O SUL  
PRETENDE MANTÊ-LA...

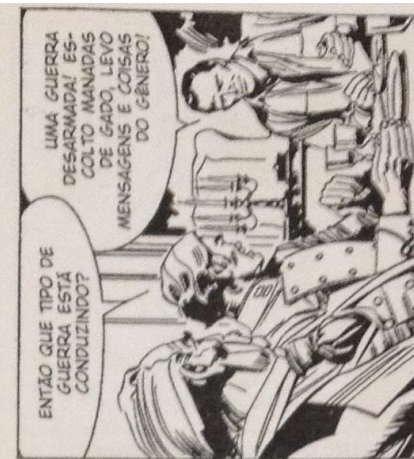


...E ASSIM, COMO PENSO QUE TODOS OS HOMENS  
SÃO IGUAIS, INDEPENDENTE DA  
COR DE SUA PELE,  
PRA MIM 1850 É O BASTANTE!



DE QUE BATALHAS  
PARTICIPOU, SENHOR  
WILLER?

DE NENHUMA!  
CONSIDERO A  
GUERRA UMA  
MALDITA LOUCURA  
E, DESDE O INÍCIO,  
JUREI QUE NÃO  
ABRAGARIA UM  
RIFLE PRA ATRAIR  
CONTRA MEUS  
IRMÃOS!



ENTÃO QUE TIPO DE  
GUERRA ESTÁ  
CONDUZINDO?

LIMA GUERRA  
DESARMADA! ES-  
COLTO MANADAS  
DE GADO, LEVO  
MENSAGENS E COISAS  
DO GÊNERO!

Fonte: TEX EDIÇÃO DE OURO CHAMAS DE GUERRA. São Paulo: Mythos, n.4, jan. 2003. pp. 22-23.

Diferentemente dos discursos presentes na primeira história, a publicada por Bonelli e Galep, esta de Ticci e Nizzi revelam discursos mais elaborados. Aqui vimos mais uma vez que o tema da escravidão ainda é exclusivo para explicar a Guerra de Secessão e é inclusive a resposta de Tex por ter se alistado ao lado do norte: pela promessa deste de se abolir a escravidão. A resposta de Leslie Walcott também se assemelha muito à de Rod na aventura da série Entre duas bandeiras: o norte prometeu isto não por nobreza de alma, mas para arruinar a agricultura sulista. Desta vez Tex responde que não pretende fazer análises mais profundas acerca do conflito, mas que para um simples cowboy suas percepções e constatações estão claras: o problema é a escravidão que o sul quer manter e o norte irá abolir e isto é o suficiente.

Questionado sobre sua participação nas batalhas, no conflito, o cowboy coloca que faz uma guerra desarmada, como batedor, escoltando gado e levando informações. Percebemos que para ele isto é menos grave que estar à frente das batalhas atirando e tirando vidas. Para ele sua participação na guerra é inofensiva.

Em meio à história, John é preso pelos Confederados pois queriam roubar lingotes de ouro, que deveriam estar em um baú levado por seu regimento. Para a surpresa de todos os soldados, não havia ouro. Como punição, ele é enviado à prisão de Anderville, que é tida como um dos piores campos de prisioneiros durante a guerra, localizado na Carolina do Norte<sup>49</sup>. Diferentemente de Bonelli, atualmente a editora, por meio de novos roteiristas de Tex, busca mais veracidade para as histórias, mesmo mantendo a liberdade literária, hoje a preocupação com o caráter de veracidade é maior que no momento anterior. Portanto, também hoje, os roteiristas se levam e levam mais a sério o mito estadunidense do que no passado, pois ao que tudo está indicando pelos seus relatos, Bonelli estava interessado no mito, e os autores atuais, na manutenção da venda de um personagem que já consolidou um espaço cultural, e o defende como sendo real, a veracidade de dados históricos em Tex dá maior credibilidade ao personagem e é bem vista pelos consumidores.

Enquanto um defensor dos injustiçados, Tex é chamado pelo major Dark (que se refere ao mesmo personagem que Willer ajudou enquanto batedor do exército, retratado

---

<sup>49</sup> Mais uma vez observamos nas aventuras de Tex a forte presença de pesquisas anteriores para tornarem mais verídicas as histórias: o compromisso da equipe de elaboração dos gibis em trazerem dados históricos como o referente à prisão de *Andersonville* e aos mais de 10000 mortos do exército nortista ali retidos sob condições sub humanas.



nas aventuras publicadas por Bonelli e Galep, já apresentadas anteriormente) para conseguir tirar John de Anderville.

Acompanhado pelo *ex* escravo de John, Tom<sup>50</sup>, Tex adentra o território sulista que é representado pelos roteirista e desenhista como um território “atrasado” e “ignorante”. Enganando os sulistas, com muito custo, Tex consegue libertar John da prisão. No entanto, com este livre, descobre-se que o ouro que deveria estar no baú que seu regimento carregava quando fora feito prisioneiro realmente havia sumido, nem a União e nem a confederação estavam em posse dele. Para deixar ainda mais interessante a trama, John levanta suspeita que seu primo Leslie seja o autor do sumiço do ouro.

Tex se encarrega de investigar de maneira pacífica a história para evitar acidentes trágicos e para que chegue a um veredicto final. No entanto, Leslie é assassinado à queima roupa e John desaparece misteriosamente sendo morto em combate logo em seguida. A narrativa se encerra com a morte de John Walcott e retorna ao presente, onde Tex está relatando à Carson, ainda durante a viagem o que acontecera e como suas suspeitas recaíram sobre o soldado nortista.

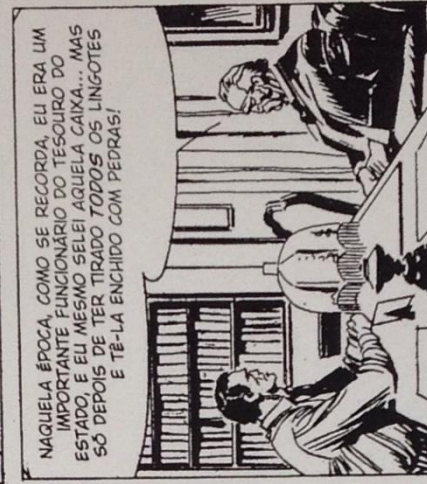
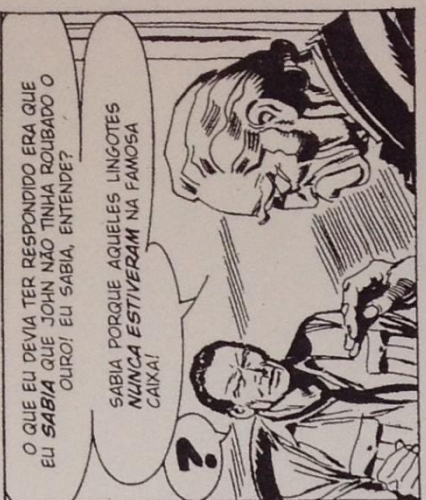
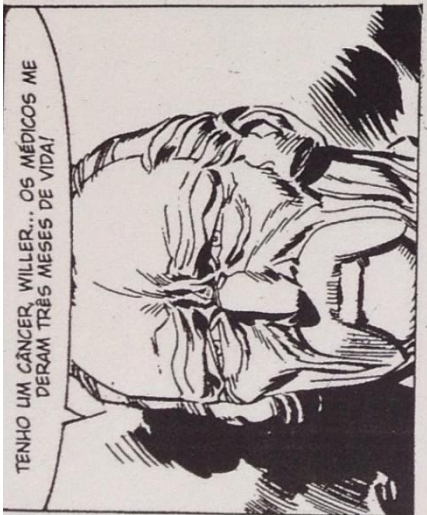
Como o motivo da viagem era um convite feito por carta do vice-governador Haward Walcott, tio de Leslie e John, retornamos ao presente da narrativa para que seja exposta o desfecho da HQ. Diagnosticado com câncer o vice-governador revela à Tex o que de fato ocorrera ao final do conflito entre seus dois sobrinhos.

É importante destacar que outra característica do Tex pós Bonelli, de outros roteiristas, é a presença do elemento suspense nas narrativas, o que não era muito comum.

FIGURA 28 – sequência de chamadas de guerra.

---

<sup>50</sup> Este é um personagem curioso da trama: é preciso retratar que Tom tem uma trajetória de resistência e de ir, paulatinamente, ao longo da aventura, se tornando menos passivo, de um negro que aceita tudo que lhe é imposto a se tornar até mais ativo, um sujeito histórico-social que escolhe reagir não somente aos insultos do branco dono do restaurante, mas que tem uma postura política de escolha pelo sacrifício (a morte) para libertar quem poderia lutar mais pelo fim da escravidão. Neste sentido, ele se sacrifica em prol de uma causa: a abolição. E sua ação não é desconexa, mas é parte de sua trajetória de vida: ele antes precisa aprender, com a convivência com Tex, a contestar o mundo, a escravidão e sobretudo, a reagir de maneira violenta. É uma trajetória de conscientização e afirmação do sujeito, para chegar a um lugar de redenção. Assim a morte para ele se torna redentora, e simbólica para a trama, conforme veremos adiante.







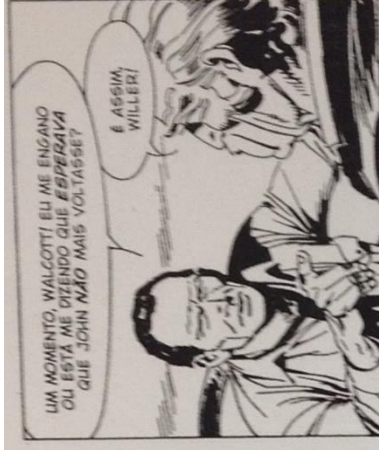
O MEU CÁLCULO ERA QUE AQUELA CAIXA NÃO CHEGASSE NUNCA AO SEU DESTINO, E POR ISSO FIZ DE MODO QUE UM ESPIONA INFORMASSE OS NORDESTISTAS SOBRE O COMBOIO QUE TRANSPORTAVA A PRECIOSA CARGA...



UMA VEZ QUE AQUELA CAIXA PARASSE EM MÃOS INIMIGAS, O GOVERNO CONFEDERADO SE CONFORMARIA COM SUA PERDA E O CAPTULO SERIA IMEDIATAMENTE ENCERRADO!

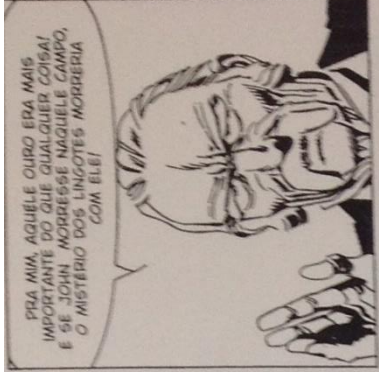


A FATALIDADE, PORÉM, QUIS QUE FOSSE MEU PRÓPRIO SOBRIHINHO JOHN A ATAGAR AQUELA CARGA E QUE, NO DIA SEGUINTE, A CAIXA ACABASSE NAS MÃOS DOS SULISTAS NOVAMENTE...



LUA NOME WILCOTTI EU ME ENGANOVA OU ESTÁ ME DIZENDO QUE ESPERAVA QUE JOHN NÃO MAIS VOLTASSE?

É ASSIM, WILLER!



PRÁ MIM AQUELE OURO ERA MAIS IMPORTANTE DO QUE QUALQUER COISA! E SE JOHN MORRESSE NAQUELE CAMPO, O MISTÉRIO DOS LINGOTES MORRERIA COM ELE!



PERFEITAMENTE, E LHE PEGO PRA ME BOIAPAR DE SEUS COMENTÁRIOS, WILLER... NÃO ESTOU LHE CONTANDO TUDO ISTO PRA CONHECER A SUA OPINIÃO!



CHAMAS DO INFERNO! PERCEBE O QUE ESTÁ DIZENDO?



...OS GUAIS ATRIBUÍRAM A JOHN A CULPA PELO DESAPARECIMENTO DOS LINGOTES!

EXATTO! DEPOIS, COMO SABE, JOHN FOI ENVIADO AO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE ANDERVILLE, DO QUAL, TODAVIA, POUCOS PRISIONEIRO'S RETORNARAM!



POR ISSO NÃO FEZ NADA PRA TIRAR AQUELE RAPOZ DE ANDERVILLE!

EXATAMENTE! NÃO FIZ NADA!



A LESLIE, QUE ME PEDIA PRA INTERVIR, CONTEI TER TENTADO DIVERSAS VEZES, MAS SEM SUCESSO, ATÉ QUE ELE MESMO APRESENTOU UMA SUPLICA QUE O PRESIDENTE ACEITOU!

ENTÃO LESLIE ME DISSE A VERDADE!





...E FUI BISBILHOTAR SOB A JANELA...



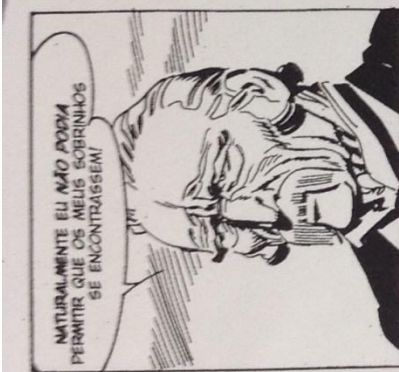
NÃO VENDO NATHAN REAPARECER DEPOIS QUE OS INTRODUZIU NA CASA, DESCONFIEI DO SEU ATRASO...



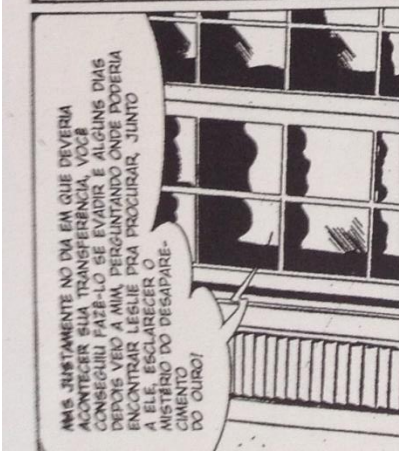
TENHO QUE IMPEDIR A TODO CUSTO QUE SE ENCONTREM!



...MAS DIREI AO SENHOR WILLER, SE ELE ME PROMETER IR PEGAR O SINHOZINHO LESLIE, TRAZÊ-LO AQUI, E FICAR AQUI ASSISTINDO SUA CONVERSA COM ELE, IMPEDINDO-OS DE BRIGAREM!



NATURALMENTE EU NÃO PODIA PERMITIR QUE OS MEUS SOBRIINHOS SE ENCONTRASSEM!



MAS JUSTAMENTE NO DIA EM QUE DEVERIA ACONTECER SUA TRANSFERENCIA, VOGÊ CONSEGUIU FAZÊ-LO SE EVADIR E ALGUNS DIAS DEPOIS VEMO A MIM, PERGUNTANDO ONDE PODERIA ENCONTRAR LESLIE PRA PROCURAR, JUNTO A ELE, ESCLARECER O MISTÉRIO DO DESAPARECIMENTO DO OURO!



LESLIE SABIA QUE FORA EU QUEM SELARA AQUELA CAIXA... SE ESTIVESSE CONVENCIDO DA INOCENCIA DE JOHN, SUAS SUSPEITAS INEVITAVELMENTE APONTARIAM PRA MIM, E ESTE ERA UM PERIGO QUE EU NÃO PODIA CORRER, JÁ QUE, CONHECENDO A SUA INTEGRIDADE MORAL... SABIA QUE TERIA IDO ATÉ O FIM!

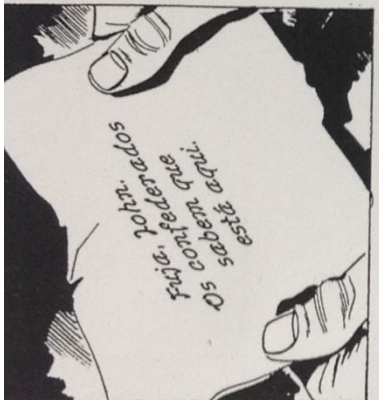


...MAS ASSIM QUE A CALEGA SAIU, EU OS SEGUI!



ASSIM, PRA GANHAR TEMPO, MANDEI NATHAN CONDUZIR-LOS NA MINHA CALEGA A CASA DE RICHMOND, DEPOIS DE RECEBER A PROMESSA DE JOHN DE QUE RENUNCIARIA A PROCURAR O PRIMO...









O retrato do próprio senador é de alguém que está arrependido com o que fez: apesar do gabinete bem cuidado e revelando alguém como um certo nível de estudo, pelos livros na estante, ele é desenhado como uma pessoa com olhos fundos e distantes. Ele assume para Tex por este ser um representante da lei (ranger) e ter a possibilidade de reabrir o processo da morte de seu sobrinho Leslie e limpar a memória de John, bem como de resolver o caso dos lingotes de ouro que haviam desaparecido durante a guerra e que levaram John à Anderville. Ele assume para Tex, mas sem esperar dele perdão uma vez que seu futuro já estava condenado pelo câncer. Até o momento Tex ainda não compreende toda a problemática de como o ouro havia desaparecido e ainda trata o político por senhor.

Aos poucos, em planos e contraplanos, em imagens que revelam o interior do gabinete de longe ou de perto e também o exterior da casa de Walcott, vemos o desenrolar da narrativa ao que Tex reage como sempre em suas aventuras: “chamas do inferno”. Atônito o ranger aos poucos se enerva, alterando seus pensamentos com suas falas e suas observações. E finalmente o leitor tem acesso ao que de fato ocorreu durante a Guerra com os lingotes de ouro e o conflito entre os dois sobrinhos: John foge devido a um bilhete anônimo que ele deduz ter sido escrito por Tex, mas que fora escrito por seu tio e Leslie fora assassinado por Walcott que tinha os lingotes que posteriormente foram usados em sua campanha após o final da guerra.

Mais uma vez temos o forte retrato dos autores italianos da Bonelli Editore colocando a política como um espaço onde só o poder impera, e que para se chegar a um fim, a contento, meios não legais devem ser utilizados. Foi cometido o assassinato de um sobrinho à queima roupa para assegurar sua carreira política no momento posterior à guerra de secessão.

A narrativa termina com o suicídio de Walcott e com o discurso de Tex, informando que na verdade o político não se matara por causa da doença terminal (câncer), mas sim pelo remorso do que fizera a seus sobrinhos *manchando a imagem*, e portanto a *honra*, dos dois, no período da Guerra de Secessão. As questões morais aqui permanecem sendo representadas, e a política se firma como um lugar imoral.

Apesar de surtir mudanças, a essência de Tex desde as publicações Bonellianas até os dias atuais permanece: ações ruins trazem consequências ruins, isto é, personagens “maus” são castigados ao final da trama: na primeira versão aqui relatada Rod fez escolhas más e teve um destino ruim: a morte; na segunda versão idem: o vice-governador teve atitudes de vilão e foi castigado: câncer e suicídio. O que pretendo



deixar claro é que mesmo Tex passando para as mãos de outros roteiristas e desenhistas, sua essência (das narrativas, das aventuras e também do personagem) não se alteram profundamente, mas se mantém e às vezes até se aprofundam. O castigo aqui não se dá pela mão do personagem, que é um representante da Lei, mas sim pela própria vida: é muito revelador da escatologia cristã: o castigo (divino) em consequência de escolhas e atitudes erradas, para além da punição humana.

Nesta segunda aventura, Tex não pune o governador e entende que ele já está condenado pelo próprio destino. Mesmo querendo puni-lo legalmente, Tex está de “mãos atadas” e deve esperar pela Justiça (a Lei, o tribunal e a reabertura do processo), porém, antes disto, o destino age (por meio do câncer) e o próprio Walcott age antes do destino (por meio do suicídio).

### **As interlocuções entre Itália e Estados Unidos por meio de Tex.**

Para concluir, acredito ser importante retomar esta relação entre as revistas de Tex e os filmes de westerns hollywoodianos dos quais Bonelli bebeu informações para seus roteiros, e Galep as representações para suas imagens do velho oeste. Lúcio Reis Filho (2010), ao trabalhar com as representações do índio em filmes de western entre os anos de 1860 e 1890, destaca que “Os filmes de faroeste partem desse contexto para representá-los (os índios) como uma minoria incômoda para a expressão desenvolvimentista da nação em progresso, que precisava de terras para ampliar seu território, para fazer estradas e colonizar o interior.” (FILHO, 2010, p. 99). Isto é, o cinema muitas vezes explorou uma imagem estereotipada no mito americano: da necessidade de expansão para o oeste travestida na ideia de progresso que somente seria possível por meio da civilização branca. Mito este que, para Reis (2010) é chauvinista, machista e nacionalista. Dentro disto, esta mesma indústria cinematográfica se apresenta carregada de estereótipos que “[...] em vez de ajudar didaticamente a compreender, amplia desmesuradamente o mecanismo de nós e os outros, graças ao poder persuasivo da imagem.” (FILHO, 2010, p. 104).

Porem, não podemos desconsiderar a liberdade de escolha e interpretação destes que, como afirma Bonelli, possibilitam que se recrie este universo cinematográfico nos quadrinhos, retratando o personagem principal como exceção à regra dos cowboys hollywoodianos. É neste aspecto que seu Tex é retratado como amigo dos índios enquanto outros colocavam os indígenas invariavelmente como vilões. Desta maneira,

o *cowboy* de Bonelli é específico na medida em que vai na contramão da maioria dos personagens principais de cinema do período em que foi criado Tex Willer. Por outro lado, ele é também a representação de todos os habitantes dos EUA fraturado pela Guerra de Secessão, e que remete à uma Itália também mal unificada, pois permanentemente resistente a homogeneizar suas diferenças regionais, a qual havia passado por conflitos bélicos, por uma unificação tardia, por um separatismo cultural muito forte entre suas regiões (particularmente representadas na divisão entre Norte e Sul), mas que passou a defender o prevailecimento da União, da unidade nacional, cimentada pelo nacionalismo, pelo *ser* italiano. Isto é, Tex é um herói representativo de seu povo estadunidense, marcado pelo encontro com o outro por meio do casamento entre o branco europeu e a índia navajo. Foi um colono, como também, um justiceiro no momento em que o Estado ainda não estava organizado e não havia se instalado. E Tex também pode ser lido como um herói italiano na medida em que os leitores da Sergio Bonelli Editore - que não são poucos -, se reconhecem em Willer, em seu senso de justiça, em sua luta pela Lei, utilizando-se dos meios necessários para obtê-la em um território (o Oeste) onde ainda é necessário se fazer valer por meio do *colt 45*. Tex é a própria representação da lei, é o representante da sociedade italiana que possui um senso cristão muito arraigado em toda sua história, e, por isto ele defende a justiça, a igualdade de tratamento e a vingança para “*fazer valer (e prevalecer) a justiça*” para atingir um fim: ser justo. Ele pretende se afirmar enquanto defensor dos oprimidos por meio de suas ações caracterizadas como cristãs. Mesmo que a Itália seja arraigada de preconceitos e também Tex, ele procura ser justo em suas atitudes “tomando as dores” de classes oprimidas e excluídas.

Acreditamos ainda ser necessário aqui analisar a própria Guerra de Secessão (1860-1865) nos Estados Unidos da América, que resultou em mais de 600 mil mortos, e foi uma luta entre os estados do Sul (Estados Confederados da América) e do Norte (União) possibilitando-nos uma melhor compreensão do conflito e portanto, das apropriações Bonellianas e Nizzianas.

Temos que este conflito resultou em cerca de 360 mil mortos do exército do Norte e 258 do Sul<sup>51</sup>. O Norte centralizou-se, sobretudo, em torno do grupo dos puritanos estabelecidos na Filadélfia. Eles basearam sua economia na agricultura, nas manufaturas, no gado, na indústria madeireira que vivia um desenvolvimento rápido.

---

<sup>51</sup> Dados extraídos de EISENBERG, 1984, p. 79.

“No fim do século XVIII e início do XIX a maior parte dos estados do Norte aboliu a escravidão por meio de leis do ventre livre” (EISENBERG, 1984, p. 19). Além disso, era no norte que se localizavam 80% das indústrias e a maior parte de carvão e ferro, além de 35.000 km de ferrovias (pouco mais que o dobro do Sul, com 14.500 km)<sup>52</sup>.

O Sul por sua vez era baseado no sistema escravagista, desenvolvia agricultura de extensão baseada no plantio de algodão e milho, as hidrovias eram o meio de transporte mais utilizado, sobretudo por causa do rio Mississippi, diferente do Norte que em meados do século XIX precisava lançar mão de ferrovias para seguir sua expansão. Apesar de ser um sistema econômico baseado na utilização de escravos como mão de obra, é um erro acreditar que os negros não ofereciam resistência: “os escravos do sul defendiam-se através de sabotagem, roubo, fingimento de doenças e ataques físicos contra feitores e senhores” (EISENBERG, 1984, p. 27).

Apesar do autor Eisenberg (1984) apresentar outros fatores chave para o início e desenvolvimento do conflito, que influenciaram no desenvolver das alianças e também da própria guerra, os autores de Tex colocam a *escravidão* como justificativa para a secessão. Ela é, neste sentido, não o principal motivo aos olhos de Bonelli, mas o único. Posteriormente, outras versões que remetem à participação de Tex na guerra também utilizam este tema como causador central do conflito.

Na imagem abaixo, retirada da revista Chamas de guerra (2003)<sup>53</sup>, que retrata a participação de Tex Willer na Guerra Civil, temos o personagem negro Tom, escravo livre da família Walcott, que morre para salvar seu *ex* senhor, John, e Tex (ambos lutavam pelo Norte). A morte de Tom é extremamente melodramática, pois covarde, já que um grande grupo sulista lutou contra um único negro. Ela também é simbólica, porque ele morreu lutando em nome da União e pelo fim do escravismo:

FIGURA 29 – sequência que retrata a morte do ex-escravo Tom.

---

<sup>52</sup> Dados extraídos de MCMILLEN (et. al.), 1990, p. 189.

<sup>53</sup> TEX EDIÇÃO DE OURO CHAMAS DE GUERRA. São Paulo: Mythos, n.4, jan. 2003. 258 p.





VIVA... A UNIÃO...



SIM, TUDO CLARO, AGORA! UM PLANO CUIDADOSAMENTE PREPARADO!



VIU QUEM É, SENHOR? É O NEGRO QUE PAROU ESTA MANHÃ O NOSSO PELOTÃO!



EM FRENTE!



MAS AQUELES DOIS NÃO IRÃO LONGE! VAMOS RETOMAR A PERSEGUIÇÃO!



**BANG BANG**



PAROU DE ATRAIR! É AGORA!



É O FIM!



AH!



**BANG BANG**



Fonte: TEX EDIÇÃO DE OURO CHAMAS DE GUERRA. São Paulo: Mythos, n.4, jan. 2003. pp. 180-181.

Esta é parte da 2ª publicação que relata a participação de Tex na guerra (de Nizzi e Ticci), mas que já demonstra forte ideologia no quesito da temática da escravidão. Vendo seus inimigos chegarem, Tom prevê seu destino ao afirmar no terceiro quadro “é o fim”. Em uma sequência de planos e contraplanos vemos os soldados sulistas atirarem e Tom abatido com um grito caindo, em primeiro plano seguido de close total, sobre uma pedra em apoio soltando suas últimas palavras: “viva... a União...”. Sua posição aparenta uma crucificação ao cair com os braços estendidos para as laterais e preenchem a pedra, uma crucificação invertida, mas a imagem é crística. Ele é reconhecido pelos soldados sulistas que percebem a armação que fora feita anteriormente por Tom e Tex para que este último conseguisse infiltrar-se em Anderville disfarçado de soldado. Por fim, eles retomam a perseguição aos fugitivos que conseguem sair ilesos graças ao sacrifício de Tom. Percebemos também a simbologia cristã e importância da morte de Tom ao vermos mais quadrinhos dedicados à representação de sua queda do que propriamente à cena de perseguição.

Para Louis Eisenberg (1984), a Guerra Civil Americana não teve como motivação somente a luta pela abolição da escravidão, conforme já dito, no entanto este foi um fator importante. O aumento das tarifas de importações para garantir os investimentos na expansão e proteger a indústria e a produção nacional incipiente, assim como, o acesso às novas terras, compradas ou conquistadas dos índios, do México ou da França, complicaram ainda mais as tênues relações de interesses de todas as partes.

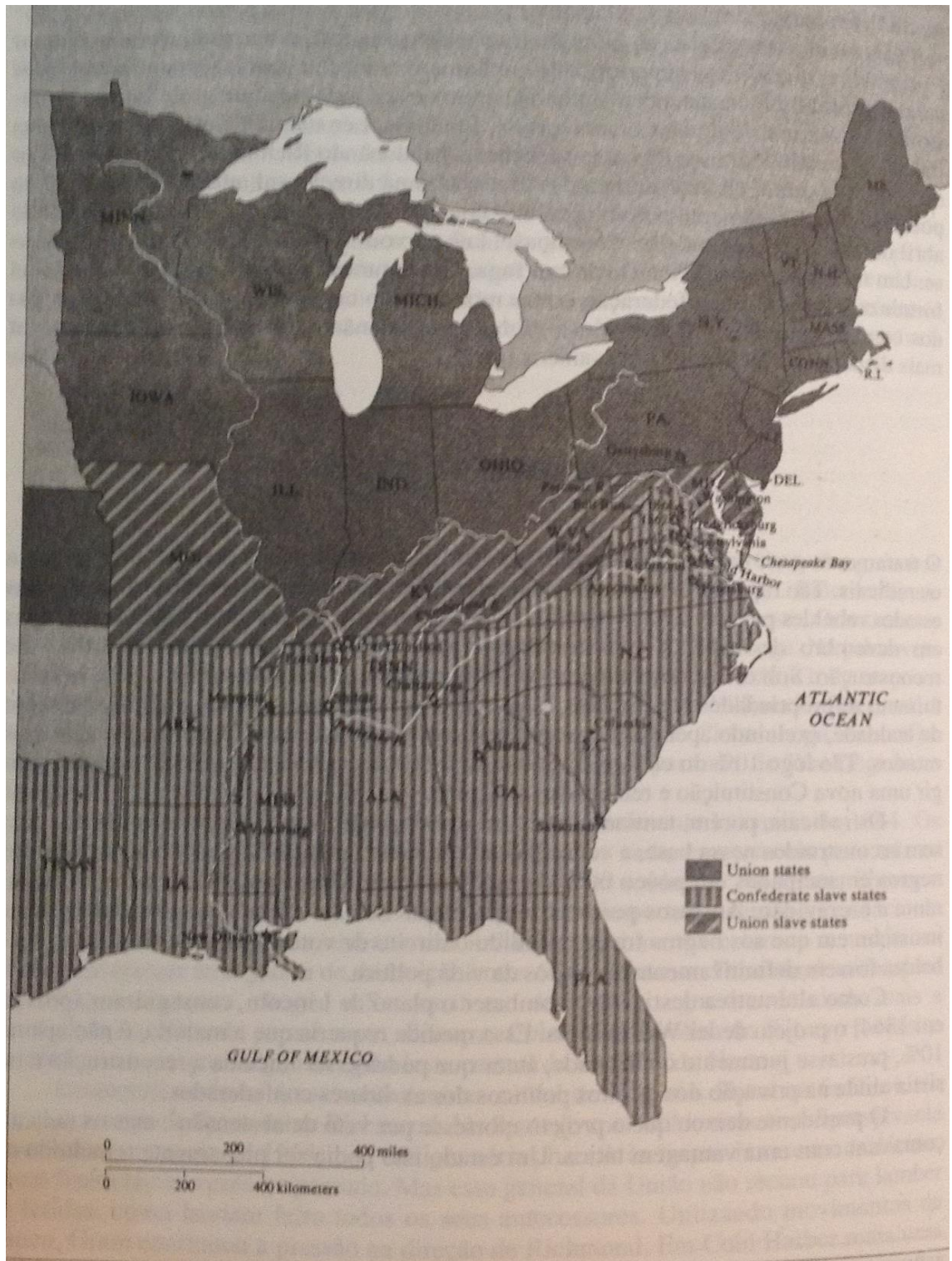
E o último motivo, seriam melhoramentos internos: estradas, canais, portos, ferrovias. Entretanto, o trabalho escravo, foi sem dúvida, um dos motivos mais fortes para a ocorrência da Guerra Civil, e não é por acaso que é posto em Tex como um problema central. Para Cáceres (1980), concordando com Eisenberg (1984), a Guerra ocorre pelo protecionismo, o problema do Oeste, a conquista (anexação) e colonização de novos territórios. Podemos perceber que os motivos são muitos e nem sempre há consenso entre os historiadores sobre a temática.

Apesar de em Tex como um todo (nas revistas) ser mais destacado a questão indígena, o herói está sempre envolvido na defesa das “minorias”, por isto o negro e a questão da escravidão também aparecem nas narrativas. Nas aventuras em específico aqui escolhidas para serem analisadas por exemplo, a questão indígena não aparece, mesmo sendo o centro da trajetória do personagem (que é casado com uma índia, tem

um filho mestiço e é chefe dos Navajos), mas sim a discussão sobre a escravidão na Guerra de Secessão que se torna o centro da problemática da aventura e a defesa de Tex pelos negros, vistos aqui como uma minoria.

Aos estados do Norte, durante a guerra, se juntaram, além dos estados originais: Vermont, Ohio, Indiana, Illinois. Enquanto que no Sul ficaram: Kentucky, Tennessee, Louisiana, Mississippi e Alabama juntamente com os estados originais. Abaixo podemos visualizar um mapa com as divisões entre os estados Confederados e os da União que data do conflito.

FIGURA 30 – Mapa da divisão dos EUA na Guerra de secessão.



Fonte: MCMILLEN, (et. al.), 1990, p. 200.

A Guerra propriamente dita, começa com um bombardeio ao forte *Sumter* em 1861.

Para o Norte, a Guerra, inicialmente não visava acabar com a escravidão, senão manter a união da nação e evitar a secessão do Sul. Para o Sul, a Guerra visava defender a secessão, a sua independência

do Norte e foi o único meio que restou para preservar a escravidão das esperadas pressões dos Republicanos. Quando o Norte tentou impedir a secessão estourou a Guerra. (EISENBERG, 1984, p. 64).

A Guerra Civil estadunidense serviu também ao desenvolvimento da indústria bélica, uma vez que a Inglaterra não interviu no conflito diretamente, não forneceu armas para nenhuma das partes pois dependia dos grãos vindos do Norte, e era credora sulista, além de consumidora da produção algodoeira. Portanto, apesar de ter titubeado, optou por não tomar partido, o que lhe deu a possibilidade de negociar com ambos os lados. Além disso, “vários grandes capitalistas (da indústria de armas dos Estados Unidos) do último quarto do século XIX iniciaram as suas carreiras durante a Guerra” (EISENBERG, 1984, p. 82), foi também um período de profundo desenvolvimento de tecnologias, incluindo a armamentista. Em Tex *Quando explodem os canhões*<sup>54</sup> temos um espaço reservado à propaganda e divulgação de armamentos novos, demonstrando o alto desenvolvimento bélico deste período, visando à luta armada. Esta indicação histórica, muito presente em Tex, também corresponde à preocupação dos autores em sustentar um caráter de veracidade às tramas, inserindo pesquisas sobre os temas que abordam, dados históricos.

Abaixo, quando os *cowboys* Tex e Dick já fazem parte do exército nortista, são apresentados ao novo rifle desenvolvido na guerra, e Tex faz uma demonstração de suas habilidades com uma arma – isto é bem comum nas aventuras do ranger: demonstrar, em geral quando é desafiado por alguém, como é hábil com um *colt* ou um rifle, esta atitude reforça o mito do gatilho mais rápido, assim, como da agilidade do atirador acompanha as lendas sobre a vida aventureira do Velho Oeste e também às próprias representações do cinema hollywoodiano.

Na imagem Tex é desafiado por um sargento nortista e para se provar bom atirador, utiliza seu novo rifle, marca Henry, presente do comandante nortista para acertar latas arremessadas por Dick. Em plano e contraplano acompanhamos os tiros e os acertos nas latas em close. Para comemorarem todos tomam um drink e são nomeados oficialmente os novos batedores (Tex e Dick).

FIGURA 31 – Sequência de Tex demonstrando suas habilidades com uma arma.

---

<sup>54</sup> TEX QUANDO EXPLODEM OS CANHÕES. São Paulo: Vecchi, n.54, ago. 1981. 114 p.





Fonte: TEX QUANDO EXPLODEM OS CANHÕES. São Paulo: Vecchi, n.54, ago. 1981. pp. 24-25.

Este é um trecho importante da 1ª versão da participação de Tex na Guerra (Bonelli e Galep) pois marca o início do conflito para o personagem: traz o momento em que ele adere ao conflito, como batador do exército da União.

O desfecho da Guerra de Secessão não foi satisfatório para os negros. Ao contrário do que aparenta ser, depois do conflito, os negros não viraram trabalhadores assalariados e nem o país se transformou “da noite para o dia” em uma união, um “Estados Unidos da América”, mas houve um longo processo para isto. Os negros foram libertos, porém não foram inseridos na comunidade e ao longo da história dos EUA, seitas racistas tais como a Ku Klux Klan (KKK) surgiram pregando a morte dos negros. Mesmo assim, diferentemente do que ocorreu no Brasil após a abolição, nos EUA uma política de inclusão dos negros, obtida no Congresso Norte-Americano, foi implementada. “*40 acres e uma mula*” era o seu slogan, e buscava estabelecer bases para o sustento independente destes novos cidadãos. Esta dentre outras medidas foram adotadas, mas a resistência sulista, além da desistência e acomodação em torno de acordos de manutenção do *status quo* aceitos pelos nortistas, solaparam esses esforços. A política radical de inclusão foi abandonada, e somente nas lutas pelos Direitos Civis, ao longo das décadas de 1950 em diante é que retomaram as políticas de inclusão e o combate ao preconceito racial com efetivas políticas públicas de inclusão social.

A morte do personagem Tom, já destacado anteriormente, neste sentido, é a construção de uma identidade de mártir para a causa, busca-se como recurso a ideia de sacrifício crístico, ou seja, cristão: o sacrifício de um em prol do bem de todos. Isto é uma interpretação causal e teleológica do problema.

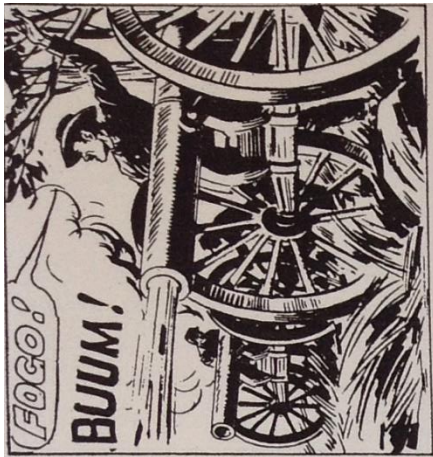
Para Tex Willer, a igualdade tem que ser para todos, independente de cor, ou gênero, ou posição social, e deve ser perante a Lei. Não existindo a Lei, ele mesmo, ranger e representante desta, fará, com seus métodos e modos, valer a justiça e isto é uma promessa, assim como no quadrinho destacado acima.

Tex é também um cowboy do velho oeste, por isto seus métodos são deslizes da Lei, a diferença é que ele tem uma estrela de ranger no bolso. Pensando que o “Velho Oeste cinematográfico se funda mais em elementos icônicos [...] do que necessariamente está inserido num contexto histórico”, podemos afirmar que os quadrinhos reproduzem e correspondem na afirmação e propagação destes *elementos sígnicos*. Neste sentido, Tex apresenta muito mais símbolos iconográficos do que uma preocupação com o contexto histórico, apesar de existir nas narrativas este destaque

para os fatos históricos e a pesquisa em busca de uma afirmação de veracidade, como por exemplo, o da batalha representada abaixo, em *A batalha sangrenta*.

FIGURA 32 – trecho de A batalha sangrenta.





\*Frase histórica pronunciada pelo GENERAL SULLISTA JOHNSTON antes da BATALHA.



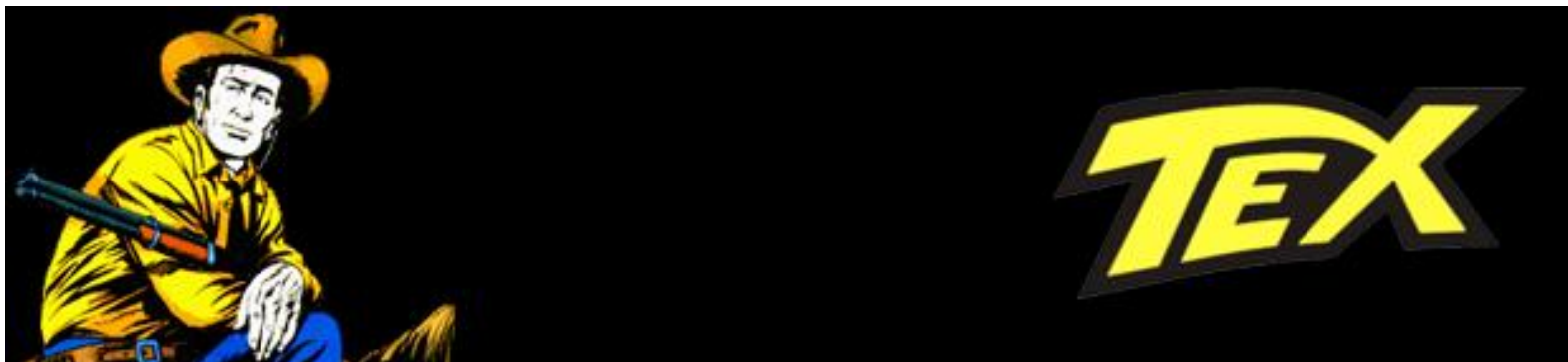


Fonte: TEX A BATALHA SANGRENTA. São Paulo: Vecchi, n.55, set. 1975. pp. 92-93.

Também parte da 1ª versão da narrativa que conta a participação de Tex na Guerra, feita por Bonelli e Galep, esta é uma sequência de imagens de caráter realista, quase comparada à pinturas de quadros de guerras.

Aqui temos quadrinhos de forte representação imagética da guerra retratando canhões explodindo, soldados em posição de ataque e avançando, bem como os gritos de comandantes de ataque. No primeiro quadro temos a frase de um general em referência, segundo os autores (em nota para os leitores de Tex), ao general Jonhnston. Em seguida vemos o grito de avante do lado sulista (bandeira no plano de fundo) e em contraplano o outro exército: os nortistas. Na página seguinte vemos o resultado em close do disparo de canhões. As imagens sugerem movimento, apesar de estarem estáticas: os personagens estão em movimento – os soldados que foram atacados pelo canhão, e os soldados que avançam carregando a bandeira sulista.

Para Perdigão (apud SOUZA, 2013), o filme de western apresenta quatro antinomias fundamentais do mito do velho oeste: o estar dentro e ao mesmo tempo fora da civilização; a relação de forças conflitivas existentes na luta entre o bem e o mal; a oposição entre a força e a fragilidade; a relação entre a selva (bárbaros) e a civilização, portanto, em que elementos ambivalentes, maniqueístas, definidos em opostos estariam ali sendo representados. Para ele “o caráter universal do western reside na sua estruturação sobre o mito” (SOUZA, 2013, p. 38) e Tex corresponde a isto, como dito anteriormente, o oeste acompanha o ranger: ele ainda é um cowboy que fará justiça com as próprias mãos e sempre tomará partido pelo bem (observando portanto a presença da dicotomia bem x mal), mas que se confundem às vezes: à medida que avançamos historicamente nas aventuras, o personagem muda sutilmente. Nas aventuras texianas mais antigas (do início das publicações), as representações de bem e mal eram bem definidas, em aventuras mais recentes, se confundem, fazendo o ranger relutar em tomar partido, e ser mais problematizador da realidade posta a seus olhos. No entanto, apesar desta sutil mudança, ele sempre irá tomar partido, e ao final da narrativa, sempre será pelos grupos minoritários e fazendo a aplicabilidade prática da lei, seja pela prisão, condenação ou pela morte dos “maus elementos”.



### Considerações finais:

*“Comprida a história, estreita a via.  
Contem a sua, pois já contei a minha”<sup>55</sup>.*

Conforme a proposta inicial, foi possível demonstrar como Tex Willer contribuiu para a disseminação e consolidação de um discurso nacionalista de uma nação, de um EUA que se constrói em cima de uma Guerra Civil na qual a União é vitoriosa. E é também uma faceta de toda a produção Bonelliana de como o personagem Tex vai sendo formado baseado em um discurso de justiça muito próprio, que está presente na Itália pós-fascismo: a necessidade da União que não seja pelo totalitarismo, mas pela defesa da justiça e da democracia, apesar da justiça permanecer em mãos de justiceiros estrelados e com o uso da violência.

Na história da Guerra de Secessão, foi possível perceber que as disputas também ocorrem no âmbito político, no Congresso norte-americano e a permanente luta pelo equilíbrio (instável) das representações da sociedade. Isto demonstra a falta de consenso e os diversos debates, bem como a contradição, o que edifica o ideário democrático de representatividade do corpo político, pois busca obter uma média de interesse social. O próprio personagem Tex é sulista e luta a favor do Norte, e é uma escolha política dos autores a fim de reforçar a “cara” que se quer dar a este personagem: um herói das classes excluídas (índios e negros), dos oprimidos, dos injustiçados, fazendo “justiça com as próprias mãos”<sup>56</sup> baseado em seu lema tão difundido e reforçado ao longo das

<sup>55</sup> CALVINO, ITALO. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997. p. 141.

<sup>56</sup> Coloco entre aspas, pois Tex é um ranger, portanto empregado do Estado e sua justiça nem sempre é feita com o consenso de seus superiores, porém, em alguns momentos (a maioria) ele impõe o seu senso de justiça próprio e atua conforme sua vontade: aplicando interrogatórios rigorosos (na base da “pancadaria”) aos suspeitos que quase sempre são culpados. Isto é, ele utiliza de meios (métodos de tortura) para atingir um fim: informações e nunca julga mal o caráter dos “bandidos”.

páginas de suas histórias: “olho por olho e dente por dente”, fazendo valer a lei neste território do Oeste tido como bárbaro.

Os autores de Tex partem de um determinado lugar (Itália de 1948), mas não como uma página em branco, eles dialogam, por exemplo, com as leituras da literatura e do cinema de *Western* muito comuns neste período e a partir disto produzem suas próprias leituras. Portanto, o Tex é um produto de apreensão cultural de italianos se projetando sobre os mitos de unificação de outro país, os EUA, e a partir desta apreensão constroem uma representação com particularidade associadas a sua própria cultura de origem.

Em seguida, as adaptações de Tex para o cinema (que não me propus a debater aqui) sugerem novas abordagens historiográficas uma vez que é outro tipo documento e as análises devem ser outras, entretanto, não podemos nos esquecer que autores italianos, de acordo com o que vivenciam (leem) da história dos EUA, escrevem sobre esta a partir de um personagem de western, e influenciam outras áreas da cultura como, por exemplo, o cinema (com uma safra de filmes conhecidos como *Western Spaguetti*, e mesmo a produção *Tex e o senhor dos Abismos*, por exemplo).

Este trabalho propiciou apontar uma relação estabelecida a partir da análise dos gibis do personagem Tex, pensando-os nesta intersecção de apreensões e construção de representações que entrelaçaram o estudo de história referente aos EUA e da Itália quando do período de criação e do início das produções Texianas. Tex é imaginado vivendo no grande momento simbólico da construção de ideário de nação dos EUA, o período que compreende desde a Guerra de Secessão ao processo de expansão e modernização do Oeste com o projeto colocado em andamento pelos grandes oligopolistas do Norte dos EUA, vencedores de fato desta batalha. O período que está situado entre os anos de 1860 a 1890.

O desenvolvimento deste trabalho também foi importante à medida que foi possível compreender um pouco mais sobre o contexto italiano de produção destas histórias e de criação destes personagens imaginado por europeus. Tex, assim como vários outros *westerns* são produções italianas que fazem referências a outra cultura, inclusive nunca visitado por seu criador (Luigi Bonelli) até a criação de Tex.

Isso nos levou a questionarmos qual a relação que pudemos estabelecer com a própria história contemporânea da Itália ao construir um personagem heroico e de sucesso mas que seria de outra nação. As representações dizem respeito ao contexto de produção das mesmas na Itália no presente do pós- II Guerra Mundial e os próprios

conflitos internos entre fascistas, comunistas, a máfia, e toda a população civil envolvida nestas disputas e sob a égide do cristianismo. Assuntos estes que cedo ou tarde aparecem nas aventuras de Tex.

Abaixo, a imagem selecionada para a conclusão do trabalho que mostra o personagem em sua majestosa pose de herói humano, solitário, vivido, justiceiro: cowboy acompanhado em seu meio de transporte favorito – o cavalo, munido de seu laço (na sela à esquerda), seu rifle e o cinturão com os *colts* calibre 45. Esta é uma imagem que engloba as características apontadas ao longo do trabalho que constituem Tex Willer, o cowboy, o procurado, o ranger, o marido de Lilyth, o chefe Navajo, o Águia da noite, que foi apresentado ao longo de diversas passagens deste texto, o herói “americano” de chão italiano.

O pôster foi desenhado por Galep (assinatura no canto inferior esquerdo) mostrando o ranger e seu cavalo bebendo água cercados por uma vegetação pantanosa, em um excelente trabalho de luz e sombra. Por se tratar de um pôster, a intenção não é inserir em uma narrativa este quadro, mas sim fazê-lo em tamanho maior que o natural e mais elaborado: levando mais tempo para ficar pronto, trazendo mais detalhes (na água do riacho, por exemplo, nos músculos do cavalo bem desenhado e mesmo em Tex).

O pôster cumpre sua função de divulgar uma dada imagem do tema que está sendo abordado sempre. Neste caso a escolha por um para concluir este trabalho é de deixar uma imagem do desenhista original de Tex, o criador gráfico, que também revela quem é este Tex: filho de fazendeiro, fora-da-lei, ranger, criador de gado, batedor do exército nortista da Guerra de Secessão, ranger novamente, esposo da índia navajo Lírio Branco, pai de Kit Willer (Falcão Pequeno), defensor de grupos minoritários (mulheres, negros, índios), chefe de todas as tribos navajos – o Águia da noite e o, muitas vezes, solitário, justiceiro Tex Willer. Mas também o herói mais famoso da Sergio Bonelli Editore, criado em 1948 por mãos italianas recém saídas do fascismo de Benito Mussolini: o Tex Willer de Giovanni Luigi Bonelli e Aurelio Galeppinni.

Mostramos aqui este Tex que é parte de uma cultura de mídia, transnacional, que circula em vários lugares, se identifica com algo que está além do lugar nacional. Assume um discurso nos últimos anos de imoralidade da política, que é bem contemporâneo e tem provocado como efeito uma descrença geral e uma apatia total em relação à participação dos mais jovens, além dos vários decepcionados com os encaminhamentos políticos ditos democráticos. Isto está marcado em *Chamas de guerra*, que apesar de não alterar o personagem, o coloca politicamente mais ativo e traz



roteiros melhor elaborados no que tange às questões políticas atuais, sobretudo por meio da figura política de Walcott, mas também já apresenta indícios nas primeiras versões *Entre duas bandeiras* (e seguintes) na medida em que apresenta o personagem como um sujeito ator político, que toma partido, que aplica a Lei, para além de ser somente o representante desta, que luta pelos minoritários, que é refletido por valores religiosos de seus autores: as ideias de destino, vingança, bem x mau, catarse, ética e punição divina.

FIGURA 33: pôster de Tex Willer desenhado por Galep.



Fonte: <https://hqcommusica.files.wordpress.com/2012/12/2arte-de-aurelio-galleppini.jpg>. Acesso em 10 out. 2015.

### Referências bibliográficas:

- ALVES, RUBEM. Pesquisa para quê? **Revista reflexão**. Campinas: [s.n.], 1975.
- ASIKINACK, Bill; SCARBOROUGH, Kate. **Explorando a América do Norte – Canadá e Estados Unidos**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BARROS, José D<sup>o</sup> Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BERNARDO, T. M. **Anomia, outsiders e identidades no tempo presente através de Batman: A Pianda Mortal**. O olho da história, n. 16, Salvador, julho de 2011. Disponível em: <http://oolhodahistoria.org/n16/artigos/thiago.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2013.
- BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BIBE-LUYTEN, Sonia M. **O que é história em quadrinhos?** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOSELLI, Mauro. **Tex Willer: a história da minha vida**. São Paulo: Mythos Editora, 2012.
- BOSWORTH, R. J. B. **Italy and the wider world 1860-1960**. London/ New York: Ed. Poutledge, 1996.
- BREEN, T. H. Interpretando o nacionalismo no Novo Mundo. In: PAMPLONA, M. A.; DOYLE, D. H. **Nacionalismo no novo mundo, a formação de Estados-nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BRUNONO, Gianni. **Tex Willer evergreen hero of comics**. 2004. Disponível em: <[HTTP://www-en.sergiobonellieditore.it/auto/componi\\_recensioni?id\\_personaggio=1](http://www-en.sergiobonellieditore.it/auto/componi_recensioni?id_personaggio=1)>. Acesso em 13 de julho de 2012.
- CÁCERES, Florival. **História da América**. São Paulo: Moderna, 1980.
- CALHOUN, C. O nacionalismo importa. In: PAMPLONA, M. A.; DOYLE, D. H. **Nacionalismo no novo mundo, a formação de Estados-nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CANZIO, DECIO. Entrevista. 2012. Disponível em: <http://www.sergiobonelli.it/sezioni/2444/faq>. Acesso em 14 dez. 2015. In: BONELLI, G. L. **Il mio nome é Tex**. Milão: Arnoldo Mondadori, 1975.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos avançados. 11 (5), 1991.

- CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CURTIS, Edward S. **Los Indios de la norteamérica**. Singapore: Taschen, 2005.
- DARTON, Robert. **O grande massacre de gatos**. E outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DUGGAN, Christopher. **Historia de Italia**. New York: Cambridge University press, 1994.
- DUPRAT, Annie. **Images et histoire: outils et méthodes d'analyse des documents iconographiques**. Paris : Belin, 2007.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- EISENBERG, Peter Louis. **Guerra civil americana**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FILHO, Geraldo Inácio. **A monografia nos cursos de graduação**. 3 ed. Uberlândia: EDUFU, 2010.
- FILHO, Lúcio Reis. Corações na curva do rio a imagem do inimigo no western. **Domínios da Imagem - Revista do LEDI**, Londrina, PR, ano IV, n. 7, p. 97-107, nov. 2010.
- FOGU, Claudio. **The historic imaginary: politics of history in fascist Italy**. Canada: Ed. University of Toronto Press, 2003.
- FOHLEN, Claude. **O faroeste**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.
- FONSECA, O. K. da.; FOGO, E. L. **Faroeste italiano em quadrinhos: Tex na guerra de secessão**, 2005. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAA2UkAI/faroeste-italiano-quadrinhos-tex-na-guerra-secessao>. Acesso em: 10 out. 2015.
- GALLUCCI, Danilo Ribeiro. Dia nacional dos quadrinhos: o universo em tira. **Brasil Almanaque de Cultura Popular**, São Paulo, nº 105, ano 9, p. 20-23, jan. 2008.
- GENTILE, Emilio. **Le origini dell'Italia contemporanea**. L'età giolittiana. Roma: Editori Laterza, 2003.
- GEORGEL, Jacques. **L'Italie au XXe siècle**. La documentation française : Paris, 1996.



GERSTLE, G. Raça e nação nos Estados Unidos, México e Cuba, 1880-1940. In: PAMPLONA, M. A.; DOYLE, D. H. **Nacionalismo no novo mundo, a formação de Estados-nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GHIRELLI, Antonio. **La nostra Repubblica: presupposti e condizioni politiche e social dela costituzione italiana**. Consiglio regionale dela campania. [S.l.]: Edizioni Scientifiche Italiane, [19--?].

GIAN LUIGI BONELLI. **Gian Luigi Bonelli replies to your questions. Il mio nome e Tex**. Disponível em: <<http://www-en.sergiobonellieditore.it/tx/servizi/faq.html>>. Acesso em 13 de julho de 2012. Entrevista concedida a Decio Canzio.

GINSBORG, Paul. **A history of contemporary Italy. Society and politics – 1943 – 1988**. London: Ed. Penguin Books, 1990.

GRANT, Susan-Mary. Americanos construindo uma nova nação, 1860-1916. In: GREENE, J. P. Identidades dos estados e identidade nacional à época da Revolução Americana. In: PAMPLONA, M. A.; DOYLE, D. H. **Nacionalismo no novo mundo, a formação de Estados-nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GREENE, Jack P. Reformulando a identidade inglesa na América Britânica colonial: adaptação cultural e experiência provincial na construção de identidades corporativas. In: **Almanack braziliense**. Revista eletrônica. IEB – USP, N. 4, novembro de 2006.

GUBERN, R. **Literatura da imagem**. Coleção Biblioteca Salvat de Grandes temas. Salvat: Barcelona, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWM, Eric. A nação como novidade: da revolução ao liberalismo. In: \_\_\_\_\_. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito, e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBBSAWM, Eric. O caubói americano: um mito internacional? In: \_\_\_\_\_. **Tempos fraturados**. São Paulo: Cia das letras, 2013.

HOLMES, George (editor). **The Oxford history of Italy**. New York: Oxford University press, 1997.

HOMBERGER, Eric. **Atlas historique de l'Amérique du Nord – États-Unis, Mexique, Canada : une lutte pour l'espace**. Autrement : Paris, 1995.

JUNIOR, Gonçalo. **O mocinho do Brasil: a história de um fenômeno editorial chamado Tex**. São Paulo: Laços, 2009.

JUNQUEIRA, Mary Anne. James Fenimore Cooper e a conquista do oeste nos Estados Unidos na primeira metade do século XIX. In: **Revista Diálogos**. DHI/UEM, v. 7, p. 11-24, 2003. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/varia/admin/pdfs/23p97.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2012.

KARNAL, L. (et al.). **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

KARNAL, Leandro. **Estados Unidos: a formação da nação**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

KARNAL, Leandro. **Teatro da fé** – representação religiosa no Brasil e no México do século XVI. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.

KASPI, André. **La Guerre de Sécession les États désunis**. Découvertes Gallimard Histoire : cidade desconhecida, 1992.

KEEGAN, John. **La Guerre de Sécession**. Editora Perrin : sem cidade, 2011.

LAINÉ, Jean-Marc. **Comics & contre-culture**. [S.l.]: Editions Confidentiel, 2014.

LANGER, Johnni. Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos. **Revista História hoje**. São Paulo, nº 5, 2004. Disponível em: <http://docplayer.com.br/8372044-Metodologia-para-analise-de-estereotipos-em-filmes-historicos-johnni-langer-i.html>. Acesso em 14.dez. 2015.

LE GOFF, Jacques ; NORA, Pierre. **História : novos problemas**. Rio de Janeiro : Francisco Alves editora, 1988.

LEITE, Sarah Ayesha. A criatividade na sala de aula: o ensino de história e os recursos da indústria cultural. **Cadernos de história**, Uberlândia, v.7, n.7, p. 69-81, jan. 97/ dez. 98. 1997 – 1998.

LEUCHTENBURG, W. E. (Org.). **O século inacabado: a América desde 1900**. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

LEWIS, Jon E. (edição). **Os melhores contos de faroeste**. Uma antologia de histórias clássicas da fronteira americana. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MARCONDES, Beatriz; MENEZES, Gilda; TOSHIMITSU, Thaís. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2000.

MARIENSTRAS, Elise. **Les mythes fondateurs de la nation americaine**. Bruxelles: Editions complexe, 1992.

MARIENSTRAS, Elise. **Nous, le peuple**. Les origines du nationalisme américain. France : Éditions Gallimard, 1988.

MATTOS, Marcelo Badaró. (Org.). **História pensar e fazer**. Rio de janeiro: Laboratório Dimensões da História – LDH, 1998.

MCMILLEN, (et. al.). **Uma reavaliação da História dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

MELANDRI, Pierre. A reconstrução. In: \_\_\_\_\_. **História dos Estados Unidos desde 1985**. Lisboa: Edições 70, 2006.

MELO, R.M.B. **A construção da história em quadrinhos: seu uso cultural na mídia impressa**. Disponível em: <http://dmd2.webfactional.com/media/anais/HISTORIA-E-QUADRINHO-E-MIDIA.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2013.

MILZA, Pierre. **Histoire de l'Italie**. Des origines à nos jours. Fayard : cidade desconhecida, 2005.

MIRANDA, C. L.; RODRIGUES, A. V. F. **Fichas de leitura: introdução à prática do fichamento**. Uberlândia: Edufu, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011.

OFFENSTADT, Nicolas (dir.). **Les mots de l'historien**. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2009.

OLIVEIRA, C. E. R. **Gramsci e histórias em quadrinhos: Mafalda e a construção de sentidos contra-hegemônicos**. Disponível em: <http://www.gramsci.org.ar/mafalda/mafalda.htm>>. Acesso em 13 ago. 2012.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo Rebuá. **Mafalda na aula de História: a crítica aos elementos característicos da sociedade burguesa e a construção coletiva de sentidos contra-hegemônicos**. 153 f. Dissertação (mestrado em educação) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: [http://www.proped.pro.br/teses/teses\\_pdf/2009\\_1-519-ME.pdf](http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2009_1-519-ME.pdf)>. Acesso em 13 jul. 2012.

OLIVEIRA, L. L. **Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

OLIVIEIRA, C. E. R. **Mafalda encontra gramsci na aula de história**. Disponível em: [http://www.nufipeuff.org/seminario\\_gramsci\\_e\\_os\\_movimentos\\_populares/trabalhos/Carlos\\_Eduardo\\_Rebua\\_Oliveira.pdf](http://www.nufipeuff.org/seminario_gramsci_e_os_movimentos_populares/trabalhos/Carlos_Eduardo_Rebua_Oliveira.pdf)>. Acesso em: 13 jul. 2012.

OLMOTI, Giogio. **Storia fotografica della società italiana. Il boom. 1954-1967**. Roma: Editori Riuniti, 1998.

OMENA, L. G. S. **Quadros da história. Considerações historiográficas sobre o uso de HQs como fontes**. O olho da história, n. 16, Salvador, julho de 2011. Disponível em: <http://oolhodahistoria.org/n16/artigos/leandro.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2013.

PAMPLONA, M. A.; DOYLE, D. H. Introdução: Americanizando a conversa sobre o nacionalismo. In: PAMPLONA, M. A.; DOYLE, D. H. **Nacionalismo no novo mundo, a formação de Estados-nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PAMPLONA, Marco Antônio. Considerações e reflexões para uma história comparada das Américas: a respeito do artigo de Jack P. Greene. In: **Almanack brasileiro**. Revista eletrônica. IEB – USP, n.4, novembro de 2006.

PEREIRA, P. *En los adueros ranqueles*: sobre alguns temas históricos presentes nos quadrinhos de Inodoro Pereyra, o renegado. In: **Anais da Primeiras Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**, São Paulo, 2011.

PEREIRA, P. **Entre a épica e a paródia**: a (des) mistificação do gaúcho nos quadrinhos de Inodoro Pereyra, el renegau. 2011. 334 f. Dissertação (mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000789557&fd=y>. Acesso em: 08 jul. 2014.

PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

REIS, Lucas Henrique dos. **John Ford, o índio e o western: representações do nativo em Crepúsculo de uma raça**. Anais do II Seminário de História e cultura: imagens na escrita da História, Universidade Federal de Uberlândia, mai. 2014.

ROCHA, Everton Mello. **Representações da guerra fria na História em Quadrinhos Batman – o cavaleiro das trevas**. 2010. 73 f. Trabalho de conclusão de curso – Instituto de filosofia e ciências humanas – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

RODRIGUES, Ana Vera Finardi; MIRANDA, Celina Leite. (Org.). **Fichas de leitura: introdução à prática do fichamento**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

RODRIGUES, Márcio dos Santos. **Representações políticas da guerra fria: as histórias em quadrinhos de Alan Moore na década de 1980**. 2011. 212 f. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-994G9X>. Acesso em: 08 jul. 2014 .

ROSO, A., STREY, M. N., GUARESCHI, P., BUENO, S. M. N. **Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero**, 2002.

SFORZA, Conde Carlo. **A Itália contemporânea. Suas origens morais e intelectuais**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1945.



SOMMER, Doris. A autenticidade plagiada: o Cooper de Sarmiento e de outros. In: **Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SOUZA, A. C. de B. O uso da cor na adaptação do western spaguetti para os quadrinhos. **Imaginário!**, vol 4, jun. 2013. Disponível em: <http://www.marcadefantasia.com/revistas/imaginario/imaginario-01-10/imaginario-04/imaginario-4.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2015.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. A apreensão espacial na sociedade italiana do pós-guerra. **Domínios da Imagem - Revista do LEDI**, Londrina, PR, ano III, n. 6, p. 85-90, maio 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. SANDOS, Roberto Elísio dos Santos. Para uma metodologia da pesquisa em História em quadrinhos. In: BRAGA, J. L.; LOPES, M. I. V.; MARTINO, L. C. (Orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

**Fontes:**

TEX A ÁGUIA DA NOITE. São Paulo: Globo, n.13, fev. 1988. 98 p.

TEX A BATALHA SANGRENTA. São Paulo: Vecchi, n.55, set. 1975. 112 p.

TEX A BELA CONSPIRADORA. São Paulo: Globo, n.30, ago. 1989. 97 p.

TEX A CIDADE DE OURO. São Paulo: Mythos, n.26, 2014. 250 p.

TEX A CORRIDA DA FLECHA. São Paulo: Vecchi, n.122, abr. 1981. 111 p.

TEX A ESTRADA NO CÉU. São Paulo: Mythos, n.310, jun. 2012. 114 p.

TEX A MÃO DO DESTINO. São Paulo: Mythos, n.269, jun. 2009. 114 p.

TEX A MARCA DO PODER. São Paulo: Mythos, n.433, nov. 2005. 112 p.

TEX A NOITE DOS TORTURADORES. São Paulo: Mythos, n.453, jul. 2007. 114 p.

TEX ÁGUIA DA NOITE. São Paulo: Globo, n.210, abr. 1987. 114 p.

TEX ALMANAQUE DO FAROESTE. São Paulo: Globo, n.01, ago. 1996. 177 p.

TEX ALMANAQUE O SUBSTITUTO. São Paulo: Mythos, n.39, mai. 2010. 114 p.

TEX ANUAL O LONGO BRAÇO DA LEI. São Paulo: Mythos, n.13, dez. 2011. 306 p.

TEX ATAQUE À DILIGÊNCIA. São Paulo: Mythos, n.504, out. 2011. 114 p.

TEX BATALHA EM ALTO MAR. São Paulo: Mythos, n.208, mai. 2004. 114 p.

TEX CAÇADA AOS DIAMANTES. São Paulo: Mythos, n.362, dez. 1999. 96 p.

- TEX CAÇADORES DE PELES. São Paulo: Mythos, n.245, jun. 2007. 114 p.
- TEX CAMINHO SEM VOLTA. São Paulo: Mythos, n.297, out. 2011. 114 p.
- TEX CHEFE DOS NAVAJOS. São Paulo: Globo, n.29, jul. 1989. 98 p.
- TEX CHINATOWN. São Paulo: Mythos, n.157, fev. 1999. 97 p.
- TEX CORRIDA DA FLECHA. São Paulo: Mythos, n.247, ago. 2007. 114 p.
- TEX e o senhor do abismo. Direção: Duccio Tessari. Itália: Titanus, 1985. 1 dvd (94 min.), son., color.
- TEX EDIÇÃO DE OURO CHAMAS DE GUERRA. São Paulo: Mythos, n.4, jan. 2003. 258 p.
- TEX EDIÇÃO DE OURO O DOSSIÊ LINCOLN. São Paulo: Mythos, n.66, mai. 2013. 226 p.
- TEX EDIÇÃO HISTÓRICA: DIABLERO. São Paulo: Mythos, n.70, ago. 2006. 240 p.
- TEX EDIÇÃO HISTÓRICA: TERRITÓRIO APACHE. São Paulo: Mythos, n.60, set. 2003. 160 p.
- TEX EM CORES: O CASAMENTO DE TEX. São Paulo: Mythos, v.5, jun. 2010. 252 p.
- TEX ENTRE DUAS BANDEIRAS. São Paulo: Vecchi, n.53, ago. 1981. 114 p.
- TEX ESPECIAL DE FÉRIAS O CAÇADOR DE HOMENS. São Paulo: Mythos, n.9, jun. 2010. 236 p.
- TEX FOGO!. São Paulo: Globo, n.28, jun. 1989. 98 p.
- TEX FORA DA LEI. São Paulo: Globo, n.5, jun. 1987. 98 p.
- TEX FUGA DA ANDERVILLE. Milão: Sergio Bonelli Editore, n. 299, mar. 2012. 114 p.
- TEX FUGA NA NEVE. São Paulo: Mythos, n.451, mai. 2007. 114 p.
- TEX GLI AVVOLTOI. Milão: Sergio Bonelli Editore, n. 297, fev. 2012. 114 p.
- TEX GUERRILHA NAS MONTANHAS. São Paulo: Mythos, n.532, fev. 2014. 114 p.
- TEX HOMENS SEM MEDO. São Paulo: Mythos, n.121, mar. 1981. 128 p.
- TEX I DUE GUERRIGLIERI. Milão: Sergio Bonelli Editore, n.584, out. 2012. 114 p.

- TEX MINUTOS CONTADOS. São Paulo: Mythos, n.463, mai. 2007. 114 p.
- TEX MISSOURI!. Milão: Sergio Bonelli Editore, n.583, set. 2012. 114 p.
- TEX NA POLÍCIA MONTADA. São Paulo: Vecchi, n.52, jul. 1981. 128 p.
- TEX O CASAMENTO DE TEX. São Paulo: Mythos, n.05, jun. 2010. 250 p.
- TEX O COMBOIO DOS APACHES. São Paulo: Mythos, n.336, ago. 2013. 114 p.
- TEX O ESCRAVO BRANCO. São Paulo: Globo, n.226, dez. 1991. 111 p.
- TEX O HORRÍVEL SORTILÉGIO. São Paulo: Mythos, n.281, jun. 2010. 114 p.
- TEX O PACTO DE SANGUE. São Paulo: Globo, n.12, jan. 1988. 98 p.
- TEX O PASSADO DE KIT CARSON. São Paulo: Globo, n. 317, mar. 1996. 114 p.
- TEX O TESOIRO DE VITORIO. São Paulo: Mythos, n.244, mai. 2007. 114 p.
- TEX OS CAVALEIROS DA VINGANÇA. São Paulo: Mythos, n.230, mar. 2006. 114 p.
- TEX OS HERÓIS DO TEXAS. São Paulo: Mythos, n.414, abr. 2004. 112 p.
- TEX OS IRMÃOS DONEGAN. São Paulo: Mythos, n.432, out. 2005. 114 p.
- TEX OS SINOS DOBRAM POR LUCERO. São Paulo: Mythos, n.206, mar. 2004. 114 p.
- TEX POSTO DE BLOQUEIO. São Paulo: Mythos, n.439, mai. 2006. 112 p.
- TEX QUANDO EXPLODEM OS CANHÕES. São Paulo: Vecchi, n.54, ago. 1981. 114 p.
- TEX RURALES. Milão: Sergio Bonelli Editore, n.564, out. 2007. 114 p.
- TEX SANGUE NO PARAÍSO. São Paulo: Mythos, n.471, jan. 2009. 114 p.
- TEX SÃO FRANCISCO. São Paulo: Mythos, n. 207, abr. 2004. 114 p.
- TEX SPEDIZIONE IN MESSICO. Milão: Sergio Bonelli Editore, n.563, set. 2007. 114 p.
- TEX SUL SENTIERO DEI RICORDI. Milão: Sergio Bonelli Editore, n.575, set. 2008. 114 p.
- TEX TAL PAI, TAL FILHO. São Paulo: Mythos, n.09, mai. 2011. 250 p.
- TEX TERRITORIO NEMICO. Milão: Sergio Bonelli Editore, n.298, fev. 2012. 114 p.

TEX TRA DUE BANDIERE. Milão: Sergio Bonelli Editore, n.113, jun. 2004. 114 p.

TEX TUMAK, O IMPLACÁVEL. São Paulo: Mythos, n.442, ago. 2006. 114 p.

TEX WILLER. In: DESCICLOPÉDIA. Disponível em:  
<[http://desciclopedia.org/wiki/Tex\\_Willer](http://desciclopedia.org/wiki/Tex_Willer)>. Acesso em 07 jul. 2014.

#### **Referências de sites:**

<http://www.texbr.com>. Acesso em: 13 jul. 2012.

<http://guia.mercadolivre.com.br/tex-willer-60-anos-aventuras-22150-VGP>. Acesso em: 13 jul. 2012.

[http://www.universohq.com/quadrinos/2012/n14022012\\_01.cfm](http://www.universohq.com/quadrinos/2012/n14022012_01.cfm). Acesso em: 13 jul. 2012.

<http://www.gsfilmes.net/os-imperdoaveis-dvdrip-rmvb-legendado-2/>. Acesso em: 13 jul. 2012.

[http://www.texbr.com/pards/carson\\_real.htm#topoini](http://www.texbr.com/pards/carson_real.htm#topoini). Acesso em: 21 set. 2012.

[http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod\\_per=19083](http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=19083). Acesso em: 21 set. 2012.

<http://www.fumettologica.it/2014/06/quanto-vendono-i-fumetti-bonelli-i-dati-2014/>. Acesso em 20 jan. 2015.